



MILAN KUNDERA

RISÍVEIS AMORES

Sete histórias de amor extremamente originais.

*Do mesmo autor de
A insustentável leveza do ser*

*Tradução de
Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca*



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

27ª EDIÇÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Milan Kundera

RISÍVEIS AMORES

Sete histórias de amor extremamente originais

Este e-book:

Digitalização: SCS

Sumário

[O pomo de ouro do eterno desejo](#)

[Ninguém vai rir](#)

[O jogo da carona](#)

[O simpósio](#)

[Que os velhos mortos cedam lugar aos novos mortos](#)

[O Dr. Havel dez anos depois](#)

[Eduardo e Deus](#)

Contracapa

Os equívocos resultantes da incapacidade fundamental que tem o homem de comunicar-se com os outros, e também consigo mesmo, são o tema destes contos de Milan Kundera, o consagrado autor de *A insustentável leveza do ser*. Surgem desses mal-entendidos novas circunstâncias e novas personalidades que os amantes têm dificuldade em reconhecer, e que podem ser reveladoras ou ameaçadoras. Seus amores não descem nunca a níveis profundos de comunicação, e por isso eles são vulneráveis a qualquer situação que coloque sob um ângulo novo as pessoas amadas. No fundo, são amores mais trágicos do que risíveis, porque distantes de um entendimento autêntico entre os que se amam.

Orelhas do livro

O equívoco, seja ele de situações ou de sentimentos, é o que torna risíveis os amores descritos neste livro de contos de Milan Kundera, de quem a Nova Fronteira já publicou um romance de título igualmente estranho, *A insustentável leveza do ser*. Há nestas histórias mal-entendidos capazes de provocar circunstâncias novas de relacionamento que podem ser reveladoras ou assustadoras: amantes se vêem de repente como estranhos, e seu amor muda de caráter; invertem-se as colocações no relacionamento amoroso, dando aos amantes uma sensação de irrealidade na qual já não distinguem mais os contornos de suas emoções, por mais que as procurem analisar.

Esses equívocos resultam de uma incapacidade fundamental que têm os personagens de Kundera não só de se comunicarem entre si, como também de se comunicarem consigo mesmos. Eles estão sempre sós num mundo — interior ou exterior — no qual os outros são meras sombras. Os objetos de seus amores são exatamente isso, objetos. Falta a esses amantes, jovens ou velhos, idealistas ou cínicos, a identificação que transforma o amador na coisa amada: daí a sua vulnerabilidade ante situações novas criadas pelos equívocos. Não conhecem realmente o outro e, quando o vêem sob um ângulo levemente diferente do habitual, perdem com ele o pouco contato que tinham.

Por isso esses amores são risíveis, por estarem mais próximos da farsa do que do sublime. "Ah, senhoras e senhores", exclama um dos personagens, "é triste a vida quando não se pode levar nada e ninguém a sério." Ou seja, são amores trágicos porque negam a possibilidade de comunicação autêntica entre os que se amam — o que equivale ao desaparecimento da própria razão de viver.

Milan Kundera nasceu em Praga, mas em 1975 transferiu-se para a França, onde vive até hoje.



O POMO DE OURO DO

ETERNO DESEJO



Martin

Martin é capaz de coisas de que sou incapaz. De abordar qualquer mulher em qualquer rua. Devo confessar que, desde que conheço Martin (e isso faz bastante tempo), tenho me aproveitado muito desse talento do meu amigo, pois gosto de mulheres tanto quanto ele, mas não possuo sua impetuosa audácia. Por outro lado, poderia censurar Martin por fazer da *abordagem* um exercício de virtuosismo considerado como um fim em si e, muitas vezes, não ir mais adiante. É por isso que ele se compara, não sem certa amargura, ao generoso atacante que dá bons passes para um companheiro de equipe, fazendo-o assim marcar gols fáceis e colher glórias sem grande esforço.

Na segunda-feira daquela semana, ao sair do trabalho à tarde, eu estava esperando por ele num café da praça São Venceslau, absorvido na leitura de um grosso livro alemão sobre a antiga cultura etrusca. Foram necessários muitos meses para que a biblioteca da universidade conseguisse para mim o empréstimo dessa obra na Alemanha. Naquele dia eu estava acabando de recebê-la; trazia-a comigo como uma relíquia e no fundo estava muito contente com o atraso de Martin, pois assim poderia finalmente folhear numa mesa de café o tão desejado livro.

Não posso evocar essas velhas culturas antigas sem uma espécie de nostalgia. De nostalgia e inveja, ao pensar sem dúvida na suave lentidão da história naquele tempo. A antiga cultura egípcia ocupa muitos milênios, a antigüidade grega durou perto de mil anos. Sob esse aspecto, a vida do ser humano como indivíduo é uma imitação da história humana: a princípio mergulhada numa imóvel lentidão, depois acelerando aos poucos e cada vez mais. Martin faria quarenta anos dentro de dois meses.

Começa a aventura

Foi ele que interrompeu essa meditação. Apareceu de repente na moldura da porta de vidro do bar e veio ao meu encontro, com trejeitos e gestos expressivos na direção de uma moça sentada a uma mesa, diante de

uma xícara de café. Sentou-se a meu lado sem desviar os olhos dela e me perguntou: — O que você acha?

Fiquei encabulado. Era verdade: estava de tal maneira mergulhado na leitura do meu livro que ainda não havia reparado na moça; tinha de admitir que era bonita. No mesmo instante, ela endireitou o busto, chamando o *maître* de gravata borboleta preta: queria a conta.

— A nossa também! — pediu Martin.

Já pensávamos que teríamos de nos apressar para segui-la na rua, mas tivemos sorte, pois ela ainda parou no vestiário. Tinha deixado ali uma sacola que uma empregada fora apanhar não sei onde, antes de colocá-la à sua frente em cima do balcão. Em seguida a moça deu uns trocados à empregada, e nesse momento Martin me arrancou das mãos o meu grosso livro alemão.

— Vamos colocar isto aqui — disse ele com um desplante natural, enfiando cuidadosamente o livro dentro da sacola da jovem, que pareceu espantada mas não soube o que dizer.

— Não é fácil ficar com isso na mão — disse ainda Martin, reclamando que eu não sabia me comportar, pois a moça se dispunha a carregar pessoalmente a sacola.

Ela era enfermeira num hospital do interior. Tinha dado um pulo a Praga e precisava se apressar para pegar de volta o seu ônibus. Bastou que a levássemos ao ponto do bonde para saber o essencial a respeito dela e combinar que iríamos a B... no sábado seguinte, a fim de reencontrar essa criatura encantadora que, como Martin não deixou de frisar com eloquência, deveria ter uma colega bonitinha.

O bonde aproximava-se lentamente. Estendi a sacola para a moça, que fez menção de retirar dela o livro, o que Martin impediu com um gesto magnânimo; que ela o devolvesse no sábado seguinte e que até lá o folheasse... Ela ria com um riso constrangido. O bonde a levou embora e nós lhe acenamos efusivamente.

Eu nada podia fazer. O livro há tanto tempo esperado de repente se encontrava perigosamente distante; considerando as coisas com frieza, isso era bastante lamentável. Mas não sei que loucura me fazia embarcar em suas asas prontamente abertas. Martin, sem perder um minuto, começou a

procurar as desculpas que daria à mulher no sábado à tarde e na noite de sábado para domingo (pois é assim: Martin é casado, tem uma mulher jovem e, o que é pior, ele a ama; e, o que é pior ainda, ele tem medo; e, o que é ainda bem pior, tem medo *por* ela).

Um cerco bem-sucedido

Arrumei uma bela Fiat emprestada para nossa excursão, e no sábado às duas horas fui buscar Martin, que me esperava em frente à sua casa. Logo em seguida partimos. Era julho e fazia um calor terrível.

Queríamos chegar a B... o mais cedo possível, mas parei o carro numa cidadezinha onde avistamos dois jovens com calções de ginástica e cabelos molhados. Perto, atrás das casas, havia um lago. Sentia necessidade de me refrescar; Martin aceitou a idéia.

Vestimos nossos calções de banho e mergulhamos. Eu teria chegado facilmente ao outro lado do lago, mas Martin limitou-se a mergulhar, sacudir-se e sair. Ao pisar de novo na margem, depois de atravessar o lago em sentido inverso, encontrei-o perdido em profunda contemplação. Um grupo de crianças brincava ruidosamente à beira da água, alguns jovens da cidade jogavam bola um pouco mais longe, mas Martin mantinha os olhos fixos no corpo vigoroso de uma jovem que estava a uns quinze metros, de costas para nós. Ela contemplava, numa imobilidade quase perfeita, as águas do lago.

— Olhe — disse Martin.

— Estou olhando.

— O que você acha?

— O que você quer que eu diga?

— Você não sabe o que deveria dizer?

— Tenho de esperar que ela se vire.

— Eu não preciso esperar que ela se vire. O que ela mostra deste lado já é mais do que suficiente.

— Está certo! mas não temos tempo de fazer nada com ela.

— O cerco — retrucou Martin —, o cerco!

Voltou-se para um garoto que enfiava um calção de ginástica.

— Ei, menino, por favor, você sabe o nome daquela moça? — Mostrou com o dedo a moça que continuava na mesma posição, presa de estranha apatia.

— Aquela?

— Sim, aquela.

— Ela não é daqui — respondeu o garoto.

Martin dirigiu-se então a uma menina de uns doze anos que tomava banho de sol perto de nós.

— Garota, você sabe quem é aquela moça, aquela que está em pé perto da água?

A menina se levantou, obedecendo: — Aquela lá longe?

— É.

— É Maria.

— Maria o quê?

— Maria Panek, de Puzdrany...

A moça continuava à beira do lago, de costas para nós. Abaixava-se para pegar sua touca de banho, e quando se levantou para colocá-la nos cabelos Martin já estava de novo perto de mim: — É uma tal de Maria Panek, de Puzdrany. Podemos ir embora!

Estava completamente calmo, de novo tranqüilo, e era visível que só pensava em prosseguir viagem.

Um pouco de teoria

É isso que Martin chama de *cerco*. Com sua vasta experiência, chegou à conclusão de que o mais difícil, para qualquer um que tenha grandes exigências numéricas nesse campo, não é tanto *seduzir* uma jovem quanto *conhecer* um número suficiente de jovens ainda não seduzidas.

Acha que devemos constantemente, em todos os lugares e circunstâncias, proceder ao cerco sistemático das mulheres ou, em outras palavras, anotar num caderno ou em nossa memória o nome das mulheres que nos agradaram e que um dia poderemos abordar.

A *abordagem* é um grau superior de atividade e significa entrar em contato com esta ou aquela mulher, conquistar a sua amizade e o acesso a ela.

Aqueles que, com presunção, gostam de se voltar para o passado, insistem no número de mulheres *conquistadas*; mas aqueles que olham para a frente, para o futuro, devem primeiro se preocupar em dispor de um número suficiente de mulheres *cercadas e abordadas*.

Além da abordagem, só existe um único e último grau de atividade, e quero acentuar, para agradar a Martin, que aqueles que aspiram somente a este último grau são homens miseráveis e inferiores que lembram certos jogadores de futebol do interior que vemos se lançar de cabeça baixa na direção do gol do adversário, esquecendo-se de que para marcar um ou mais gols não basta o desejo frenético de chutar, mas é preciso primeiro jogar em campo um jogo consciencioso e sistemático.

— Você acha que algum dia vai ter oportunidade de ir vê-la em Puzdrany? — perguntei a Martin quando retomamos a estrada.

— Nunca se sabe — respondeu ele.

— Em todo caso — observei —, o dia está começando bem para nós.

O jogo e a necessidade

Chegamos ao hospital de B... com excelente humor. Eram mais ou menos três e meia. Pedimos que chamassem nossa enfermeira pelo telefone da cabine do porteiro. Ela desceu pouco depois, de touca de enfermeira e blusa branca, e notei certo rubor em sua face, o que me pareceu um bom prenuncio.

Martin tomou rapidamente a palavra e a moça nos anunciou que seu trabalho terminaria às sete horas. Pediu-nos que a esperássemos a essa hora em frente ao hospital.

— Você já falou com sua colega? — perguntou Martin, e a moça confirmou.

— Seremos duas.

— Perfeito — disse Martin —, mas não podemos colocar meu amigo diante de um fato consumado.

— Bem — disse a moça —, podemos ir vê-la. Ela está na sala da cirurgia.

Atravessamos devagar o pátio do hospital e perguntei timidamente: — Você ainda está com meu livro?

A enfermeira fez que sim com a cabeça. Estava com ele e ali mesmo no hospital. Senti-me como que aliviado de um peso, e insisti em que ela fosse primeiro buscar o livro. É claro que Martin achou fora de propósito que eu preferisse abertamente um livro a uma mulher que me seria apresentada, mas foi mais forte do que eu.

Devo confessar que tinha sofrido muito durante esses poucos dias em que o livro sobre a cultura etrusca ficara fora do alcance dos meus olhos. Foi preciso um grande esforço para que suportasse isso sem reclamar, mas não queria de maneira alguma estragar o Jogo, esse valor que aprendi a respeitar desde o tempo de minha juventude e ao qual sei subordinar todos os meus interesses e desejos pessoais.

Enquanto reencontrava meu livro com emoção, Martin continuava a conversa com a enfermeira. Tinha ido tão longe que a moça prometera arranjar emprestado para a noite o chalé de um colega, perto do lago Hoter. Não podíamos estar os três mais satisfeitos e seguimos para o pequeno prédio verde onde ficava o serviço de cirurgia.

Bem nesse momento, uma enfermeira acompanhada de um médico atravessava o pátio no sentido inverso. O médico era um homem grande, magro e ridículo, com orelhas de abano, o que me fascinava. Nossa enfermeira me cutucou com o cotovelo e comecei a rir. Quando o casal se afastou, Martin virou-se para mim: — Você tem sorte, meu amigo, você não merece uma garota tão bonita!

Não ousei responder que só tinha olhado o sujeito grande e magro e formulei um elogio. No entanto, não era absolutamente uma prova de hipocrisia de minha parte. Confio mais no gosto de Martin do que no meu,

pois sei que o gosto dele se baseia num interesse muito maior do que o meu. Amo em todas as coisas, inclusive no amor, a ordem e a objetividade, e admiro muito mais um conhecedor do que um diletante.

Certas pessoas julgarão talvez hipócrita, da parte do homem divorciado que sou, ao contar justamente uma de suas aventuras (seguramente nada excepcionais) qualificar-se de diletante. E, no entanto, sou um diletante. Podemos dizer que *represento* aquilo que Martin *vive*. Algumas vezes me parece que minha vida de polígamo não passa de uma imitação dos outros homens, mas não nego sentir certo prazer com essa imitação. Não posso deixar de reconhecer que existe nesse prazer qualquer coisa de inteiramente livre, gratuito, revogável, que caracteriza uma visita a uma galeria de arte, ou a descoberta de paisagens exóticas e escapa a qualquer imperativo categórico comparável ao que pressinto por trás da vida erótica de Martin. O que me impressiona em Martin é exatamente essa imperativo categórico. Quando ele pronuncia um julgamento sobre uma mulher, parece-me que a Natureza em pessoa, a própria Necessidade se exprimem por sua boca.

O reflexo do lar

Quando saímos do hospital, Martin disse-me com insistência que tudo estava nos saindo às mil maravilhas. Depois acrescentou: — Hoje à noite temos de andar depressa. Quero estar de volta às nove horas.

Meus braços arriaram: — Às nove horas? Mas isso significa que temos de sair daqui às oito! Era inútil vir nessas condições! Pensei que tivéssemos a noite toda pela frente!

— Por que você acha que estamos perdendo tempo?

— Não faz sentido ter vindo aqui apenas por uma hora. O que pretende fazer das sete às oito?

— Tudo. Você ouviu, arranjei um chalé. Nessas condições, tudo vai ficar fácil. Tudo depende de você, vai ser preciso que você se mostre suficientemente decidido.

— E pode me dizer por que precisa voltar às nove horas?

— Prometi a Georgina. Jogamos nossa partida de cartas todos os sábados à noite antes de deitar.

— Meu Deus! — suspirei.

— Ainda ontem Georgina teve aborrecimentos no trabalho e você quer que eu lhe negue essa pequena alegria de sábado? Você sabe, ela é a melhor mulher que conheço.

E acrescentou:

— Aliás, você vai ficar contente de ter ainda uma noite inteira pela frente, em Praga.

Compreendi que era inútil discutir. Nada pode aplacar os temores que Martin sente em relação à tranqüilidade de sua mulher, nada pode abalar a confiança que tem nas inumeráveis possibilidades eróticas de cada hora e de cada minuto.

— Ande — disse Martin. — Até as sete ainda temos três horas. Não vamos perder tempo!

A trapaça

Fomos para a grande aléia do jardim público onde passeiam os moradores da cidade. Examinamos muitas duplas de moças que passavam por nós ou estavam sentadas nos bancos, mas elas não nos agradaram muito.

Apesar disso, Martin abordou duas com as quais entabulou conversa, marcando até encontro, mas eu sabia que não era para valer. É aquilo que chamo *abordagem de treinamento*; exercício a que ele se dedica de vez em quando para não perder a prática.

Contrariados, saímos do jardim público e fomos para as ruas, mergulhadas no vazio e no tédio de pequena cidade provinciana.

— Venha beber alguma coisa — disse a Martin. — Estou com sede.

Encontramos um prédio em cuja fachada estava escrito: "Café". Entramos, mas havia apenas um *self-service*; a sala era azulejada, fria e pouco acolhedora; fomos até o balcão, onde havia uma senhora

desagradável, para comprar um refrigerante, que em seguida levamos para uma mesa manchada de molho que deveria nos incitar a sair dali o mais depressa possível.

— Não ligue — disse Martin —, a feiúra tem em nosso mundo uma função positiva. Ninguém quer perder seu tempo; assim que chegamos a um lugar, temos pressa de ir embora: isso dá à vida o ritmo desejado. Mas não vamos nos deixar envolver. Podemos conversar uma porção de coisas protegidos pela feiúra tranqüila deste café.

Tomou uma soda e me perguntou: — Você já abordou sua estudante de medicina?

— Claro que sim — respondi.

— E como é ela? Descreva-a direito.

Descrevi a estudante de medicina, o que não me deu trabalho, se bem que a estudante de medicina não existisse. É. Isso com certeza me deixa mal, mas é assim. *Eu a inventei*.

Podem acreditar na minha palavra: não agi por motivos escusos, para brilhar diante de Martin ou para iludi-lo. Inventei essa estudante de medicina pela simples razão de que não podia mais suportar a insistência de Martin.

Martin é extremamente exigente no que diz respeito à minha atividade. Está convencido de que a cada dia encontro uma mulher nova. Ele me vê diferente do que sou e se lhe dissesse francamente que durante uma semana inteira não possuí novas mulheres, nem mesmo me aproximei delas, ele me tomaria por hipócrita.

Eu me vi, portanto, constrangido a contar-lhe alguns dias antes que tinha feito um cerco a uma estudante de medicina. Ele pareceu satisfeito e me estimulou a passar à abordagem. Naquele dia certificou-se dos meus progressos.

— Ela é do tipo de quem? É do tipo de...?

Fechou os olhos, procurando na penumbra um termo de comparação... Depois lembrou-se de uma amiga comum: — É do tipo de Sílvia?

— É muito melhor — respondi.

Martin espantou-se:

— Você está brincando...

— É do tipo da sua Georgina.

Sua própria mulher é para Martin o critério supremo. Martin ficou muito satisfeito com meu relato e se entregou ao devaneio.

Uma abordagem bem-sucedida

Logo depois entrou no café uma moça de calça de veludo. Dirigiu-se ao balcão, esperou seu refrigerante e foi bebê-lo. Parou em uma mesa vizinha à nossa e bebeu sem se sentar.

Martin virou-se para ela: — Senhorita — disse ele —, não somos daqui e gostaríamos de lhe perguntar uma coisa.

A moça sorriu. Era muito bonita.

— Estamos sufocando de calor e não sabemos o que fazer...

— Vão tomar um banho!

— Justamente. Não sabemos onde se pode tomar um banho nesta cidade.

— Não existe nenhum lugar.

— Como?

— Existe uma piscina, mas está vazia há um mês.

— E o rio?

— Está sendo dragado.

— Então onde podemos nos banhar?

— Só existe o lago Hoter, mas fica a pelo menos sete quilômetros daqui.

— Não tem importância, estamos de carro. Bastaria que nos guiasse.

— Você seria nosso navegador — disse eu.

— Ou melhor, nosso piloto — disse Martin.

— E nossa estrela — disse eu.

A moça, tonta com esse falatório, aceitou finalmente nos acompanhar; mas ainda tinha de fazer compras e era preciso que fosse buscar o maio; marcamos encontro para dentro de uma hora exatamente no mesmo lugar.

Estávamos contentes. Ficamos olhando-a se afastar balançando lindamente o traseiro e sacudindo os cachos de seus cabelos pretos.

— Você está vendo — disse Martin —, a vida é curta, é preciso aproveitar cada minuto.

O elogio da amizade

Voltamos ao jardim público para examinar as duplas de moças sentadas nos bancos, mas, quando uma era bonita, o que acontecia algumas vezes, a vizinha não era.

— É uma estranha lei da natureza — disse eu a Martin. — As mulheres feias esperam se aproveitar do brilho de suas amigas mais bonitas, e estas esperam brilhar com maior intensidade em contraste com a feiúra; para nós isso significa que nossa amizade é submetida a constantes provas. E fico muito orgulhoso por nunca deixarmos a sorte ou o espírito de competição decidir por nós. Entre nós a escolha é sempre uma questão de cortesia. Cada um oferece ao outro a moça mais bonita, e nisso parecemos dois senhores antiquados que não conseguem entrar numa sala, por não poderem admitir que um passe na frente do outro.

— É — respondeu Martin comovido e enternecido. — Você é um amigo de verdade. Vamos sentar um pouco. Estou com dor nas pernas.

E fomos nos sentar, o corpo gostosamente inclinado para trás, com o sol batendo bem na cara, deixando, por alguns minutos, sem preocupação, o mundo seguir seu curso ao nosso redor.

A moça de branco

De repente Martin empertigou-se (movido sem dúvida por uma intuição secreta), o olhar fixo numa aléia solitária do parque por onde passava uma moça de vestido branco. Mesmo de longe, quando ainda não se podiam

distinguir nitidamente as proporções de seu corpo e os traços de seu rosto, percebia-se nela um encanto especial, difícil de explicar, uma espécie de pureza ou ternura.

Quando ela passou perto de nós, vimos que era muito jovem. Não era nem menina nem moça, o que nos lançou num estado de grande excitação, fazendo com que Martin se levantasse de repente.

— Senhorita, sou Forman, o diretor de cinema Sabe, o cineasta.

Estendeu a mão à menina, que com uma expressão de enorme espanto apertou-a.

Martin virou o rosto para mim e disse:

— Quero lhe apresentar meu câmara.

— Sou Ondricek — disse eu, estendendo a mão para a menina.

A menina fez um aceno de cabeça.

— Estamos bastante atrapalhados, senhorita. Estou procurando exteriores para meu próximo filme. Meu assistente, que conhece bem a região, devia nos esperar aqui, mas não veio. Estamos sem saber por onde começar nossa visita pela cidade e arredores. Meu câmara — acrescentou Martin, com uma ponta de ironia — estuda o problema neste grosso livro alemão, mas infelizmente não vai achar nada.

Essa alusão ao livro do qual eu ficara privado uma semana me irritou. Passei ao ataque contra meu diretor.

— É pena que não tenha se interessado mais por este livro. Se se ocupasse mais seriamente da preparação de seus filmes e não deixasse todo o trabalho de documentação para os assistentes, eles seriam talvez menos superficiais e conteriam menos bobagens. — Depois apresentei minhas desculpas à moça. — Perdão, senhorita. Não queríamos importuná-la com nossas discussões profissionais. Estamos preparando um filme histórico sobre a cultura etrusca na Boêmia.

— Sei — disse a moça inclinando-se.

— É um livro apaixonante, veja!

Entreguei o livro à moça, que o segurou com um temor quase religioso e pôs-se a folheá-lo distraidamente para atender ao que lhe pareceu ter sido

uma sugestão minha.

— Acho que o castelo de Pchacek não fica muito longe daqui. Era o centro dos etruscos tchecos, mas como se vai até lá? — perguntei ainda.

— Fica a dois passos daqui — respondeu a moça que de repente se animara, pois o fato de conhecer o caminho para Pchacek oferecia-lhe por fim um terreno mais sólido nesse diálogo um tanto incoerente.

— Como? Conhece esse castelo? — perguntou Martin simulando um grande alívio.

— Claro — disse a moça. — Fica a uma hora daqui.

— A pé? — perguntou Martin.

— É, a pé — respondeu a moça.

— Mas nós estamos de carro — disse eu.

— Seja nosso navegador — disse Martin.

No entanto preferi não continuar o rito habitual do jogo de palavras, pois tenho um diagnóstico psicológico mais firme do que Martin; senti que algumas brincadeiras fáceis poderiam nos prejudicar e que uma seriedade total seria nossa melhor aliada.

— Não queremos abusar de seu tempo, senhorita — disse eu —, mas se puder nos dedicar uma hora ou duas para nos mostrar os lugares que queremos ver nessa região, ficaríamos muito gratos.

— Bem — disse a moça inclinando-se de novo —, eu gostaria, mas... — Só nesse momento percebemos que ela carregava uma cesta de compras onde havia dois pés de alface —; tenho de levar a alface para mamãe, mas é bem perto daqui e volto logo.

— Claro, agora, tem de levar a alface para sua mãe como uma boa menina — disse. — Nós ficamos esperando aqui.

— Está bem. Não vou demorar mais do que dez minutos. Ela se inclinou mais uma vez e depois foi se afastando com uma pressa em que se percebia interesse.

— Nossa Senhora! — disse Martin.

— De primeira ordem, não é?

— Concordo. Estou disposto a sacrificar por ela as duas enfermeiras.

O engano de uma confiança excessiva

Dez minutos se passaram, depois um quarto de hora, e a moça não voltava.

Martin me tranqüilizava:

— Não tenha medo, se há uma coisa de que estou certo, é que ela voltará. Nosso número foi perfeitamente convincente e a menina estava deslumbrada.

Eu também pensava o mesmo, de sorte que ficamos esperando, cada minuto avivando nosso desejo por essa adolescente quase criança. Enquanto isso, já havíamos deixado passar a hora marcada para nosso encontro com a moça de calça de veludo. Estávamos tão absorvidos pela imagem da garota de branco que nem pensávamos em nos levantar.

E o tempo estava passando.

— Escute, Martin, acho que ela não virá mais — disse finalmente.

— Como é que você explica isso? Ela acreditou em nós como em Deus Pai.

— É isso. Foi justamente nossa desgraça. Ela acreditou *demais*.

— E daí? Você por acaso queria que ela não acreditasse?

— Sem dúvida teria sido melhor. Uma fé muito ardente é a pior aliada. — Embalado nessa idéia comecei um discurso: — A partir do momento em que tomamos uma coisa ao pé da letra, a fé transporta essa coisa para o absurdo. O verdadeiro defensor de uma política nunca leva a sério os *sofismas* dessa política, mas somente os *objetivos práticos* que se escondem atrás dos sofismas. Pois os clichês políticos e os sofismas não são feitos para serem acreditados. Servem mais como pretexto geral de fácil aceitação; os ingênuos que os levam a sério descobrirão neles, mais cedo ou mais tarde, as contradições, começarão a se revoltar e terminarão sendo desonrosamente considerados como hereges ou renegados. Não, uma fé excessiva nunca traz algo de bom, não apenas aos sistemas políticos ou

religiosos, mas até mesmo ao próprio método de que nos servimos para atrair essa moça.

— Não o compreendo mais — disse Martin.

— No entanto é bem compreensível: para esta moça nós fomos apenas dois senhores muito sérios e ela quis se comportar bem, como uma menina educada que cede seu lugar no bonde às pessoas mais velhas.

— Mas então, por que não teria se conduzido bem até o fim?

— Justamente porque teve muita confiança em nós. Levou a alface para a mãe e lhe contou tudo com entusiasmo: o filme histórico, os etruscos na Boêmia... e a mamãe...

Martin cortou-me a palavra:

— É... Estou compreendendo o que se seguiu. — Depois se levantou.

A traição

O sol começava a se pôr lentamente sobre os telhados da cidade, o vento refrescava ligeiramente, e estávamos tristes. Em todo caso fomos até o *self-service* ver se a moça de calça de veludo ainda estava à nossa espera. Claro que não estava. Eram seis e meia. Voltamos para o carro. Sentimo-nos de repente como dois homens banidos de uma cidade estrangeira e de suas alegrias, e só nos restava procurar refúgio no território de nosso carro, que parecia gozar do privilégio da extraterritorialidade.

— Vamos! — gritou Martin já dentro do carro. — Não faça essa cara de enterro, o principal está para acontecer.

Tive vontade de responder que só dispúnhamos de uma hora para o principal, por causa de Georgina e de seu jogo de cartas, mas preferi me calar.

— Aliás — acrescentou Martin —, o dia foi bom. Cerco da garota de Puzdrany, abordagem da moça de calça de veludo; tudo está preparado para nós nesta cidade, basta que voltemos uma outra vez.

Eu nada respondi. É, o cerco e a abordagem tinham sido perfeitamente bem-sucedidos. Tudo estava em ordem. Mas tive de repente a impressão de

que Martin não conseguira nada de sério neste último ano, fora os cercos e abordagens.

Fiquei olhando para ele. Seus olhos brilhavam como de costume com sua luz eternamente ávida; naquele momento senti como lhe queria bem, como eu admirava a bandeira atrás da qual ele desfilou toda a vida: a bandeira da eterna busca de mulher.

O tempo passava e Martin disse: — São sete horas.

Estacionamos o carro a uns dez metros do portão do hospital, para que eu pudesse observar a entrada pelo retrovisor.

Continuava pensando naquela bandeira. Pensei que o alvo desta procura, à medida que passam os anos, é muito menos a mulher e cada vez mais a procura em si. Com a condição de que se trate de uma busca antecipadamente *inútil*, podemos a cada dia perseguir um número infinito de mulheres e dessa maneira transformar a caça numa *caça absoluta*. É, Martin se colocava na situação da caça absoluta.

Estávamos esperando havia cinco minutos. As moças não apareciam.

Isso não me inquietava absolutamente. Que elas viessem ou não, não tinha a menor importância. Pois se viessem, poderíamos nós, em uma hora, levá-las a um chalé distante, conquistar-lhes a confiança, deitar com elas, pedir licença às oito horas e depois ir embora? Não, a partir do momento em que Martin tinha decidido que tudo deveria terminar às oito, havia reduzido nossa aventura a um jogo ilusório.

Estávamos esperando havia dez minutos. Ninguém aparecia na entrada do hospital.

Martin indignava-se e quase gritou:

— Vou dar mais cinco minutos, não espero mais do que isso.

Martin não é mais jovem, pensava eu. Ama muito fielmente sua mulher. Na verdade, leva a vida conjugal mais bem-comportada que existe. Esta é a realidade. E acima dessa realidade, a nível de uma inocente e comovente ilusão, a juventude de Martin continua: juventude inquieta, turbulenta e pródiga, reduzida a um simples jogo que não chega a atravessar os limites do ringue para alcançar a vida e concretizar-se na realidade. E como Martin é o cavaleiro cego da Necessidade, dá a essas aventuras a inocência do

Jogo, *sem ao menos se dar conta*; continua a colocar nelas todo o ardor de sua alma.

Bem, pensava eu, Martin é prisioneiro de sua ilusão, mas e eu? E eu? Por que lhe faço companhia neste jogo ridículo? Eu, que sei que tudo isto é um engano? Não seria mais ridículo ainda do que Martin? Por que fingir esperar por uma aventura amorosa quando sei muito bem que o máximo que pode acontecer é perder uma hora, estragada antecipadamente, com duas mulheres desconhecidas e indiferentes?

Foi aí que vi pelo retrovisor as duas mulheres atravessarem o portão do hospital. Mesmo a essa distância podia se notar o efeito do pó-de-arroz e do batom em seus rostos; estavam vestidas com uma elegância exagerada e o atraso estava certamente ligado a isto. Olharam em torno e se dirigiram para nosso carro.

— Deixa para lá, Martin — disse eu, fingindo não ver as duas moças. — Já se passaram quinze minutos. Vamos embora. — E pisei no acelerador.

O arrependimento

Estávamos saindo da cidade de B..., deixando as últimas casas e entrando na paisagem de campos e árvores, com o sol desaparecendo atrás dos morros.

Estávamos calados.

Eu pensava em Judas Iscariotes, o qual, segundo um escritor religioso, traíra Jesus Cristo por *acreditar* infinitamente nele; por isso não pôde esperar o milagre pelo qual Jesus deveria manifestar a todos os judeus seu poder divino; e por isso entregou-o aos esbirros para forçá-lo logo à ação. Ele o traiu porque queria apressar a hora de sua vitória.

Pena, fiquei cismando, se traí Martin, foi exatamente pela razão contrária, foi porque parei de acreditar nele (e na essência divina de sua corrida às mulheres); sou um híbrido infame de Judas Iscariotes e de Tomé, aquele que chamamos o Incrédulo. Sentia que meu pecado aumentava ainda mais minha simpatia por Martin e que a bandeira da eterna procura da mulher (essa bandeira que víamos tremular sem cessar acima das nossas

cabeças) me enternecia até as lágrimas. Começava a me culpar por minha precipitação.

Seria eu capaz, um dia, de renunciar a esses gestos que significam a juventude? Que outra coisa poderia fazer senão me contentar em *imitá-los*, e tentar encontrar na minha vida racional um pequeno espaço para essa atividade irracional? Pouco importa que tudo isso seja um jogo inútil! Pouco importa que saiba disso! Iria eu renunciar ao jogo simplesmente porque ele é inútil?

O pomo de ouro do eterno desejo

Martin estava a meu lado no seu banco e recuperava-se lentamente da decepção.

— Escute — disse ele —, sua estudante de medicina é mesmo de primeira ordem?

— Já disse, é do tipo da sua Georgina.

Martin me fez outras perguntas. Foi preciso que eu descrevesse mais uma vez a estudante de medicina.

— Quem sabe, depois, você pode passá-la para mim — disse ele.

Quis parecer verdadeiro. — Receio que seja difícil. Iria incomodá-la o fato de você ser meu amigo. Ela tem princípios...

— Ela tem princípios — repetiu Martin tristemente, e vi que ele deplorava esse fato.

Não quis atormentá-lo.

— A menos que eu faça de conta que não o conheço — disse eu. — Você poderia, por exemplo, se fazer passar por outra pessoa.

— Boa idéia! Por exemplo, me fazer passar por Forman, como hoje.

— Os cineastas não lhe interessam. Ela prefere os esportistas.

— Por que não? — disse Martin. — Tudo é possível — e estávamos novamente em plena discussão. O plano se definia de minuto em minuto,

em breve iria balançar sobre nossas cabeças, na tarde que começava a cair, como um belo pomo maduro e radioso.

Permitam-me que chame a esse pomo, com certa ênfase, o pomo de ouro do eterno desejo.



NINGUÉM VAI RIR



I

— Sirva-me mais um copo de *slivovice* — pediu Klara, e não fui contra. Havíamos encontrado um pretexto que não tinha nada de extraordinário para abrir a garrafa, mas que se justificava: eu acabara de receber naquele dia uma quantia bem razoável como pagamento por um longo estudo que saíra numa revista de história da arte.

Meu estudo acabara sendo publicado, embora com um certo esforço. O que escrevera eram apenas críticas e polêmicas. Por isso a revista *O Pensamento Plástico*, com sua redação sombria e circunspecta, recusara esse texto que eu encaminhara finalmente a uma revista concorrente, certamente menos importante, mas cujos redatores eram mais jovens e menos sensatos.

O carteiro trouxera para mim, na faculdade, uma ordem de pagamento e uma carta; uma carta sem importância, que li por alto de manhã, impressionado com minha nova projeção. Mas de volta a casa, quando se aproximava a meia-noite e a garrafa estava quase no fim, apanhei a carta na minha mesa e a li para Klara, a título de gracejo:

"Prezado camarada — e se posso me permitir usar este termo — prezado colega —, perdoe a um homem, com quem o senhor nunca falou, tomar a liberdade de escrever-lhe. Dirijo-me ao senhor para pedir-lhe que leia o artigo em anexo. Não o conheço pessoalmente mas o estimo, pois o senhor a meu ver é um homem cujas opiniões, raciocínios e conclusões sempre me pareceram confirmar de maneira surpreendente os resultados de minhas próprias pesquisas..."

Seguiam-se grandes elogios aos meus méritos e uma solicitação: ele me pedia o favor de redigir um parecer crítico à revista *O Pensamento Plástico*, que recusava há seis meses esse texto, negando-lhe qualquer valor. Tinham dito ao interessado que minha opinião seria decisiva, de maneira que eu era a única esperança do autor, a única luz naquelas teimosas trevas.

Klara e eu trocávamos toda espécie de brincadeiras sobre esse Sr. Zaturecky, cujo nome pomposo nos fascinava. Mas brincadeiras desprovidas, claro, de qualquer intenção maldosa, pois tantos elogios me enterneciam, sobretudo com uma garrafa de excelente *slivovice* ao alcance de minha mão. A tal ponto que nesses instantes inesquecíveis eu amava o mundo inteiro e, não podendo dar presentes ao mundo inteiro, eu os dava a Klara — se não presentes, pelo menos promessas.

Klara, com seus vinte anos, era uma moça de boa família. O que estou dizendo, de excelente família! Seu pai, ex-diretor de banco e, portanto, representante da grande burguesia, fora expulso de Praga por volta de 1950, e instalara-se na cidade de Celakovice, a uma distância considerável da capital. A filha, mal-aceita por parte da administração, trabalhava como costureira diante de uma máquina de costura no imenso ateliê de uma confecção de Praga. Eu estava sentado diante dela e encorajava seu interesse por mim, elogiando levemente as vantagens do emprego que eu prometera lhe arranjar com a ajuda dos meus amigos. Afirmei-lhe que era inadmissível que uma moça tão bonita perdesse sua beleza em frente a uma máquina de costura e decidi que ela devia se tornar manequim.

Klara não me contradisse e passamos a noite em feliz harmonia.

2

Atravessamos o presente de olhos vendados, mal podemos pressentir ou adivinhar aquilo que estamos vivendo. Só mais tarde, quando a venda é retirada e examinamos o passado, percebemos o que foi vivido, compreendendo o sentido do que se passou.

Eu imaginava naquela noite brindar ao meu sucesso, e de modo algum podia prever que aquilo pudesse ser o prenúncio solene do meu fim.

E porque não duvidava de nada, acordei no dia seguinte de bom humor: enquanto Klara continuava dormindo um sono feliz, peguei o artigo anexado à carta do Sr. Zaturecky e comecei a lê-lo na cama com uma indiferença divertida.

Esse artigo, intitulado *Um mestre do desenho tcheco, Mikolas Ales*, não merecia nem mesmo a meia hora de desatenção que eu lhe dispensava. Era

um conjunto de lugares-comuns alinhados sem o menor senso de lógica.

Era, sem dúvida alguma, uma inépcia. Opinião que o Dr. Kalusek, redator-chefe da revista *O Pensamento Plástico* (personagem por sinal dos mais antipáticos), confirmou no mesmo dia por telefone. Ele ligou para mim na faculdade e disse: — Você recebeu a dissertação do Sr. Zaturecky? Pois bem, faça-me o favor de redigir; cinco leitores demoliram seu artigo, mas ele continua insistindo e acha que você é a única e exclusiva autoridade. Escreva em poucas linhas que o artigo não tem fundamento. Você é bem indicado para isso, pois sabe ser incisivo, e assim ele nos deixará em paz.

Mas alguma coisa em mim se revoltou. Por que deveria ser exatamente eu o carrasco do Sr. Zaturecky? Era eu por acaso quem recebia um salário de redator-chefe? Aliás, lembrava-me muito bem que a revista *O Pensamento Plástico* tinha julgado prudente recusar meu estudo; e também o nome do Sr. Zaturecky estava para mim fortemente ligado à lembrança de Klara, à garrafa de *slivovice* e a uma boa noitada. E, por último, não posso negá-lo, é humano, poderia contar nos dedos da mão e talvez num só dedo, as pessoas que me consideram como "a única e exclusiva autoridade". Por que me tornar inimigo desse único admirador?

Terminei minha conversa com Kalusek com algumas palavras espirituosas e vagas que cada um de nós podia considerar como quisesse, ele como uma promessa e eu como uma escapatória. Desliguei firmemente decidido a jamais escrever o parecer crítico para o Sr. Zaturecky.

Apanhei então um papel de carta na gaveta e escrevi ao Sr. Zaturecky evitando cuidadosamente formular qualquer tipo de apreciação sobre seu trabalho, alegando o fato de que minhas idéias sobre a pintura do século XIX são tidas em geral como erradas, sobretudo pela redação da revista *O Pensamento Plástico*, de modo que minha intervenção poderia ser mais nociva do que útil; ao mesmo tempo, envolvia o Sr. Zaturecky com uma eloqüência amistosa na qual não passaria despercebida uma marca de simpatia por ele.

Logo que essa carta foi posta na caixa do correio, esqueci o Sr. Zaturecky. Mas o Sr. Zaturecky não me esqueceu.

Um belo dia, ao terminar meu curso (ensino história da pintura), a secretária, a Sra. Marie, dama afável e idosa que me prepara o café e responde que não estou quando são ouvidas ao telefone indesejáveis vozes femininas, veio bater à porta da sala de aula. Pôs a cabeça no vão da porta e disse que havia um senhor me esperando.

Os senhores não me assustam. Deixei meus alunos e saí tranqüilo pelo corredor, onde um homem baixo, de terno preto surrado e camisa branca me cumprimentou. Depois me anunciou muito respeitosamente que se chamava Zaturecky.

Levei meu visitante para uma sala vazia, ofereci-lhe uma poltrona e iniciei a conversa com um tom jovial, falando sobre assuntos banais; do desagradável verão que atravessávamos e das exposições de Praga. O Sr. Zaturecky concordava polidamente com cada uma de minhas opiniões, mas procurava desviar a conversa para seu artigo que de súbito se ergueu entre nós, em sua invisível substância, como um irresistível ímã.

— Escreveria de boa vontade um parecer sobre o seu trabalho — disse eu afinal —, mas já lhe expliquei na minha carta que ninguém me considera um especialista em pintura tcheca do século XIX e que, além disso, não estou nos melhores termos com a redação de *O Pensamento Plástico*, onde sou visto como um modernista inveterado, e por isso uma apreciação favorável de minha parte poderia apenas lhe ser prejudicial.

— Oh! O senhor é demasiado modesto — retrucou o Sr. Zaturecky. — Como um especialista do seu porte pode ser tão pessimista sobre sua própria posição? Disseram-me na redação que tudo agora dependia da sua opinião. Se o senhor for favorável ao meu artigo, ele será publicado. O senhor é a minha única chance. Este trabalho representa três anos de estudos, três anos de pesquisas. Tudo agora está em suas mãos.

Com que indiferença e com que pobre metal forjamos nossos subterfúgios! Não sabia o que responder ao Sr. Zaturecky. Levantando maquinalmente os olhos para ele, vi uns inocentes óculos, pequenos e fora de moda, mas também uma profunda ruga enérgica traçada verticalmente na sua testa. Num breve instante de lucidez, um arrepio me percorreu a coluna vertebral. Aquela ruga atenta e teimosa não refletia apenas o martírio

intelectual de seu proprietário debruçado sobre os desenhos de Mikolas Ales, mas também uma força de vontade pouco comum. Perdendo toda a presença de espírito, não conseguia mais encontrar desculpas suficientemente hábeis. Sabia que não redigiria aquele parecer, mas sabia também que não teria a força de dizê-lo diante daquele pequeno homem súplice. De maneira que comecei a sorrir e a proferir vagas promessas. O Sr. Zaturecky me agradeceu dizendo que voltaria de novo para se informar; deixei-o todo sorrisos.

Voltou efetivamente alguns dias mais tarde, consegui evitá-lo com habilidade, mas me informaram no dia seguinte que ele tornara a me procurar na faculdade. Compreendi que a coisa ia mal. Fui logo ao encontro da Sra. Marie a fim de tomar as providências que se impunham.

— Por favor, Sra. Marie, se algum dia esse senhor voltar a me procurar, diga a ele que fui fazer uma viagem de estudos à Alemanha e que não estarei de volta antes de um mês. Outra coisa, todas as minhas aulas são às terças e quartas-feiras. Daqui por diante darei minhas aulas às quintas e sextas. Apenas meus alunos serão informados, não diga a ninguém e não modifique o horário. Preciso ficar na clandestinidade.

4

Pouco tempo depois, o Sr. Zaturecky veio efetivamente me procurar na faculdade e pareceu desesperado quando a secretária anunciou-lhe que eu partira precipitadamente para a Alemanha. — Mas é impossível! O Sr. Klima deve escrever um parecer sobre meu artigo! Como é que ele foi embora assim? — Não sei de nada — respondeu a Sra. Marie —, mas ele deve voltar dentro de um mês. — Ainda um mês... — lamentou-se o Sr. Zaturecky. — E a senhora não sabe o endereço dele na Alemanha? — Não sei — disse a Sra. Marie.

Tive paz por um mês.

Mas um mês passou mais depressa do que eu imaginava e o Sr. Zaturecky retornou ao escritório da secretária. — Não, ele ainda não voltou — disse-lhe a Sra. Marie, que, ao verme, perguntou num tom suplicante: — O Sr. Zaturecky voltou de novo, o que quer que eu lhe diga? — Diga-lhe,

minha cara Marie, que peguei icterícia na Alemanha e que estou num hospital de Iena. — No hospital? Mas é impossível! Ele devia escrever um parecer sobre meu artigo! — exclamou o Sr. Zaturecky quando a secretária lhe deu essa notícia alguns dias depois. — Sr. Zaturecky — disse a secretária em tom de censura —, o Sr. assistente está gravemente enfermo no estrangeiro e o senhor só pensa no seu artigo! — O Sr. Zaturecky baixou a cabeça e saiu, mas quinze dias depois estava de volta: — Mande uma carta registrada para Iena. A carta foi devolvida! — Vou ficar louca com o homem — disse-me a Sra. Marie no dia seguinte. Não se aborreça comigo, mas o que podia fazer? Disse-lhe que o senhor voltara, agora terá que se arranjar com ele!

Não fiquei com raiva da Sra. Marie, ela fazia o que podia; aliás, estava longe de me dar por vencido. Sabia que não seria encontrado. Só vivia clandestinamente; dava clandestinamente minhas aulas de quinta e sexta, e vinha, sempre clandestinamente, às terças e quartas esconder-me atrás do portão de um prédio em frente à faculdade e me divertir com o espetáculo do Sr. Zaturecky que espreitava diante da faculdade, aguardando minha saída. Tinha vontade de colocar uma peruca e uma barba postiça. Sentia-me um Sherlock Holmes, Jack o Estripador, o Homem Invisível caminhando pelas ruas da cidade. Estava de excelente humor.

Mas, um dia, o Sr. Zaturecky cansou-se da espreita e aplicou um grande golpe na Sra. Marie.

— Mas, afinal de contas, quando o camarada assistente dá seus cursos?

— Basta o senhor consultar os horários — respondeu Marie, mostrando na parede um grande painel quadriculado em que os horários dos cursos estavam indicados com uma clareza exemplar.

— Sei — disse o Sr. Zaturecky, que não se dava por achado —, mas o camarada nunca vem dar aulas na terça e na quarta-feira. Ele está de licença?

— Não — respondeu a Sra. Marie, encabulada.

E o homenzinho arrasou a Sra. Marie com acusações. Censurou-a por não haver posto o horário em dia. Perguntou com ironia como ela podia ignorar a que horas os professores davam aula. Anunciou que ia dar queixa dela. Vociferou. Declarou que iria também queixar-se do camarada

assistente que não estava dando suas aulas. Perguntou se o reitor estava presente.

Por azar, o reitor estava lá.

O Sr. Zaturecky bateu à porta do seu escritório e entrou. Dez minutos mais tarde estava de volta ao escritório da Sra. Marie, perguntando secamente o endereço de meu domicílio pessoal.

— Rua Skalnikova, 20, em Litomysl — disse a Sra. Marie.

— Como? Em Litomysl?

— O Sr. assistente possui apenas um local de passagem em Praga e não quer que eu dê o endereço...

— Exijo que me dê o endereço do Sr. assistente em Praga — gritou o homenzinho com voz estridente.

A Sra. Marie perdeu de vez a coragem. Forneceu o endereço da minha mansarda, do meu pobre abrigo, da feliz toca onde eu seria acuado.

5

Sim, meu domicílio permanente é em Litomysl. Lá estão minha mãe e as lembranças de meu pai; cada vez que posso, saio de Praga e vou trabalhar e estudar em casa, na pequena moradia de mamãe. De modo que conservei o endereço dela como endereço permanente. Mas em Praga não fui capaz de encontrar um apartamento conveniente, como seria normal e necessário; moro em sublocação num bairro de subúrbio, sob os telhados, numa pequena mansarda completamente independente cuja existência esconde tanto quanto possível para evitar o encontro inútil de visitantes indesejáveis com minhas efêmeras companheiras.

Não poderia portanto pretender que minha reputação no prédio fosse exatamente das melhores. Além disso, durante minhas estadas em Litomysl, emprestara muitas vezes meu quarto a camaradas que se divertiam tanto que ninguém na casa conseguia pregar olho durante a noite. Tudo isso provocava a indignação de certos locatários, e estes faziam contra mim uma guerra surda, que se manifestava de vez em quando por advertências que o

comitê da rua formulava a meu respeito, inclusive com uma queixa ao serviço de habitação.

Na época a que me refiro, Klara começava a achar cansativo sair de Celakovice para trabalhar em Praga, e tinha resolvido dormir em minha casa, a princípio timidamente e em casos excepcionais; depois deixou em minha casa um vestido, mais tarde vários vestidos, e no fim de algum tempo meus dois ternos estavam esmagados no fundo do armário e minha mansarda transformada em salão feminino.

Gostava muito de Klara; era bonita e me agradava que as pessoas virassem a cabeça para nos olhar quando saíamos juntos; tinha treze anos menos do que eu e essa circunstância só fazia aumentar meu prestígio junto aos meus alunos; numa palavra, tinha mil razões para me apegar a ela. No entanto não queria que soubessem que ela morava em minha casa. Temia que se voltassem contra meu valente proprietário, um homem idoso que se mostrava discreto e não se metia na minha vida; tremia em pensar que um dia ele pudesse vir, triste e contrariado, pedir-me para botar a moça na rua em defesa de sua boa reputação. Por isso Klara recebera instruções de não abrir a porta para ninguém.

Naquele dia estava sozinha em casa. Era um belo dia ensolarado e a mansarda estava sufocante. Ela estava deitada nua no meu divã e se dedicava a contemplar o teto.

Então começaram a tamborilar na porta.

Não havia o que temer, pois não há campainha na porta. As visitas, portanto, têm que bater. Klara não se deixou perturbar com esse barulho nem pensou em interromper sua contemplação do teto. Mas as batidas na porta não paravam; ao contrário, continuavam com uma tranqüila e incompreensível perseverança. Klara acabou se enervando. Pôs-se a imaginar que atrás da porta estaria um senhor que levantava lenta e eloqüentemente a gola do casaco e que em seguida iria lhe perguntar rispidamente por que ela não abria, o que escondia e se estava registrada nesse endereço. Cedeu a um sentimento de culpa, baixou os olhos que conservava sempre fixos no teto e procurou com o olhar o lugar em que deixara suas roupas. Mas as batidas eram tão obstinadas que ela, na sua confusão, só pôde encontrar minha capa pendurada na entrada. Enfiou-a e abriu.

No limiar da porta, em vez do rosto mau de um bisbilhoteiro, ela viu apenas um homenzinho que a cumprimentava:

— O Sr. assistente está em casa?

— Não, ele saiu!

— É pena — disse o homem, e desculpou-se polidamente por incomodar Klara. — O Sr. assistente deve escrever um parecer sobre um artigo de minha autoria. Ele me prometeu e agora esse problema é muito urgente. Se a senhora permitir, gostaria de lhe deixar um recado.

Klara entregou ao homem papel e lápis e à noite pude ler que a sorte de seu artigo sobre Mikolas Ales estava em minhas mãos e que o Sr. Zaturecky esperava com respeito que eu redigisse a nota prometida. Acrescentou que voltaria a me procurar na faculdade.

6

No dia seguinte, a Sra. Marie me contou que o Sr. Zaturecky a ameaçara, vociferara e tinha ido reclamar; a infeliz criatura estava com a voz trêmula, à beira das lágrimas; dessa vez fiquei colérico. Compreendia muito bem que a Sra. Marie, que até agora vinha se distraindo com esse jogo de esconde-esconde (mais por simpatia por mim do que por franca alegria), agora se sentisse ofendida e visse em mim, naturalmente, a causa dos seus aborrecimentos. E se eu acrescentasse a esses agravos o fato de a Sra. Marie ter revelado o endereço de minha mansarda, de minha porta ter sido tamborilada durante dez minutos e de haverem assustado Klara, minha cólera se transformaria em fúria.

E lá estava eu a dar grandes passadas no escritório da Sra. Marie, mordendo os lábios, fervendo, imaginando uma vingança, e eis que a porta se abre e aparece o Sr. Zaturecky.

Assim que me viu, seu rosto se iluminou de felicidade. Inclinou-se e me deu bom-dia.

Chegara muito cedo, sem me dar tempo de pensar em minha vingança.

Perguntou se me haviam entregue seu recado da véspera.

Não respondi nada.

Ele repetiu a pergunta.

— Sim — respondi finalmente.

— E o senhor vai escrever o parecer?

Eu o via diante de mim: mesquinho, teimoso, ameaçador; via o sulco vertical que desenhava em sua testa o traço de sua única paixão; via esse traço retilíneo e compreendi que era uma linha reta determinada por dois pontos: meu parecer crítico e seu artigo; e que, exceto o vício dessa linha maníaca, nada existia em sua vida a não ser uma ascese digna de um santo. E não resisti a uma malevolência salutar.

— Espero que o senhor compreenda que não tenho mais nada a lhe dizer depois do que se passou ontem — disse eu.

— Não estou compreendendo.

— Não tente disfarçar. Ela me contou tudo. É inútil negar.

— Não estou compreendendo — tornou a repetir o homenzinho, mas, desta vez, em tom mais enérgico.

Assumi um tom jovial e quase afetuoso:

— Escute, Sr. Zaturecky, não lhe quero fazer censuras. Eu também sou mulherengo, e o compreendo. Eu também, em seu lugar, faria de bom grado propostas a uma mulher bonita, se me encontrasse sozinho com ela num apartamento e ela estivesse nua por baixo de uma capa.

O homenzinho ficou lívido.

— É um insulto!

— Não, é a verdade, Sr. Zaturecky.

— Foi aquela moça que contou isso?

— Para mim ela não tem segredos.

— Camarada assistente, isso é um insulto, sou um homem casado, tenho mulher, tenho filhos! — O homenzinho deu um passo à frente, obrigando-me a recuar.

— É uma circunstância agravante, Sr. Zaturecky.

— O que o senhor quer dizer?

— Quero dizer que o fato de ser casado é uma circunstância agravante para um mulherengo.

— O senhor vai retirar essas palavras! — disse o Sr. Zaturecky em tom ameaçador.

— Está certo! — disse eu, conciliador. — O casamento não é necessariamente uma circunstância agravante para um mulherengo. Mas pouco importa. Já disse que não fiquei com raiva e que compreendo perfeitamente o que se passou. Mas existe mesmo assim uma coisa que está acima da minha compreensão: é que o senhor possa exigir que um homem escreva um parecer sobre seu artigo, depois de ter feito propostas à sua namorada.

— Camarada assistente! É o Sr. Kalusek, doutor em letras, redator-chefe da revista *O Pensamento Plástico*, periódico publicado sob os auspícios da Academia de Ciências, que exige esse parecer: e o senhor deve escrevê-lo!

— Escolha! O parecer ou minha namorada? O senhor não pode querer os dois!

— Veja como está se comportando! — gritou o Sr. Zaturecky, dominado por uma cólera desesperada.

Coisa estranha, eu tinha de repente o sentimento de que o Sr. Zaturecky queria realmente seduzir Klara. Explodi e comecei por minha vez a gritar:

— O senhor se acha com o direito de pregar moral? O senhor é quem deveria apresentar as mais completas desculpas à nossa secretária.

Virei as costas ao Sr. Zaturecky e ele saiu da sala titubeante, desamparado.

— Até que enfim! — disse com um suspiro, depois desse combate difícil, mas vitorioso, e acrescentei dirigindo-me à Sra. Marie: — Acho que agora ele vai me deixar em paz com esse parecer!

Depois de um minuto de silêncio, a Sra. Marie perguntou-me timidamente:

— E por que o senhor não redige o parecer?

— Porque o artigo dele, minha cara Marie, é um amontoado de asneiras.

— E por que o senhor não escreve um parecer dizendo que é um amontoado de asneiras?

— E por que cabe a mim escrevê-lo? Por que devo fazer inimigos?

A Sra. Marie me olhava com um grande sorriso indulgente quando a porta abriu-se de novo; o Sr. Zaturecky apareceu com o braço levantado:

— Vamos ver quem vai pedir desculpas!

Proferiu essas palavras com uma voz estridente e desapareceu.

7

Não me lembro exatamente se no mesmo dia ou se alguns dias mais tarde, encontramos na caixa do correio um envelope sem endereço. Nesse envelope havia uma carta em que se podiam ler estas palavras redigidas com letra redonda e desajeitada: "Senhora! Venha à minha casa domingo para tratarmos da injúria feita a meu marido! Ficarei em casa o dia inteiro. Se a senhora não vier, serei obrigada a agir. Anna Zaturecky, Praga III, Dalimolova 14."

Klara ficou com medo e começou a dizer que eu era o culpado. Varri seu temores com a palma da mão e proclamei que o sentido da vida é justamente divertir-se com a vida, e se a vida é muito preguiçosa para isso, precisamos dar-lhe um pequeno empurrão. O homem deve sempre selar novas aventuras, éguas intrépidas sem as quais se arrastaria na poeira como um infante cansado. Quando Klara respondeu, garantindo que não tinha nenhuma intenção de se envolver em qualquer espécie de aventura, assegurei-lhe que ela nunca encontraria o Sr. Zaturecky nem a mulher dele, e que eu não precisava da ajuda de ninguém para me livrar dessa aventura que eu mesmo escolhera cavalgar.

Pela manhã, quando saíamos do prédio, o porteiro nos deteve. O porteiro não é um inimigo. Tinha lhe dado há pouco tempo, prudentemente, cinquenta coroas, e desde então vivia com a agradável convicção de que ele aprendera a me ignorar e não botava lenha na fogueira que acendiam contra mim meus inimigos do prédio.

— Duas pessoas procuraram ontem pelo senhor — disse ele.

— Quem?

— Um baixinho com a mulher.

— Como era a mulher?

— Tinha dois palmos a mais que ele. Uma mulher muito enérgica. Uma megera. Ela pediu informações sobre tudo. — Depois, dirigindo-se a Klara: — Principalmente sobre a senhora. Queria saber quem é a senhora e como se chama.

— Meu Deus, e o que você respondeu? — gritou Klara.

— O que a senhora queria que eu respondesse? Eu sei lá quem vem à casa do Sr. assistente? Disse a ela que cada noite vem uma diferente.

— Perfeito — disse eu, tirando do bolso uma nota de cinqüenta coroas. — Continue assim!

— Não tema nada — disse eu a Klara, em seguida. — No domingo você não vai a lugar nenhum e ninguém vai botar as mãos em você.

Chegou o domingo, e depois do domingo a segunda-feira, a terça, a quarta. Não aconteceu nada. — Está vendo? — disse eu a Klara.

Mas chegou a quinta-feira. Explicava a meus alunos, por ocasião de um curso, como sempre clandestino, como os jovens fovistas com fervor e em generoso corpo-a-corpo haviam liberado a cor do impressionismo descritivo, quando a Sra. Marie abriu a porta e disse a meia voz:

— A mulher do tal Zaturecky está à sua espera!

— A senhora sabe muito bem que não estou aqui, mostre a ela o horário.

A Sra. Marie balançou a cabeça:

— Disse-lhe que o senhor não estava, mas ela deu uma olhada no seu escritório e viu sua capa pendurada no cabide. E continua a aguardá-lo no corredor.

Um impasse é ocasião para minhas mais belas inspirações. Disse a meu estudante preferido: — Você pode me fazer um favor? Vá a meu escritório, ponha minha capa e saia da faculdade! Uma mulher vai tentar dizer que você é eu; sua missão é negar isso a qualquer preço.

O estudante saiu e voltou meia hora depois. Anunciou que a missão fora cumprida, o caminho estava livre e a mulher desaparecida.

Dessa vez eu havia ganho.

Mas chegou a sexta-feira e, ao voltar de seu trabalho, à noite, Klara tremia como uma folha.

Naquele dia, o senhor educado que recebe os clientes no bonito salão da empresa de confecções abriu bruscamente a porta que dá para o fundo do ateliê em que Klara trabalha, inclinada sobre sua máquina de costura, em companhia de quinze outras operárias, e gritou: — Alguma de vocês mora no número cinco rua do Chateau?

Klara compreendeu logo que se tratava dela, pois o cinco da rua Chateau é o meu endereço. Mas, imbuída da prudência que eu lhe inculcara, ela não se alterou, pois sabe que mora em minha casa clandestinamente e que isso não interessa a ninguém. — Foi o que eu lhe disse —, explicou o homem educado, vendo que as operárias se calavam, e saiu. Klara ficou sabendo depois que uma severa voz feminina o obrigara, no decorrer de uma conversa telefônica, a examinar os endereços de todas as empregadas e tinha se esforçado para convencê-lo, durante quinze minutos, de que uma delas devia morar no cinco da rua do Chateau.

A sombra do Sr. Zaturecky pairava sobre nossa idílica mansarda.

— Mas como é que ela fez para descobrir onde você trabalha? Aqui no prédio ninguém sabe nada sobre você — disse eu, elevando a voz.

Sim, estava convencido de que ninguém sabia nada sobre nossa vida. Vivia como um desses excêntricos que acreditam escapar dos olhares indiscretos, protegidos por altas muralhas, porque deixam de levar em conta um pequeno detalhe: que essas muralhas são de vidro transparente.

Subornei o porteiro para que não revelasse que Klara morava comigo, obriguei Klara à discrição e à clandestinidade mais rigorosas e, apesar disso, o prédio inteiro sabia da sua presença. Bastou que um dia ela tivesse uma conversa imprudente com uma locatária do segundo andar, para ficarem sabendo onde ela trabalhava.

Sem nos darmos conta, tínhamos sido descobertos há muito tempo. Apenas uma coisa continuava sendo ignorada por nossos perseguidores: o nome de Klara. Era apenas por causa desse pequeno segredo que ainda

podíamos escapar da Sra. Zaturecky, que se empenhava na luta com um espírito metódico e uma obstinação de causar arrepios.

Compreendi que a coisa estava ficando séria; que dessa vez a égua da minha aventura estava extremamente bem selada.

8

Isso foi na sexta-feira. No sábado, quando Klara voltou do trabalho, estava de novo tremendo. Eis o que aconteceu:

A Sra. Zaturecky, acompanhada do marido, fora à empresa de confecções, para onde telefonara na véspera, e pedira ao diretor autorização para visitar o ateliê com o marido e ver o rosto das costureiras presentes. É claro que um tal pedido surpreendeu o camarada diretor, mas diante da atitude da Sra. Zaturecky, era impossível negar. Ela proferiu algumas palavras inquietantes, relacionadas com difamação, vida irregular e processo. O Sr. Zaturecky permanecia ao seu lado, calava-se e franzia as sobrancelhas.

Conseguiram assim entrar no ateliê. As costureiras levantaram a cabeça com indiferença e Klara reconheceu o homenzinho; ficou pálida, mas continuou cosendo com uma discricção por demais evidente.

— Por favor — disse o diretor com irônica polidez ao casal petrificado.

A Sra. Zaturecky compreendeu que devia tomar a iniciativa: — Vamos lá, olhe! — disse ela, encorajando o marido. O Sr. Zaturecky levantou seu olhar sombrio que percorreu a sala de um lado ao outro.

— Ela está aqui? — perguntou a Sra. Zaturecky em voz baixa.

Mesmo com seus óculos, o Sr. Zaturecky não tinha o olhar suficientemente aguçado para enxergar de uma só vez aquele vasto ambiente em desordem, repleto de coisas e de roupas penduradas em longas barras horizontais, com operárias turbulentas que não conseguiam permanecer voltadas para a porta: elas viravam as costas, mexiam-se nas cadeiras, levantavam-se ou viravam o rosto. O Sr. Zaturecky finalmente se decidiu a avançar pelo ateliê para examiná-las uma a uma.

Quando as mulheres se viram assim observadas, e ainda mais por um personagem tão pouco desejável, tiveram um sentimento confuso de vergonha e expressaram sua indignação com piadas e murmúrios. Uma delas, mulher jovem e corpulenta, gritou com impertinência: — Ele está procurando por toda parte a sem-vergonha que o engravidou!

O riso sonoro e brutal das mulheres caiu sobre o casal, que o enfrentava, tímido e obstinado, com uma estranha dignidade.

— Mamãe — gritou a impertinente para a Sra. Zaturecky —, você não toma conta de seu garoto! Se eu tivesse um garoto tão bonito, ele não poria o nariz fora de casa!

— Vá olhando — sussurrava a mulher para o marido, e o pobre homenzinho, com ar tristonho e tímido, dava passo a passo a volta ao ateliê, como se avançasse por uma fila dupla de insultos e golpes, mas ia a passo firme, sem deixar de examinar um só rosto.

O diretor, durante toda essa cena, sorria um sorriso neutro; conhecia suas operárias e sabia que o casal nada conseguiria; fingindo não ouvir o barulho, perguntou ao Sr. Zaturecky: — Mas como era afinal essa mulher?

O Sr. Zaturecky virou-se para o diretor e respondeu com uma voz lenta e grave: — Ela era bonita... Era muito bonita...

Enquanto isso, Klara se encolhia num canto da sala, em contraste com todas aquelas mulheres desembestadas, nervosa, a cabeça baixa, em atividade febril. Ah, como representava mal seu papel de moça insignificante e apagada! E o Sr. Zaturecky estava agora a dois passos de sua máquina; de um momento para outro iria vê-la!

— O senhor se lembra que ela era bonita, mas isso não significa nada — disse educadamente o camarada diretor ao Sr. Zaturecky. — Existem muitas mulheres bonitas! Ela era grande ou pequena?

— Grande — disse o Sr. Zaturecky.

— Loura ou morena?

— Loura — respondeu o Sr. Zaturecky depois de um segundo de hesitação.

Esta parte de meu relato poderia servir de parábola sobre o poder da beleza. A primeira vez que o Sr. Zaturecky viu Klara, em minha casa, ficou

deslumbrado a tal ponto que na realidade não a viu. A beleza interpunha diante de seus olhos uma espécie de lente opaca. Lente de luz que a dissimulava como um véu.

Pois Klara não é nem grande nem loura. Somente a grandeza interna da beleza poderia dar-lhe, aos olhos do Sr. Zaturecky, a aparência da grandeza física. E a luz que emana da beleza dava aos seus cabelos a aparência do ouro.

Quando finalmente o homenzinho chegou ao ângulo da sala onde Klara, com um macacão marrom, se debruçava convulsivamente sobre as partes de uma saia, não a reconheceu. Não a reconheceu porque nunca a vira antes.

9

Quando Klara, de maneira muito desajeitada e não muito inteligível, terminou sua história, eu lhe disse:

— Está vendo, nós estamos com sorte.

Mas ela me respondeu soluçando: — Estamos com sorte? Se eles não me encontraram hoje, vão me encontrar amanhã.

— Gostaria de saber como.

— Virão me procurar aqui, na sua casa.

— Não vou abrir a porta para ninguém.

— E se eles mandarem a polícia? Se insistirem e fizerem você confessar quem eu sou? Ela falou em apresentar queixa, me acusa de ter caluniado o marido.

— Pelo amor de Deus! Vou lançá-los no ridículo. Tudo isso não passou de uma farsa, de uma brincadeira.

— A época não é para brincadeiras, tudo está sendo levado a sério nos dias de hoje; vão dizer que eu quis, deliberadamente, sujar a reputação dele. Quando olharem para ele, como é que você acha que alguém vai acreditar que ele tentou seduzir uma mulher?

— Você tem razão, Klara — disse eu. — Provavelmente você será presa.

— Você está dizendo besteiras — respondeu Klara. — Sabe que preciso tomar cuidado. Não esqueça quem é meu pai. Se eu for convocada perante uma comissão penal, mesmo que seja para prestar esclarecimentos, ficará no meu dossiê e nunca mais sairei do ateliê. A propósito, bem que gostaria de saber como é que ficou o tal lugar de manequim que você me prometeu. Além disso, não quero mais passar a noite em sua casa. Tenho medo que venham me procurar aqui, vou voltar para Celakovice.

Foi a primeira discussão do dia.

Houve uma outra, na tarde do mesmo dia, depois da reunião do pessoal do departamento de ensino.

O diretor do departamento, um grisalho historiador de arte, homem tolerante, me fez entrar em seu gabinete.

— O estudo que o senhor acaba de publicar não favorece a sua situação; espero que o senhor tenha consciência disso — disse ele.

— Sim, sei disso — respondi.

— Aqui na faculdade, mais de um professor se sente atingido e o reitor acha que é um ataque contra as concepções dele.

— O que se pode fazer? — disse eu.

— Nada — respondeu o professor. — Mas os assistentes são nomeados por três anos. No que diz respeito ao senhor, este período vai expirar brevemente, e o posto será preenchido por concurso de títulos. Evidentemente, é de praxe que a comissão dê o posto a um candidato que já tenha ensinado na faculdade, mas o senhor está certo que no seu caso esse costume seria levado em conta? Enfim, não é sobre isso que queria falar. Até o momento havia sempre um argumento a seu favor: o senhor dava seus cursos honestamente, era querido pelos alunos e eles aprendiam alguma coisa. Mas nem a isso o senhor pode mais se agarrar. O reitor acaba de me anunciar que o senhor não dá aulas há três meses e sem a menor desculpa. Seria uma razão suficiente para demiti-lo imediatamente.

Expliquei ao professor que não faltara a nenhum curso, que tudo isso era apenas uma piada e contei toda a história do Sr. Zaturecky e de Klara.

— Muito bem, acredito — disse o professor —, mas o fato de eu acreditar não altera em nada o problema. Agora comenta-se na faculdade que o senhor não está dando seus cursos. A questão já foi levada ao comitê administrativo e ontem ao conselho da faculdade.

— Mas por que não falaram antes comigo?

— O que queria que lhe falassem? Parece que tudo está claro. Agora estão examinando retroativamente toda a sua conduta passada, procurando uma relação entre seu passado e sua atitude presente.

— O que podem achar de errado no meu passado? O senhor mesmo sabe o quanto gosto do meu trabalho. Nunca faltei a uma aula. Tenho a consciência tranqüila.

— Qualquer vida humana dá margem a inúmeras interpretações — disse o professor. — Segundo a maneira como é apresentado, o passado de qualquer um de nós tanto pode tornar-se a biografia de um chefe de Estado adorado, quanto a biografia de um criminoso. Olhe, reflita cuidadosamente sobre o seu caso. O senhor quase não era visto nas reuniões e, mesmo quando vinha, a maior parte do tempo ficava calado. Ninguém podia saber exatamente o que o senhor pensava. Eu mesmo me lembro que muitas vezes o senhor brincava, quando se discutiam coisas sérias, e que essas brincadeiras despertavam certas dúvidas. Na hora, essas dúvidas eram esquecidas, mas hoje, quando vamos procurá-las no passado, elas tomam de repente um sentido preciso. Ou então lembre-se daquelas mulheres a quem sempre o senhor mandava dizer que não estava! Ou tomemos seu último trabalho sobre o qual qualquer um pode afirmar que foi escrito a partir de posições suspeitas. Claro, são apenas fatos isolados; mas basta examiná-los à luz de seu delito presente para que formem um conjunto coerente que ilustra com eloquência sua mentalidade e sua atitude.

— Mas que delito? — protestei. — Explicarei publicamente as coisas como se passaram; se os seres humanos são seres humanos, só poderão rir.

— Como quiser. Mas o senhor perceberá que os seres humanos não são seres humanos ou que o senhor não sabe o que são os seres humanos. Eles não vão rir. Se o senhor lhes explicar como as coisas aconteceram, ficará evidente que não cumpriu sua obrigação como recomendava o programa, isto é, que o senhor não fez o que devia fazer e que ainda por cima deu seu curso clandestinamente, ou seja, fez o que não devia ter feito. Ficar

evidenciado em seguida que o senhor insultou um homem que pedia sua ajuda. Ficará evidenciado que o senhor leva uma vida dissoluta, que em sua casa mora escondida uma moça, o que provocará uma impressão profundamente desagradável ao presidente da comissão de administração. A coisa será aumentada só Deus sabe ainda por que boatos, para grande alegria de todos aqueles que o detestam por suas idéias, mas que preferem atacá-lo sob outros pretextos.

Sabia que o professor não procurava me amedrontar nem me induzir a erro, mas considerava-o um tipo singular e não queria ceder ao seu ceticismo. Eu mesmo havia montado o corcel dessa aventura, e não podia admitir que as rédeas me escapassem das mãos e que o corcel me levasse para onde bem entendesse. Eu estava pronto para travar a batalha.

E o cavalo não fugia da luta. Chegando em casa, encontrei na caixa do correio uma convocação para a próxima reunião do comitê de rua.

10

O comitê de rua reunia-se em torno de uma grande mesa numa antiga loja desativada. Um homem grisalho, de óculos e queixo pequeno, indicou-me uma cadeira. Agradei, sentei-me e o homem grisalho tomou a palavra. Anunciou-me que o comitê de rua já estava há algum tempo de olho em mim, que sabia muito bem que eu levava uma vida dissoluta, o que produzia má impressão na vizinhança; que os locatários do imóvel onde eu morava já se tinham queixado várias vezes de não terem conseguido pregar olho noites inteiras por causa do barulho no meu apartamento; que isso era suficiente para que tivessem uma idéia precisa de mim; e, para completar, a camarada Zaturecky, que era casada com um cientista, acabara de solicitar ajuda ao comitê de rua; eu deveria, há mais de seis meses, ter redigido um parecer sobre o trabalho científico de seu marido e não o fizera, apesar de saber perfeitamente que a sorte do referido trabalho estava em minhas mãos.

— É difícil qualificar esse trabalho de científico, é uma compilação de idéias alheias — observei eu, interrompendo o homem de queixo pequeno.

— É curioso, camarada — apartou uma loura de uns trinta anos, vestida como mulher da sociedade, com um sorriso radioso estampado no rosto (ao que parece, de uma vez por todas). — Permita que lhe faça uma pergunta: qual é a sua especialidade?

— História da arte.

— E qual é a especialidade do camarada Zaturecky?

— Não sei. Talvez ele esteja procurando trabalhar na mesma área.

— Estão vendo — gritou a loura dirigindo-se com entusiasmo aos outros membros do comitê —, para o camarada um trabalhador científico da sua especialidade não é um camarada, mas um concorrente.

— Vou continuar — disse o homem de queixo pequeno. — A camarada Zaturecky nos disse que seu marido veio procurar o senhor em casa e encontrou uma mulher. Parece que essa mulher depois o caluniou junto ao senhor, insinuando que o Sr. Zaturecky tentara abusar dela sexualmente. A camarada Zaturecky pode, é claro, apresentar provas irrefutáveis de que seu marido é incapaz de tal comportamento. Ela deseja conhecer o nome dessa mulher que caluniou seu marido e apresentar queixa diante da comissão penal do comitê nacional, pois essa calúnia pode prejudicar o marido e privá-lo de seus meios de vida.

Tentei mais uma vez extirpar desse problema grotesco sua parte hipertrofiada: — Escute, camarada — disse eu —, tudo isso não vale a pena. Esse trabalho é tão fraco que, assim como eu, ninguém aceitaria recomendá-lo. E se houve um mal-entendido entre essa mulher e o Sr. Zaturecky, isso não é motivo suficiente para se convocar uma reunião.

— Felizmente, camarada, não compete a você decidir sobre a oportunidade de nossas reuniões — respondeu-me o homem de queixo pequeno. — E se agora alega que o trabalho do camarada Zaturecky não vale nada, devemos considerar isso como uma vingança. A camarada Zaturecky nos deu para ler uma carta que você escreveu para seu marido depois de tomar conhecimento do trabalho dele.

— É. Mas nessa carta não digo uma palavra sobre a qualidade desse estudo.

— É verdade. Mas você escreveu ao camarada Zaturecky dizendo que o ajudaria de boa vontade; e transparece claramente pela leitura dessa carta

que você tinha em boa conta o trabalho do camarada Zaturecky. E agora diz que é uma compilação. Por que não lhe escreveu logo isso? Por que não lhe disse francamente?

— O camarada é um homem de duas caras — disse a loura.

Nesse momento uma mulher de certa idade com uma permanente no cabelo interveio na discussão, indo logo ao âmago do problema: — Gostaríamos que você nos dissesse, camarada, quem é essa mulher que o Sr. Zaturecky encontrou em sua casa.

Compreendi que não estava absolutamente em meu poder retirar desse problema sua absurda gravidade e que só me restava uma saída: confundir as pistas, afastar todas essas pessoas de Klara, desviá-las dela, como a perdiz que desvia o cão de caça de seu ninho, oferecendo seu próprio corpo em troca do corpo de seus filhotes.

— É deplorável — disse eu —, mas não me lembro do nome dessa mulher.

— Como? Você não se lembra mais do nome da mulher com quem vive? — perguntou a mulher do permanente.

— Você parece ter uma conduta exemplar com as mulheres, camarada — disse a loura.

— Poderia talvez me lembrar, mas teria de refletir. Vocês sabem o dia em que o Sr. Zaturecky veio me ver?

— Foi... um minuto por favor — disse o homem de queixo pequeno olhando em seus papéis. — Foi no dia 14, portanto quarta-feira à tarde.

— Quarta-feira 14... Espere... — Segurei a cabeça entre as mãos e pensei. — Bem, agora me lembro. Foi Helena. — Percebi que todos me escutavam com o maior interesse.

— Helena... Bom, e o que mais?

— O que mais? Infelizmente não sei mais nada. Não quis lhe fazer perguntas. Para dizer a verdade, não estou bem certo de que ela se chamava Helena. Eu a chamava de Helena porque o marido dela me pareceu ruivo como Menelau. Eu a conheci terça-feira à noite num *dancing* e consegui trocar com ela algumas palavras enquanto seu Menelau tomava um conhaque no bar. Ela veio me ver no dia seguinte e passou a tarde em minha

casa. De noite, tive que deixá-la por duas horas por causa de uma reunião na faculdade. Quando voltei, ela estava assustada e disse que tinha aparecido um senhor que lhe fizera propostas. Pensou que eu estava de conivência com ele e não quis mais saber de mim. Portanto, vocês vêem, não tive nem tempo de saber o seu nome verdadeiro.

— Camarada, seja verdade ou não o que o senhor acabou de contar — disse a loura —, parece-me perfeitamente incompreensível que um homem como o senhor possa educar a juventude. Como é possível que a vida em nosso país não o estimule a fazer outra coisa senão beber e seduzir mulheres? Fique certo de que faremos com que nossa opinião a esse respeito seja conhecida por quem de direito.

— O porteiro não nos falou de uma moça chamada Helena — acrescentou por sua vez a mulher de permanente —, mas contou que você abriga há um mês, sem a registrar, uma moça que trabalha numa empresa de confecções. Não esqueça que você mora em sublocação, camarada! Está pensando que pode acolher qualquer pessoa? Está confundindo sua casa com um bordel? Se você não nos quer dar o nome dela, a polícia poderá consegui-lo.

11

O chão afundava sob meus pés. Eu mesmo começava a sentir a atmosfera hostil a que se referira o professor. Ninguém havia ainda me convocado, mas ouvia de vez em quando alusões, e a Sra. Marie, em cuja sala os professores acabavam de tomar o cafezinho sem prestar muita atenção ao seu falatório, me revelava algumas coisas, penalizada. O júri devia se reunir alguns dias mais tarde e recebia de toda parte opiniões e apreciações. Eu imaginava os membros do júri lendo o relatório do comitê de rua, documento do qual sabia apenas uma coisa: que era secreto e que eu não podia fazer nenhuma observação a seu respeito.

Há momentos na vida em que é preciso bater em retirada. Em que é preciso abandonar as posições menos importantes para preservar as posições vitais. Ora, essa última posição me parecia ser representada por Klara. Nesses dias movimentados, comecei de repente a compreender que amava minha costureira, que me apegava a ela.

Naquele dia marcara encontro com ela em frente de uma igreja. Não em casa, isso não. Pois a casa seria a casa? Uma peça com as paredes de vidro pode ser ainda uma casa? Uma peça que os observadores vigiam de binóculo? Um lugar em que você deve dissimular, como uma mercadoria de contrabando, a mulher que ama?

Em casa não estávamos portanto na nossa casa. Sentíamo-nos como intrusos que penetraram em território estrangeiro, correndo o risco de a qualquer momento ser atacados; perdíamos nosso sangue-frio logo que ressoavam passos no corredor; esperávamos que a qualquer momento alguém batesse com insistência na porta. Klara voltara a Celakovice e não tínhamos mais vontade de nos encontrarmos, nem mesmo por alguns instantes, nessa nossa casa que se tornara estrangeira. Foi por isso que pedi a um amigo pintor que me emprestasse por uma noite seu ateliê. Era a primeira vez que ele me confiava a chave.

Então nos encontramos sob o teto de um imenso quarto com um único divã pequeno e uma enorme janela em plano inclinado, de onde se descortinava Praga à luz da noite; no meio de uma quantidade de quadros apoiados ao longo das paredes, nessa sujeira e nessa desordem despreocupada de artista, reencontrei de repente minhas antigas impressões de doce liberdade. Instalei-me no divã, enfiei o saca-rolhas na rolha e abri a garrafa de vinho. Conversava à vontade e me alegrava com a bela noite que iríamos passar.

Infelizmente a angústia que acabara de cair dos meus ombros pesava com todo o seu peso sobre Klara.

Já disse que Klara viera se instalar na minha casa sem o menor escrúpulo, e até mesmo com uma grande naturalidade. Mas agora que estávamos por alguns momentos num ateliê estranho, ela se sentia pouco à vontade. Mais que pouco à vontade.

— Isso me humilha — disse ela.

— O que a humilha? — perguntei.

— Que você tenha pedido um apartamento emprestado.

— Por que pedir um apartamento emprestado humilha você?

— Porque existe nisso alguma coisa de humilhante.

— Não tínhamos outra opção.

— Sei disso — disse ela —, mas num apartamento emprestado me sinto uma puta.

— Deus meu! Por que estar em um apartamento emprestado faz você se sentir uma puta? Em geral as putas exercem sua profissão a domicílio e não em apartamento emprestado.

Era bobagem enfrentar racionalmente a sólida barreira do irracional de que é constituída, como se diz, a alma feminina. Desde o começo nossa discussão se realizava sob maus auspícios.

Contei a Klara o que me dissera o professor, e o que tinha se passado no comitê de rua, e tentei convencê-la de que finalmente estávamos chegando ao término de todos os obstáculos.

Klara ficou calada um minuto e depois afirmou que eu era culpado de tudo. — Será que pelo menos você podia me tirar desse ateliê de confecção?

Respondi que no momento era preciso ter um pouco de paciência.

— Está vendo? — disse Klara. — Eram só promessas. E afinal de contas você não vai fazer nada. E agora não vou conseguir sair disso, mesmo que outra pessoa se ofereça para me ajudar, porque, por sua culpa, terei um dossiê sujo.

Dei a Klara minha palavra de honra de que ela não iria pagar pelos meus problemas com o Sr. Zaturecky.

— Ainda assim não consigo compreender — disse Klara — por que razão você se recusa a escrever esse parecer. Se você o escrevesse, ficaríamos imediatamente sossegados.

— De qualquer modo, é tarde demais para isso, Klara — respondi. — Se escrever agora o parecer, eles vão achar que condeno o trabalho por vingança, e ficarão ainda mais furiosos.

— E por que você teria que condenar esse trabalho? Dê uma opinião favorável!

— Não posso fazer isso, Klara. Esse artigo é impossível.

— E daí? Fica-lhe bem bancar o defensor da verdade! Não era mentira quando você escreveu para o homenzinho dizendo que suas opiniões em *O Pensamento Plástico* não tinham nenhum peso? Você não estava mentindo quando disse que ele tentara me seduzir? Você não mentiu quando falou na tal Helena? Então, já que mentiu tanto, que mal existe em mentir mais uma vez e dar uma opinião favorável sobre o artigo? É a única maneira de consertar tudo.

— Veja, Klara — disse eu —, você pensa que uma mentira vale tanto quanto outra, mas está errada. Posso inventar qualquer coisa, zombar dos outros, criar toda espécie de mistificações, fazer todo tipo de piadas e não ter a impressão de ser um mentiroso; essas mentiras, se quiser chamá-las mentiras, sou eu, tal como sou; com essas mentiras, não simulo nada, na realidade com essas mentiras estou dizendo a verdade. Mas existem coisas sobre as quais não posso mentir. Existem coisas que conheço a fundo, das quais compreendi o sentido, e que amo. Não brinco com essas coisas. Mentir sobre isso seria me diminuir, não posso fazê-lo, não exija isso de mim, eu não o farei.

Não nos entendemos.

Mas gostava realmente de Klara e estava resolvido a fazer tudo para que ela não tivesse queixas de mim. Logo no dia seguinte escrevi uma carta à Sra. Zaturecky, dizendo que a esperaria no dia seguinte, às duas horas, no meu escritório.

12

Fiel à sua temível precisão, a Sra. Zaturecky bateu na porta do meu escritório exatamente à hora marcada. Abri a porta e a convidei a entrar.

Então finalmente a via. Era uma mulher grande, muito grande, e dois olhos de um azul pálido se destacavam no seu rosto magro e comprido de camponesa.

— Fique à vontade — disse-lhe, e ela tirou com gestos desajeitados um casaco marrom-escuro, comprido e apertado na cintura, de corte estranho, que me fez pensar num velho capote militar.

Não queria atacar primeiro; queria que o adversário começasse a mostrar seu jogo. Quando a Sra. Zaturecky sentou-se, estimulei-a com poucas palavras a iniciar a discussão.

Ela disse com uma voz grave, sem nenhuma agressividade: — O senhor sabe por que o procurava. Meu marido sempre teve pelo senhor muita estima, tanto pelo homem como pelo erudito. Tudo dependia da sua opinião. E o senhor se recusou a redigir o parecer que ele lhe pedia. Meu marido dedicou três anos inteiros a esse trabalho. Teve uma vida mais dura do que a sua. Foi professor primário, percorria sessenta quilômetros por dia para ir ensinar no campo. Fui eu que o forcei a se demitir no ano passado, para que pudesse se dedicar exclusivamente à ciência.

— O Sr. Zaturecky não trabalha? — perguntei.

— Não...

— E de que estão vivendo?

— Por enquanto, estou tentando me virar sozinha. A paixão do meu marido é a ciência. Se o senhor soubesse o quanto estudou. Se o senhor soubesse quantas folhas de papel encheu. Ele sempre diz que um verdadeiro sábio tem que escrever trezentas páginas para conservar apenas trinta. Depois apareceu essa mulher. Acredite, eu o conheço, ele nunca faria uma coisa como aquela de que foi acusado, gostaria que ela falasse aquilo na nossa frente! Conheço as mulheres. É possível que ela o ame e que o senhor não goste dela. Ela talvez quisesse despertar o seu ciúme. Mas o senhor pode me acreditar, nunca meu marido teria ousado tal coisa!

Enquanto escutava a Sra. Zaturecky, de súbito aconteceu-me algo de estranho: esqueci que por causa dessa mulher eu seria forçado a deixar a faculdade, por causa dessa mulher uma sombra deslizara entre mim e Klara, por causa dessa mulher havia passado tantos dias cheios de tormentos e raiva. Toda ligação entre ela e a história em que juntos representamos não sei que triste papel parecia-me confusa, vaga, fortuita. Compreendia de repente que de minha parte era apenas uma ilusão ter imaginado que nós mesmos selávamos o corcel de nossas aventuras e que dirigíamos nós mesmos a corrida; que essas aventuras talvez não fossem absolutamente *nossas*, mas talvez impostas do *exterior*, de algum modo; que não nos caracterizavam de nenhuma maneira; que não somos nada responsáveis

pelo seu insólito percurso; que elas nos arrastam, sendo elas próprias dirigidas não se sabe de onde por não se sabe que forças estranhas.

Aliás, quando olhava a Sra. Zaturecky nos olhos, parecia-me que seus olhos não podiam ver até o fim dos acontecimentos, que seus olhos não olhavam nada, que apenas flutuavam na superfície do rosto.

— Talvez a senhora tenha razão, Sra. Zaturecky — disse eu em tom conciliador. — Talvez minha amiga tenha mentido. Mas a senhora sabe o que é um homem ciumento; acreditei nela e meus nervos não agüentaram. São coisas que acontecem a qualquer um.

— É claro — disse a Sra. Zaturecky, visivelmente aliviada de um grande peso. — Uma vez que o senhor mesmo reconhece, está bem. Tínhamos medo que o senhor acreditasse nessa mulher. Ela poderia estragar a vida do meu marido, não é mesmo? Eu nem estou falando sobre a dúvida que isso poderia causar-lhe, do ponto de vista moral. Isso ainda poderíamos suportar. Mas meu marido espera tudo do seu parecer. Afirmaram a ele, na redação daquela revista, que isso dependia exclusivamente do senhor. Meu marido está convencido de que, se o seu artigo for publicado, ele será enfim admitido na Pesquisa Científica. O senhor vai escrever o parecer, agora que tudo foi esclarecido? E o senhor poderia fazê-lo bem depressa?

O momento de me vingar e aliviar minha cólera tinha chegado finalmente, mas naquele momento não sentia mais nenhuma cólera, e o que disse à Sra. Zaturecky, disse-o porque não podia fazer de outro modo:

— Sra. Zaturecky, no que diz respeito àquele parecer, há uma dificuldade. Vou explicar francamente como tudo aconteceu. Detesto dizer cara a cara coisas desagradáveis. É o meu ponto fraco. Fiz tudo para não encontrar o Sr. Zaturecky e pensei que ele acabaria compreendendo por que eu o estava evitando. A verdade é que o estudo dele é fraco. Não tem nenhum valor científico. A senhora acredita?

— É uma coisa que custo a acreditar. Não, não acredito no senhor — disse a Sra. Zaturecky.

— Para começar, o trabalho não é nada original. Está compreendendo? Um erudito deve sempre acrescentar alguma coisa de novo! Um erudito não tem o direito de copiar coisas já conhecidas, que outros já escreveram.

— Tenho certeza de que meu marido não copiou aquele artigo.

— Sra. Zaturecky, a senhora na certa leu o artigo... — Quis continuar, mas a Sra. Zaturecky me interrompeu:

— Não, não li.

Fiquei surpreso.

— Nesse caso, leia.

— Tenho a vista fraca — disse a Sra. Zaturecky. — Há cinco anos não leio uma linha, mas não preciso ler para saber se meu marido é ou não honesto. São coisas que se sente, não há necessidade de ler para isso. Conheço meu marido como uma mãe conhece seu filho, sei tudo a respeito dele. E sei que tudo que ele faz é honesto!

Sem recuar diante do pior, li para a Sra. Zaturecky algumas passagens do artigo do seu marido e as passagens correspondentes de diferentes autores aos quais o Sr. Zaturecky tomara emprestadas suas idéias. É claro que não se tratava de plágio deliberado, mas de uma submissão cega às autoridades que inspiravam ao Sr. Zaturecky um respeito sincero e desmedido. Ficava no entanto evidente que nenhuma revista científica séria poderia publicar tal texto.

Não sei a que ponto a Sra. Zaturecky prestava atenção às minhas explicações, a que ponto ela as acompanhava e compreendia. Estava docilmente sentada na sua poltrona, submissa e obediente como um soldado que sabe que não deve abandonar seu posto. Falei uma boa meia hora. Em seguida, ela se levantou de sua poltrona, fixou em mim seus olhos translúcidos e me pediu com voz apagada que a desculpasse. Mas eu sabia que ela não perdera a fé em seu marido. Se tivesse queixa de alguém, seria de si mesma, por não ter enfrentado meus argumentos, que lhe pareciam confusos e incompreensíveis. Enfiou seu capote militar e compreendi que aquela mulher era um soldado, um soldado de corpo e alma, um soldado triste e fiel, um soldado cansado de longas campanhas, um soldado que não era capaz de compreender o sentido das ordens, mas que as executaria sempre sem se revoltar, um soldado que partia vencido, mas sem mácula.

— Agora você não precisa ter medo de nada — disse eu a Klara, depois de ter-lhe contado minha conversa com a Sra. Zaturecky.

— Não vejo o que poderia temer — respondeu Klara com uma segurança que me surpreendeu.

— Como? Se não fosse por você eu nunca teria ido encontrar-me com a Sra. Zaturecky!

— Foi uma boa coisa você ter encontrado com ela, pois é muito errado o que você fez com essas pessoas. O Dr. Kalusek disse que dificilmente um homem sensato pode compreender você.

— Quando foi que você viu Kalusek?

— Eu o vi — disse Klara.

— E você contou tudo a ele?

— E daí? É por acaso um segredo? Agora sei muito bem o que você é.

— Ah, é?

— Quer que eu lhe diga?

— Por favor.

— Você é um cínico estereotipado.

— Foi Kalusek que disse isso?

— Por que Kalusek? Você acha que não posso descobrir isso sozinha? Acredita que sou incapaz de perceber seu jogo? Você gosta de fazer as pessoas de bobas. Você prometeu um parecer ao Sr. Zaturecky...

— Eu nunca prometi isso a ele...

— Não faz diferença. Para mim você prometeu um emprego. Você se serviu de mim contra o Sr. Zaturecky e do Sr. Zaturecky contra mim. Mas se você quer saber, eu vou ter o tal emprego, apesar de tudo.

— Graças a Kalusek? — Esforçava-me para ser sarcástico.

— Certamente não vai ser graças a você! Você está queimado em todos os lugares, nem sabe a que ponto.

— E você sabe?

— Sei. Seu contrato não vai ser renovado e você pode se considerar feliz se conseguir um lugar numa galeria de arte do interior. Mas é preciso que compreenda que tudo isso aconteceu por sua causa. Se eu posso lhe dar um conselho, no futuro seria melhor você ser sincero e não mentir, porque uma mulher não pode ter estima por um homem que mente.

Ela se levantou, estendeu-me a mão (visivelmente pela última vez), deu-me as costas e foi embora.

Precisei ainda de um momento para compreender que minha história (apesar do silêncio glacial que me cercava) não é do gênero trágico, mas se enquadra de preferência na categoria das aventuras cômicas.

O que me proporcionou uma espécie de consolo.



O JOGO DA CARONA



A agulha do mostrador de gasolina oscilou bruscamente em direção ao zero e o jovem motorista comentou que era espantoso o quanto aquele conversível bebia. — Desde que não fiquemos sem gasolina como da última vez — observou a moça (de mais ou menos vinte e dois anos), lembrando os vários lugares em que essa desgraça já acontecera. O rapaz disse-lhe que não se importava, pois tudo que lhe acontecia em sua companhia tinha sabor de aventura. A moça não era da mesma opinião: quando ficavam sem gasolina no meio da estrada, a aventura era só para ela, pois ele se escondia e ela tinha que usar e abusar de seu encanto feminino: fazer parar um carro, ser levada até o posto de gasolina mais próximo, depois parar outro carro e voltar com um galão. O rapaz comentou que os motoristas que a apanhavam deviam ser bem antipáticos para que ela se queixasse assim de sua missão. A moça respondeu (com um coquetismo desajeitado) que algumas vezes eles eram bem simpáticos, mas que ela pouco podia aproveitar, ocupada em carregar o galão, e obrigada a deixá-los sem tempo de levar a conversa adiante.

— Monstro — disse ele.

Ela replicou que monstro, se houvesse, seria ele. Deus sabe quantas moças o faziam parar nas estradas quando ele estava sozinho! Continuando a dirigir, ele a abraçou e deu-lhe um beijo na testa. Sabia que ela o amava e que era ciumenta. O ciúme não é um traço de caráter muito simpático, mas se tomamos cuidado para não abusar dele (se vem acompanhado de recato), ele tem, apesar de todos os inconvenientes, qualquer coisa de comovente. Pelo menos ele pensava assim. Tendo apenas vinte e oito anos, achava-se velho e imaginava conhecer das mulheres tudo que um homem pode conhecer. O que apreciava na moça sentada a seu lado era justamente aquilo que achava mais raro encontrar nas mulheres: a pureza.

A agulha do mostrador já estava em cima do zero quando viu à direita da estrada uma placa indicando que havia um posto a quinhentos metros. Logo que a viu, ela sentiu-se aliviada. Ele colocou a seta para a esquerda e subiu no calçamento diante das bombas de gasolina. Mas um enorme

caminhão com um imenso tanque estava parado na frente das bombas e as enchia por meio de uma grossa mangueira.

— Chegamos em má hora — disse ele ao descer. — Vai demorar muito? — perguntou ao homem do posto.

— Um minuto.

— Eu conheço esse minuto. — Quis sentar-se de novo no carro, mas constatou que a moça descera pela outra porta.

— Desculpe — disse ela.

— Aonde você vai? — perguntou ele de propósito, para desconcertá-la. Conheciam-se há um ano, mas ela ainda conseguia enrubescer na frente dele e ele gostava muito de seus momentos de pudor (primeiro, porque isso a diferenciava das mulheres que conhecera antes dela, e segundo, porque conhecia a lei da universal fugacidade que lhe tornava precioso até mesmo o pudor de sua amiga).

2

A moça detestava ser obrigada a lhe pedir (ele muitas vezes dirigia durante horas, sem interrupção) que parasse diante de um arvoredo. Ela sempre se irritava com a surpresa fingida com que ele lhe perguntava por quê. Ela sabia que seu pudor era ridículo e fora de moda. Em seu trabalho, constataria muitas vezes que caçoavam dela, e a provocavam de propósito por causa de sua decência. Ela sempre enrubescia por antecipação diante da idéia de que iria enrubescer. Muitas vezes desejava sentir-se livre, despreocupada, à vontade em seu próprio corpo, como sabia que era a maioria das mulheres com quem convivia. Até mesmo inventara, para seu uso próprio, um método original de autopersuasão: repetia para si mesma que todo ser humano recebe ao nascer um corpo entre milhões de outros corpos prontos para o uso, como se lhe fosse atribuída morada semelhante a milhões de outras num imenso prédio; que o corpo é, portanto, uma coisa fortuita e impessoal, nada mais do que um artigo de empréstimo e de confecção. Eis o que repetia para si mesma com todas as variações possíveis, tentando inutilmente inculcar em si essa maneira de sentir. Esse

dualismo da alma e do corpo lhe era estranho. Ela se confundia muito com seu corpo para não senti-lo com angústia.

Essa angústia, ela a sentia até mesmo ao lado do rapaz; ela o conhecia há um ano e estava feliz, sem dúvida porque ele nunca distinguia entre seu corpo e sua alma, de maneira que, com ele, podia viver corpo e alma. A felicidade vinha dessa ausência de dualidade, mas, como a desconfiança vive perto da felicidade, ela também estava cheia de desconfianças. Por exemplo, muitas vezes ela pensava que havia outras mulheres mais sedutoras (essas não sentiam angústia) e que seu amigo, que conhecia esse tipo de mulher e não disfarçava isso, um dia a deixaria por uma delas. (É claro que ele dizia já ter conhecido esse tipo de mulher em número suficiente para o resto de seus dias, mas ela sabia que ele era mais jovem do que pensava.) Ela o queria inteiramente para si e queria ser inteiramente dele, mas, quanto mais se esforçava para lhe dar tudo, mais tinha a sensação de lhe recusar aquilo que proporciona um amor pouco profundo e superficial, aquilo que proporciona um flerte. Ela se censurava por não saber conciliar a seriedade com a leveza.

Naquele dia, porém, não se atormentava e não pensava em nada. Sentia-se bem. Era o primeiro dia de férias de ambos (quinze dias de férias que durante o ano inteiro tinham sido o ponto de convergência de seus desejos), o céu estava azul (durante o ano inteiro ela perguntara a si mesma, com ansiedade, se o céu seria realmente azul) e ele estava com ela. Depois do "Aonde você vai?", ficou vermelha e saiu correndo sem dizer palavra. Contornou o posto, que ficava num descampado à beira da estrada; a uns cem metros (na direção que deveriam tomar em seguida) começava uma floresta. Correu para lá e, entregando-se a uma sensação de bem-estar, desapareceu atrás de uma moita. (Apesar da alegria que proporciona a presença do ser amado, é preciso estar só para senti-la em sua plenitude.)

Depois saiu da floresta e retomou a estrada; do lugar onde se encontrava, podia-se enxergar o posto. O enorme caminhão-tanque já havia partido. O conversível avançou para a coluna vermelha da bomba de gasolina. Ela caminhava ao longo da estrada, virando-se apenas de vez em quando para ver se ele chegava. Por fim o avistou. Parou e começou a fazer sinais, como alguém que pede uma carona a um carro desconhecido. O conversível freou e parou bem ao lado dela. O rapaz inclinou-se para o vidro, abaixou-o, sorriu e — Para onde a senhorita está indo? — perguntou.

— Está indo para Bystrica? — perguntou ela por sua vez, com um sorriso sedutor. — Por favor, suba — disse ele abrindo a porta. Ela entrou e o carro seguiu em frente.

3

O rapaz ficava sempre contente ao vê-la de bom humor; isso não acontecia com frequência; o trabalho dela era muito duro (ambiente desagradável, muitas horas extras sem compensação) e tinha uma mãe doente em casa; quase sempre cansada, não possuía nervos fortes e sentia-se insegura; sucumbia facilmente ao medo e à angústia. Por isso ele acolhia toda demonstração de alegria que partisse dela com a terna atenção de um irmão mais velho. Sorriu-lhe e disse: — Hoje estou com sorte. Há cinco anos que dirijo e nunca dei carona a uma moça tão bonita.

A moça recebia com gratidão o menor elogio de seu amigo. Para conservar um pouco o entusiasmo, ela disse:

— Você sabe mentir bem.

— Tenho cara de mentiroso?

— Tem cara de quem gosta de mentir para as mulheres — disse ela, e um pouco de sua velha angústia apareceu automaticamente nessas palavras, pois acreditava realmente que seu amigo gostava de mentir para as mulheres.

Em geral ele se irritava com os acessos de ciúme de sua amiga, mas naquele dia foi fácil não dar importância ao fato, pois aquela frase não se dirigia a ele, mas a um chofer desconhecido. Contentou-se com uma pergunta banal: — Isso a incomoda?

— Se eu fosse sua namorada me incomodaria — disse ela, e isso era uma sutil lição de moral para o rapaz; mas o final da frase era dirigido apenas a um chofer estranho. — Isso não me incomoda, pois não o conheço.

— Uma mulher sempre perdoa mais facilmente a um estranho do que a um namorado. (Isso era uma lição de moral sutil que, por sua vez, ele dirigia à moça.) Logo, podemos nos entender muito bem, pois somos estranhos um ao outro.

Ela fingiu não perceber a nuance didática subentendida nessa observação e decidiu dirigir-se apenas ao chofer desconhecido. — Para que isso, se vamos nos separar daqui a pouco?

— Porquê? — perguntou ele.

— Você sabe muito bem que vou descer em Bystrica.

— E se eu descer com você?

Diante dessas palavras ela levantou os olhos para o rapaz e constatou que ele era exatamente como o imaginava nos momentos do mais agudo ciúme; assustou-se com a sedução que ele usava para envolvê-la (à moça desconhecida da carona em que ela se transformara) e que lhe caía tão bem. Replicou então com insolência provocante:

— Fico pensando o que *você* faria comigo!

— Não teria que pensar muito para saber o que fazer com uma moça tão bonita — disse ele galantemente, e ainda dessa vez dirigia-se muito mais à moça do que à personagem da carona.

Essas palavras elogiosas foram como se ela o tivesse apanhado em flagrante delito, como uma confissão arrancada por hábil subterfúgio; sentiu-se tomada por um brusco e rápido movimento de cólera e disse: — Você confunde seus desejos com a realidade!

Ele a observava: o rosto teimoso da moça estava crispado; sentiu por ela uma estranha piedade e desejou voltar a encontrar seu olhar habitual, familiar (que ele considerava simples e infantil); inclinou-se para ela, envolveu-lhe os ombros e, querendo acabar com o jogo, pronunciou docemente seu nome.

Mas ela se desvencilhou e disse: — Acho que você está indo muito depressa!

— Desculpe, senhorita — disse ele desconcertado. Depois fixou os olhos na estrada, sem dizer nada.

Mas a moça desistiu desse ciúme tão depressa quanto nele caíra. Tinha bom senso suficiente para saber que tudo não passava de um jogo; achava-se até mesmo um pouco ridícula por tê-lo repelido num movimento de ciúme; esperava que ele não tivesse percebido. Felizmente ela possuía a faculdade milagrosa de modificar logo em seguida o sentido dos seus atos e resolveu que não o repelira por ressentimento, mas apenas para continuar o jogo, cuja leveza convinha tão bem a um primeiro dia de férias.

Portanto, ela era mais uma vez a moça da carona que acabara de repelir o chofer muito atrevido, mas apenas para atrasar a conquista e torná-la mais saborosa. Voltou-se ligeiramente para ele e disse com voz carinhosa: — Não queria magoá-lo, senhor.

— Desculpe, não vou mais tocar em você — disse ele.

Ele ficou zangado porque ela não o compreendera e se recusara a ser ela mesma no momento em que ele o desejara; e já que ela insistia em conservar a máscara, ele transferiu a raiva para a carona desconhecida que ela representava; nesse momento descobriu o personagem do seu papel: desistiu dos elogios que eram uma forma disfarçada de agradar à amiga e pôs-se a representar o homem duro que, em suas relações com as mulheres, acentua os aspectos mais brutais da virilidade: a vontade, o cinismo, a segurança.

Esse papel estava em contradição total com a terna solicitude que sentia por ela; é verdade que antes de conhecê-la tinha se mostrado menos delicado com as mulheres, mas mesmo então não tinha nada do homem duro e satânico, pois não se caracterizava nem pela força de vontade nem pela ausência de escrúpulos. No entanto, se não se assemelhava a esse tipo de homem, por isso mesmo desejara parecer-se com ele. Certamente é um desejo bastante ingênuo, mas o que fazer, se os desejos pueris escapam a todas as armadilhas do espírito adulto e às vezes sobrevivem até a mais longínqua velhice. E esse desejo pueril aproveitou a oportunidade para encarnar o papel que lhe era proposto.

A superioridade sarcástica do chofer convinha à moça: libertava-a de si mesma. Pois ela mesma era, antes de tudo, o ciúme. A partir do momento em que seu amigo deixou de exhibir seus talentos de sedutor para mostrar

apenas o rosto fechado, o ciúme se aplacou. Ela podia esquecer de si mesma e entregar-se ao seu papel.

Seu papel? Qual? Um papel extraído da má literatura. Ela havia parado o carro, não para ir aqui ou ali, mas para seduzir o homem sentado ao volante; a moça da carona não era senão uma vil sedutora que sabia usar admiravelmente seus encantos. E entrou na pele desse ridículo personagem de romance com uma facilidade que a surpreendeu e encantou.

Foi assim que ficaram um ao lado do outro: um chofer desconhecido e uma carona desconhecida.

5

O que o rapaz mais lamentava não ter encontrado na vida era a despreocupação. A estrada de sua vida era traçada com o mais implacável rigor. O trabalho não se limitava a absorver-lhe oito horas diárias; impregnava o resto do seu dia com o tédio obrigatório das reuniões e dos estudos em casa, e invadia sua escassa vida privada, que nunca ficava preservada e que muitas vezes fora alvo de comentários e discussões públicas; pairavam sobre ele os olhares de inúmeros colegas, homens e mulheres. Até mesmo as duas semanas de férias não traziam nenhuma sensação de libertação e de aventura; também se estendia sobre elas a sombra cinzenta de um rigoroso planejamento. Por causa da escassez de alojamentos para férias, ele fora obrigado a reservar com seis meses de antecedência um quarto nos Tatras, e para isso fora necessária uma recomendação do Comitê Sindical da empresa em que trabalhava, cujo espírito onipresente não parava de seguir seus gestos e seus atos.

Havia acabado por aceitar tudo isso, afinal, mas às vezes tinha a horrível visão de uma estrada em que era perseguido sob os olhos de todos, sem nunca poder se desviar. Precisamente nesse momento essa visão apareceu e a estrada imaginária confundiu-se com a estrada real em que andava; a estranha e rápida associação de idéias provocou nele uma súbita extravagância:

— Aonde você disse que ia?

— A Bystrica.

— E o que vai fazer lá?

— Tenho um encontro.

— Com quem?

— Com um senhor.

O carro acabava de chegar a um grande cruzamento. O rapaz diminuiu a marcha para ler a placa com as indicações; em seguida tomou a direita.

— E o que acontecerá se você não for ao encontro?

— Será culpa sua e você terá que tomar conta de mim.

— Não percebeu que acabei de tomar a estrada de Nove Zamky?

— É mesmo? Você perdeu a cabeça!

— Não tenha medo! Eu tomo conta de você — disse ele.

O jogo assumiu logo um novo aspecto. O carro se afastara não apenas do destino imaginário — Bystrica — como também do verdadeiro destino para o qual se dirigia naquela manhã: os Tatras e o quarto reservado. A existência representada invadia a existência real. Ele se distanciava a um só tempo de si mesmo e do caminho rigoroso do qual até então nunca se afastara.

— Mas você me disse que ia aos Tatras — surpreendeu-se ela.

— Vou aonde quero, senhorita. Sou um homem livre, faço o que entendo e o que me agrada.

6

A noite começava a cair quando chegaram a Nové Zamky.

O rapaz nunca tinha estado lá e precisou de um bom tempo para se orientar. Parou várias vezes para perguntar às pessoas onde ficava o hotel. As ruas estavam esburacadas e levaram uns quinze minutos para chegar ao hotel, que afinal ficava bem perto (segundo as pessoas que informaram), depois de muitas voltas e desvios. O hotel nada tinha de convidativo, mas era o único da cidade e o rapaz estava cansado de dirigir. — Espere aí — disse ele, saindo do carro.

Assim que saiu, voltou, é claro, a ser ele mesmo. De súbito, desagradou-lhe o fato de estar num lugar totalmente imprevisto; ainda mais que não estava ali obrigado por ninguém, nem mesmo por vontade própria. Ele se censurava a extravagância, mas depois resolveu não se preocupar mais: o quarto dos Tattras podia esperar até o dia seguinte, e que mal havia em festejar esse primeiro dia de férias com um pouco de imprevisto?

Atravessou a sala de jantar — enfumaçada, repleta, barulhenta — e perguntou onde era a recepção. Apontaram para o fundo do *hall*, ao pé da escada, onde uma loura atarefada pontificava sob um quadro cheio de chaves; conseguiu com dificuldade a chave do último quarto livre.

Ao ficar sozinha, a moça também saiu do seu papel. Não estava nem um pouco aborrecida com a troca de itinerário. Tinha confiança demais no amigo para desconfiar do menor dos seus atos. Mas de repente pensou nas outras moças que ele encontrara nas viagens e que tinham ficado esperando por ele no carro, como ela estava agora. Coisa estranha, esse pensamento não a fazia sofrer; sorria à idéia de que era uma desconhecida para ele, irresponsável e indecente, uma dessas mulheres que lhe despertavam tanto ciúme; acreditava assim suplantá-las; acreditava ter encontrado os meios de apoderar-se de suas armas, de oferecer finalmente ao amigo o que até agora não lhe soubera dar: a despreocupação, o despudor, a liberdade; sentia uma especial satisfação ao pensar que ela sozinha podia ser todas as mulheres e podia assim (ela sozinha) açambarcar toda a atenção do amigo e absorvê-lo inteiramente.

O rapaz abriu a porta do carro e levou a moça para a sala do restaurante. Num canto, no meio da desordem, da sujeira e da fumaça, ele descobriu a única mesa vazia.

7

— Agora vamos ver como é que você vai cuidar de mim — disse a moça num tom provocante.

— Quer tomar um aperitivo? — perguntou o rapaz.

Ela apreciava muito pouco a bebida alcoólica: bebia um pouco de vinho e gostava de vermute. Mas dessa vez respondeu de propósito: — Uma

vodca.

— Muito bem — disse ele —, espero que não se embriague.

— E daí? Está com medo?

Ele não respondeu e chamou o garçom, pediu duas vodcas e dois bifês. Logo depois o garçom colocou diante deles uma bandeja com dois copos.

Ele levantou o copo dizendo: — Saúde!

— Será que você não pode encontrar nada mais original?

Havia algo no jogo da moça que começava a irritá-lo; agora que estavam frente a frente compreendeu que, se ela lhe parecia uma outra, não era apenas por causa de suas *palavras*, mas porque ela estava tão *inteiramente* metamorfoseada, nos gestos e na mímica, que se parecia, com repugnante fidelidade, àquele tipo de mulher que ele conhecia muito bem e que lhe inspirava ligeira aversão.

Portanto, segurando o copo na mão estendida, modificou seu brinde: — Bem, não vou beber exatamente à sua saúde, mas à saúde da sua espécie, que alia às melhores qualidades do animal os piores defeitos do ser humano.

— Quando você fala da minha espécie, está falando de todas as mulheres? — perguntou ela.

— Não, apenas das que se parecem com você.

— De qualquer maneira, não acho muito espirituoso comparar uma mulher a um animal.

— Bem — retrucou ele, segurando o copo com o braço levantado —, então não vou beber à saúde de suas semelhantes, mas à sua alma, concorda? A sua alma que se incendeia quando desce da cabeça até o ventre e que se apaga quando torna a subir do ventre para a cabeça.

Ela levantou o copo. — Entendido, à minha alma que desce para meu ventre.

— Ainda uma pequena retificação — disse ele. — Bebamos de preferência a seu ventre, para onde desce a sua alma.

— Ao meu ventre — disse ela, e seu ventre, que ela acabava de designar pelo nome, parecia responder a um apelo, pois ela sentia cada milímetro de sua pele.

Em seguida o garçom trouxe os bifés. Eles pediram uma segunda vodca e água mineral (dessa vez beberam aos seios da moça), e a conversa prosseguiu num tom estranhamente frívolo. Ele ficava cada vez mais irritado por ver até que ponto sua amiga *sabia* comportar-se como mulher fácil; pois se sabe tão bem transformar-se nesse personagem, pensava ele, é porque na verdade ela *é* assim; no fundo, não era a alma de uma outra, surgida não se sabe de onde, que se insinuava sob a pele dela; quem ela encarnava dessa maneira era ela mesma, ou pelo menos a parte de seu ser que ela mantinha habitualmente escondida sob sete chaves, mas que a desculpa do jogo tinha feito sair da gaiola; ela pensava sem dúvida que se *negava* ao jogar esse jogo. Mas não seria exatamente o contrário? Não seria o jogo que a transformava nela mesma? que a libertava? Não, à sua frente não havia outra mulher no corpo da amiga, era ela mesma, a própria amiga, e mais ninguém. Olhava-a com crescente repugnância.

Mas não era apenas repugnância. Quanto mais ela lhe parecia estranha *mentalmente*, mais ele a desejava *fisicamente*. A estranheza da alma singularizava seu corpo de mulher, ou melhor, era a estranheza que fazia desse corpo um corpo, como se até então aquele corpo tivesse existido para ele apenas no nevoeiro da paixão, da ternura, da solicitude, do amor e da emoção; como se estivesse perdido nesse nevoeiro (sim, como se o corpo estivesse *perdido!*). Pela primeira vez o rapaz acreditava *ver* o corpo da amiga.

Depois da terceira vodca com água gasosa, ela se levantou e: — Desculpe — disse com um sorriso sedutor.

— Posso perguntar aonde a senhorita vai?

— Mijar, com sua licença — e ela se encaminhou para um pequeno compartimento forrado de veludo no fundo do restaurante.

A moça gostou de deixá-lo aturdido com essa palavra — certamente bem anódina —, mas que ele nunca a ouvira pronunciar; nada, na sua opinião, definia melhor a personalidade da mulher que ela encarnava do que a ênfase sedutoramente colocada nessa palavra; sim, ela estava satisfeita,

estava em excelente forma; o jogo a fascinava; trazia-lhe novas sensações; por exemplo, *o sentimento de uma irresponsável despreocupação*.

Ela, que sempre temia pelo dia seguinte, sentia-se de súbito inteiramente relaxada. Essa vida de uma outra em que de repente mergulhara era uma vida sem pudor, sem determinações biográficas, sem passado e sem futuro, sem compromisso. Era uma vida excepcionalmente livre. A moça da carona podia tudo; *tudo lhe era permitido*; dizer tudo, tudo fazer, tudo experimentar.

Atravessou a sala e reparou que estava sendo observada de todas as mesas; isso também era uma sensação nova que não conhecia: *o prazer sem pudor que lhe proporcionava seu corpo*. Até então ela nunca conseguira libertar-se inteiramente da adolescente de quatorze anos que tem vergonha dos próprios seios e que sente uma desagradável impressão de indecência com a idéia de que eles se salientam do corpo, de que são visíveis. Se bem que tivesse orgulho de ser bonita e bem-feita, esse orgulho era imediatamente corrigido pelo pudor. Sabia que a beleza feminina age em primeiro lugar pelo seu poder de provocação sexual, e isso, para ela, era uma coisa desagradável, desejava que seu corpo se destinasse apenas ao homem que amava; quando os homens olhavam seu busto na rua, parecia que esses olhares sujavam um pouco sua intimidade mais secreta que pertencia apenas a ela e a seu amante. Mas agora era a garota da carona, a mulher sem destino; libertara-se das ternas correntes do amor e começava a tomar intensa consciência de seu corpo; e esse corpo mais a excitava na medida em que eram desconhecidos os olhares que o observavam.

Ao passar perto da última mesa, um homem, entre um vinho e outro, querendo com certeza destacar-se por seu conhecimento do mundo, interpelou-a em francês: — *Combien, mademoiselle?*

A moça compreendeu. Inflava o busto e vivia intensamente cada movimento de seus quadris. Desapareceu atrás da porta acolchoada de veludo.

Era um jogo engraçado. Era estranho, por exemplo, que o rapaz, embora perfeitamente colocado no papel do motorista desconhecido, não deixasse sequer por um momento de ver sua amiga na personagem da garota da carona. Tal fato, justamente, lhe era penoso; ver sua amiga ocupada em seduzir um desconhecido e ter o triste privilégio de assistir à cena; ver de perto o aspecto que ela apresentava e o que ela iria dizer quando o enganasse (quando fosse enganá-lo); tinha a honra paradoxal de servir, ele mesmo, de incentivo à sua infidelidade.

O pior era que ele a adorava mais do que amava; sempre sentira que a moça tinha *realidade* apenas dentro dos limites da fidelidade e da pureza e que, além desses limites, ela simplesmente deixava de existir; que, além desses limites, ela deixaria de ser ela mesma assim como a água deixa de ser água a partir do ponto de ebulição. Quando a via atravessar essa temível fronteira com uma elegância tão natural, sentia crescer sua raiva.

Ela voltou do toalete queixando-se:

— Um sujeito me disse: "Quanto, senhorita?"

— Não fique espantada! Você está com aparência de puta.

— Sabe que não estou nem ligando?

— Você devia ter ficado com o tal sujeito!

— Mas estou com você.

— Pode encontrá-lo mais tarde. Basta combinar com ele.

— Ele não me agrada.

— Mas não iria absolutamente incomodá-la ter muitos homens na mesma noite.

— Por que não? Desde que sejam bonitões.

— Você prefere um depois do outro ou todos ao mesmo tempo?

— As duas coisas.

A conversa tornava-se cada vez mais escabrosa. Ela estava um pouco chocada, mas não podia protestar. No jogo, o homem não é livre, para o jogador o jogo é uma armadilha; se não se tratasse de um jogo, e se fossem

um para o outro dois desconhecidos, a garota da carona já poderia ter-se ofendido há muito tempo e partir; mas não há meios de escapar a um jogo; o time não pode fugir do campo antes do fim; os peões do jogo de xadrez não podem sair das casas do tabuleiro, os limites do campo são intransponíveis. A moça sabia que era obrigada a aceitar qualquer coisa pelo simples fato de que se tratava de um jogo. Ela sabia que quanto mais longe o jogo fosse levado, mais seria um jogo e mais seria obrigada a jogar docilmente. De nada adiantaria pedir socorro à razão e avisar a alma espantada para guardar distância e não levar o jogo a sério. Justamente por ser um jogo, a alma não sentia medo, não se defendia e se abandonava ao jogo como a uma narcose.

O rapaz chamou o garçom e se levantou.

— Vamos embora — disse ele.

— Aonde? — perguntou ela, fingindo não entender.

— Não faça perguntas! Venha!

— Olhe como você fala comigo!

— Como falo a uma puta.

10

Subiram uma escada mal-iluminada; no alto, um grupo de homens um pouco embriagados esperava em frente ao banheiro. Ele a abraçou pelas costas de maneira a ter um de seus seios na palma da mão. Os homens que estavam perto do banheiro perceberam o fato e começaram a dar gritos. Ela quis se desvencilhar, mas ele mandou que se calasse. — Fique quieta! — disse ele, o que os homens acolheram com solidariedade brutal e alguns ditos obscenos dirigidos à moça. Chegaram ao primeiro andar. Ela abriu a porta do quarto e acendeu a luz. Era um quartinho com duas camas, uma mesa, uma cadeira e uma pia. O rapaz empurrou o ferrolho da porta e se virou para a moça. Ela ficou diante dele numa atitude provocante, com uma sensualidade insolente nos olhos. Ele a olhava e se esforçava para descobrir por trás dessa expressão lasciva os traços familiares que amava com ternura. Era como olhar duas imagens na mesma objetiva, duas imagens superpostas aparecendo transparentes uma sobre a outra. Estas duas imagens

superpostas diziam-lhe que sua amiga podia ter *tudo* dentro de si, que sua alma era terrivelmente amorfa, que a fidelidade podia existir nela tanto como a infidelidade, a traição como a inocência, a sedução como o pudor; essa mistura selvagem lhe parecia tão repugnante quanto a mistura de um depósito de lixo. As duas imagens superpostas apareciam sempre transparentes, uma embaixo da outra, e o rapaz compreendia que a diferença entre sua amiga e as outras mulheres era uma diferença muito superficial, que no mais profundo do seu ser sua amiga era semelhante às outras mulheres, com todos os pensamentos, todos os sentimentos, todos os vícios possíveis, o que justificava suas dúvidas e seus ciúmes secretos; que a impressão de contornos delimitando a sua personalidade não era senão uma ilusão a que o outro sucumbia, aquele que a olhava, isto é, ele mesmo. Ele pensava que essa moça, tal como a amava, não era senão um produto de seu desejo, de seu pensamento abstrato, de sua confiança, e que sua amiga, tal como era *realmente*, era essa mulher que estava ali, desesperadamente *outra*, desesperadamente *estranha*, desesperadamente *polimorfa*. Ele a detestava.

— O que é que você está esperando? Tire a roupa!

Ela inclinou a cabeça coquetemente e disse: — É preciso?

Este tom evocava em seu ouvido um eco muito familiar, como se outra mulher já lhe tivesse dito isso há muito tempo, mas nem sabia mais qual delas. Queria humilhá-la. Não à moça da carona, mas a ela, sua amiga. O jogo acabava se confundindo com a vida. O jogo de humilhar a moça da carona não era senão um pretexto para humilhar sua amiga. Ele esquecera que era um jogo e detestava a moça que estava ali diante dele. Encarou-a; depois tirou uma nota de cinqüenta coroas da carteira e lhe estendeu. — Chega?

Ela pegou as cinqüenta coroas e disse: — Você não é muito generoso.

— Você não vale mais do que isso — disse ele.

Ela encostou o corpo no dele: — Você está se comportando mal comigo. Tem que ser mais gentil. Faça um esforço!

Ela o abraçou, estendendo os lábios para ele. Mas ele pôs os dedos em sua boca, afastando-a com suavidade. — Só beijo as mulheres que amo.

— E a mim você não ama?

— Não.

— Quem você ama?

— Isso é da sua conta? Tire a roupa!

II

Nunca ela se despira assim. A timidez, a sensação de pânico no mais profundo de seu ser, a vertigem, tudo aquilo que sentia quando se despia em frente ao rapaz (e que ela não podia dissimular na escuridão), tudo aquilo desaparecera. Permanecia diante dele, segura de si, insolente, em plena claridade, e surpresa por descobrir de repente gestos até então desconhecidos ao tirar a roupa de forma lenta e embriagadora. Atenta a seus olhares, ela tirava a roupa, uma peça depois da outra, amorosamente, saboreando cada etapa desse despojamento.

Mas em seguida, quando ficou completamente nua diante dele, pensou que o jogo não podia continuar, que ao se despojar de suas roupas havia tirado a máscara e estava nua, o que significava que era apenas ela mesma e que o rapaz precisaria tomar a iniciativa de vir na sua direção, fazer um gesto com a mão, um gesto que apagaria tudo e a partir do qual só haveria lugar para suas mais íntimas carícias. Ela estava nua diante dele e havia parado de jogar; sentia-se embaraçada, e o sorriso que na realidade pertencia somente a ela apareceu em seu rosto, um sorriso tímido e confuso.

Mas ele permanecia imóvel, não fazia nenhum gesto para acabar com o jogo. Não via seu sorriso, que no entanto era tão familiar; só via diante de si o belo corpo desconhecido de sua amiga, que ele detestava. A raiva tirava de sua sensualidade todo o verniz sentimental. Ela quis se aproximar, mas ele disse: — Fique onde está, para que eu a veja bem. — Desejava apenas uma coisa: tratá-la como prostituta. Jamais conhecera uma prostituta e a idéia que fazia delas lhe fora transmitida pela literatura e por ouvir falar. Foi essa a imagem que evocou, e a primeira coisa que visualizou foi uma mulher nua com meias pretas, dançando na tampa lustrosa de um piano. Não havia piano no quarto do hotel, mas apenas uma pequena mesa encostada na parede, coberta com uma toalha. Mandou que sua amiga

subisse nela. Ela fez um gesto de súplica, mas: — Você foi paga para isso — disse ele.

Diante da implacável decisão que percebeu em seu olhar, ela se esforçou para prosseguir com o jogo, mas não tinha mais forças. Com lágrimas nos olhos, subiu na mesa. A mesa media quando muito um metro de comprimento por um de largura e estava bamba; de pé em cima dela, sentia medo de perder o equilíbrio.

Ele estava satisfeito de ver esse corpo nu que se elevava diante de si, e cuja insegurança medrosa fazia com que se tornasse ainda mais tirânico. Queria ver esse corpo em todas as posições e sob todos os ângulos, como imaginava que outros homens o tinham visto e o veriam. Tornara-se grosseiro e sensual. Dizia palavras que ela nunca o ouvira pronunciar. Ela queria resistir, escapar desse jogo, chamou-o pelo nome, mas ele a obrigou a calar-se, dizendo que ela não tinha o direito de lhe falar nesse tom familiar. Acabou cedendo, transtornada, quase em pranto. Inclinou-se para a frente, depois abaixou-se, obedecendo ao desejo dele, fez a saudação militar, depois um requebro para dançar um número de *twist*; mas, num movimento brusco, fez a toalha deslizar e quase caiu. Ele a amparou e a levou para a cama.

Abraçou-a. Ela ficou contente, pensando que o jogo sinistro terminara, que de novo iam ser como eram na realidade, quando se amavam. Quis encostar os lábios nos dele, mas ele a afastou, repetindo que só beijava as mulheres que amava. Ela explodiu em soluços. Mas nem conseguiu chorar, porque a furiosa paixão do amigo se apoderou pouco a pouco do seu corpo, terminando por abafar os gemidos de sua alma. Logo depois havia apenas dois corpos perfeitamente unidos na cama, sensuais e estranhos um ao outro. O que acontecia agora era o que ela sempre temera mais que tudo no mundo, o que sempre evitara: o amor sem sentimento e sem amor. Sabia que atravessara a fronteira proibida, além da qual se comportava sem a menor reserva e em total comunhão. Apenas experimentava, num recôndito do seu espírito, uma espécie de medo ao pensar que nunca sentira tal prazer e tanto prazer como dessa vez — além dessa fronteira.

Depois tudo acabou. O rapaz afastou-se dela e puxou o comprido fio que pendia sobre a cama. A luz apagou-se. Ele não queria ver o rosto dela; sabia que o jogo terminara, mas não tinha nenhuma vontade de voltar ao universo de suas relações habituais. Tinha medo dessa volta. Permanecia ao lado dela no escuro, evitando qualquer contato com seu corpo.

Logo depois ouviu soluços abafados; num gesto tímido, infantil, a mão da moça tocou a sua; ela o tocou, afastou-se, voltou a tocá-lo, e uma voz se fez ouvir, suplicante, entrecortada de soluços, que o chamava pelo nome e dizia: — Sou eu, sou eu.

Ele se calava, imóvel, e compreendia muito bem a triste inconsistência da afirmação de sua amiga, na qual o desconhecido se definia pelo mesmo desconhecido.

Os soluços se transformaram num pranto sentido; a moça ainda repetiu por muito tempo esta comovente tautologia:

— Sou eu, sou eu, sou eu...

Então ele começou a pedir socorro à compaixão (e teve que chamá-la de muito longe, pois ela não estava em nenhum lugar ao alcance de sua mão) para poder consolar a moça. Tinham ainda pela frente treze dias de férias.



O SIMPÓSIO



PRIMEIRO ATO

A sala de plantão

A sala de plantão (em qualquer setor de qualquer hospital de qualquer cidade) reuniu cinco personagens e misturou seus gestos e conversas, num episódio ridículo e, por isso, ainda mais belo.

Estão na sala o Dr. Havel e uma enfermeira chamada Elisabeth (todos dois no plantão noturno) e dois outros médicos (vieram para cá sob um pretexto mais ou menos fútil: o de encontrar o médico e a enfermeira de plantão e com eles esvaziar algumas garrafas): o chefe de equipe com sua calvície e uma bonita doutora de uns trinta anos, que pertence a outro serviço, mas que, como é do conhecimento tácito de todo o hospital, dorme com o chefe.

(O chefe é evidentemente casado e acaba de proferir sua frase favorita, que deve confirmar ao mesmo tempo seu senso de humor e suas intenções: — Caros colegas, a maior infelicidade de um homem é um casamento feliz. Eu nunca poderei me divorciar.)

Além dos quatro personagens acima mencionados, existe um quinto, mas, para ser preciso, não está aqui no momento, pois o personagem em questão, por ser mais jovem, foi incumbido de ir buscar uma nova garrafa. E há também a janela, que é importante porque está aberta para a escuridão lá de fora e deixa penetrar na sala, num fluxo contínuo, o verão morno e perfumado que banha o luar. E finalmente há o bom humor que se percebe pela conversa tolerante de todos, sobretudo a do chefe que escuta suas próprias gabolices com ouvidos amorosos.

Um pouco depois (e nesse momento começa a nossa história), percebe-se uma certa tensão: Elisabeth bebeu um pouco mais do que convém a uma enfermeira de plantão, e, ainda por cima, exhibe provocante coquetismo ao Dr. Havel, o que o enerva, provocando por parte dele uma viva advertência.

A advertência do Dr. Havel

— Minha querida Elisabeth, não a compreendo. A cada dia feito por Deus, você fica remexendo feridas purulentas, dá injeções em bundas encarquilhadas de mulheres velhas, faz lavagens, esvazia bacias. O destino deu-lhe a oportunidade invejável de perceber a natureza carnal do homem em toda a sua vaidade metafísica. Mas sua vitalidade se recusa a ouvir esses argumentos. Nada pode abalar sua vontade tenaz de ser um corpo, e apenas um corpo. Seus seios roçam nos homens a cinco metros de distância! Sinto vertigens só em ver você andar, por causa das eternas espirais desenhadas pelo seu infatigável traseiro! Que eu não a veja mais, finalmente. Seus seios são onipresentes como Deus! Você já está dez minutos atrasada para as injeções.

O Dr. Havel é como a morte, apanha tudo

— Por favor, Havel — perguntou o chefe quando Elisabeth (visivelmente aborrecida) saiu da sala de plantão, condenada a dar injeções em dois velhos traseiros —, poderia me explicar por que rejeita tão obstinadamente essa pobre Elisabeth?

O Dr. Havel deu um gole e respondeu: — Chefe, não se zangue comigo. Não é por ser feia ou por não ser mais tão jovem. Acredite! Já tive mulheres ainda mais feias e muito mais velhas.

— É, você é conhecido: você é como a morte, não rejeita nada. Mas já que não rejeita nada, por que não pega também Elisabeth?

— Com certeza — diz Havel — é porque seu desejo é manifestado tão claramente que fica parecendo uma ordem. Você disse que com as mulheres sou como a morte. Só que a morte não gosta de receber ordens.

O maior sucesso do chefe

— Acho que estou compreendendo — respondeu o chefe. — Quando eu era um pouco mais moço, conheci uma moça que dormia com todo mundo. E como era bonita, decidi conquistá-la. Bem, imagine você que ela

não me quis! Dormia com meus colegas, com os mecânicos, com o motorista, com o cozinheiro, com o carregador de defuntos, eu era o único com quem ela não dormia. Pode imaginar isso?

— Certamente — disse a doutora.

— Se a senhora quer saber — continuou com humor o chefe, que tratava sua amante cerimoniosamente em público, nessa época eu estava formado há poucos anos e fazia muito sucesso. Estava convencido de que toda mulher era acessível, e conseguira demonstrar isso com mulheres de acesso bem difícil. E no entanto, veja você, com essa moça tão fácil fracasei.

— Como eu o conheço, sei que deve ter uma teoria para explicar isso — disse o Dr. Havel.

— Sim — retrucou o chefe. — O erotismo não é apenas o apetite do corpo, mas, em igual medida, o apetite da honra. Um parceiro que conquistamos, que se apega a nós e nos ama, torna-se nosso espelho, é a medida de nossa importância e de nosso mérito. Partindo desse ponto de vista, minha putinha não tinha uma tarefa fácil. Quando se dorme com todo mundo, deixa-se de acreditar que uma coisa tão banal quanto o ato de amor possa ter ainda qualquer significado. Vira-se portanto para o lado oposto, para encontrar seu verdadeiro valor. Só um homem que a desejava, mas a quem ela se recusava, podia oferecer à minha putinha a medida clara de seu valor humano. E como ela queria ser diante de seus próprios olhos a melhor e a mais bela, mostrou-se extremamente severa e exigente quando precisou escolher aquele — o único — que ela honraria com a sua recusa. Foi a mim que ela finalmente escolheu, e compreendi que era uma honra excepcional, e ainda hoje considero o episódio o maior sucesso de minha vida amorosa.

— Você tem um dom surpreendente de transformar a água em vinho — disse a doutora.

— Está aborrecida porque não considereei você meu maior sucesso? — indagou o chefe. — É preciso me compreender. Ainda que você seja uma mulher virtuosa, não sou para você (e não pode imaginar o quanto isso me entristece) nem o primeiro nem o último, enquanto, para aquela putinha, eu o era. Acredite, ela nunca me esqueceu, e ainda hoje se lembra, com nostalgia, de que me repudiou.

Aliás, só contei essa história para mostrar sua analogia com a atitude de Havel em relação a Elisabeth.

Elogio da liberdade

— Meu Deus, chefe — disse Havel. — Você não acha que eu procuro em Elisabeth a medida do meu valor humano.

— Claro que não! — disse a doutora, sarcástica. — Já nos explicou isso. A atitude provocante de Elisabeth tem para você o efeito de uma ordem, e você quer conservar a ilusão de que escolhe as mulheres com quem vai dormir.

— Você sabe, já que estamos falando com franqueza, não é exatamente assim — disse Havel, pensativo. — Na realidade, estava brincando quando disse que o que me incomoda é a atitude provocante de Elisabeth. Para dizer a verdade, já tive mulheres mais provocantes, e gostava que fossem provocadoras, para que as coisas não demorassem.

— Então por que diabo não pega Elisabeth? — gritou o chefe.

— Chefe, sua pergunta não é tão idiota quanto pensei a princípio, pois vejo é muito difícil de responder. Para ser franco, não sei por que razão não durmo com Elisabeth. Já dormi com mulheres mais feias, mais velhas e mais provocantes. Pode-se concluir daí que necessariamente acabarei dormindo com ela. É o que pensariam todos os estatísticos. Todas as máquinas cibernéticas chegariam a essa conclusão. Veja você, sem dúvida é por isso que não durmo com ela. Sem dúvida, eu quis dizer não à necessidade. Dar uma rasteira no princípio de causalidade. Frustrar por um capricho do livre-arbítrio a sombria previsibilidade da rotina universal.

— Más por que escolher Elisabeth para esse fim? — bradou o chefe.

— Justamente, não há motivo. Se houvesse, poderíamos descobri-lo de antemão e de antemão determinar minha conduta. É precisamente nessa ausência de motivo que se encontra o fragmento de liberdade que nos é concedido, e em cuja direção devemos seguir incansavelmente, para que subsista, nesse mundo de leis implacáveis, um pouco de desordem humana. Meus caros colegas, viva a liberdade! — disse Havel, e ergueu com tristeza o copo num brinde.

O alcance da responsabilidade

Nesse momento uma nova garrafa, para a qual imediatamente foi dirigida toda a atenção dos médicos presentes, apareceu no recinto. O rapaz encantador e desengonçado que estava em pé junto à porta com a garrafa na mão era Fleischman, estudante de medicina que fazia um estágio naquele setor. Colocou (lentamente) a garrafa sobre a mesa, procurou (longamente) o saca-rolha, depois colocou (sem pressa) o saca-rolha na rolha, e enfiou-o (pacientemente) na rolha que acabou por extrair (com ar sonhador). Os parênteses precedentes são para pôr em evidência a lentidão de Fleischman, essa lentidão que atestava, mais que falta de jeito, a admiração displicente com que o jovem estudante de medicina observava atentamente o íntimo de seu ser, negligenciando os detalhes insignificantes do mundo exterior.

— Isso tudo não quer dizer nada — disse o Dr. Havel. — Não sou eu que rejeito Elisabeth, é ela que não me quer. Que pena! Ela é louca por Fleischman.

— Por mim? — Fleischman levantou a cabeça, depois, a passos lépidos, guardou o saca-rolha e, voltando para a mesa baixa, derramou vinho nos copos.

— Você é bom — disse o chefe, fazendo coro com Havel.

— Todo mundo sabe, menos você. Desde que você botou os pés no setor, ela ficou insuportável. E isso já dura dois meses.

Fleischman olhou (longamente) o chefe e disse: — Realmente não sei de nada. — E acrescentou: — De qualquer maneira não estou interessado nisso.

— E todos os seus nobres discursos? Toda a sua conversa sobre o respeito à mulher? — disse Havel com agressividade.

— Você faz Elisabeth sofrer e isso não lhe interessa?

— As mulheres me dão pena e eu jamais poderei fazer mal a elas conscientemente — disse Fleischman. — Mas o que faço inconscientemente não me interessa, já que é uma coisa sobre a qual não tenho domínio, e, portanto, pela qual não sou responsável.

Logo depois Elisabeth voltou. Sem dúvida havia decidido que o melhor a fazer era esquecer o desaforo e comportar-se como se nada tivesse acontecido, de modo que, assim, sua atitude era extraordinariamente afetada. O chefe estendeu-lhe uma cadeira e encheu seu copo. — Beba, Elisabeth! Esqueça seus tormentos!

— Claro — respondeu Elisabeth com um grande sorriso, e esvaziou o copo.

O chefe dirigiu-se de novo a Fleischman: — Se fôssemos responsáveis apenas pelas coisas de que somos conscientes, os imbecis seriam absolvidos antecipadamente de todas as faltas. Acontece, meu caro Fleischman, que o homem é obrigado a saber. O homem é responsável pela própria ignorância. A ignorância é uma falta. Por isso nada pode absolver você de sua falta, e declaro que você se comporta como um malandro com as mulheres, mesmo que o negue.

Elogio do amor platônico

Havel voltou ao ataque contra Fleischman:

— Afinal você arranjou o apartamento que prometeu à Srta. Klara? — perguntou, lembrando assim o cerco inútil que o outro fazia a determinada moça (conhecida por todos os presentes).

— Ainda não, mas estou tratando disso.

— Devo dizer que Fleischman é um cavalheiro com as mulheres. Não gosta de enganá-las — retrucou a doutora, tomando a defesa de Fleischman.

— Não posso suportar crueldade com as mulheres, elas me dão pena — repetiu o estudante de medicina.

— De qualquer maneira, Klara faz você esperar muito — disse Elisabeth a Fleischman, explodindo num riso tão inconveniente que o chefe se viu obrigado a retomar a palavra.

— Esperar ou não, isso é muito menos importante do que você pensa, Elisabeth. Como todo mundo sabe, Abelardo era castrado, e isso não impediu que ele e Heloísa fossem amantes fiéis e que o amor deles fosse imortal. George Sand viveu sete anos com Frédéric Chopin, imaculada

como uma virgem, e até hoje ainda se fala desse amor! Não quero, em tão ilustre companhia, lembrar o caso da putinha que, ao me recusar, me distinguiu com a maior honra que uma mulher pode prestar a um homem. Preste muita atenção, querida Elisabeth, existe entre o amor e aquilo em que você pensa constantemente diferenças muito maiores do que se pensa. Não tenha dúvidas, Klara ama Fleischman. Ela é gentil com ele e, no entanto, não se entrega a ele. Isso lhe parece ilógico, mas o amor é justamente o que é ilógico.

— Mas o que há de ilógico nisso? — disse Elisabeth, rindo outra vez de maneira inconveniente. — Klara precisa de um apartamento, é por isso que é gentil com Fleischman. Mas não tem vontade de dormir com ele, pois com certeza tem outro com quem dorme. Mas esse outro não pode lhe arranjar um apartamento.

Nesse instante, Fleischman levantou a cabeça e disse:

— Vocês me deixam nervoso. Parecem um bando de adolescentes. Quem sabe ela hesita por pudor? Isso não ocorre a vocês? Ou quem sabe ela tem uma doença que esconde de mim? Uma cicatriz que a enfeia? Há mulheres que têm um pudor terrível. Só que são coisas que você não compreende muito bem, Elisabeth.

— Ou então — disse o chefe, ajudando Fleischman — Klara fica tão petrificada de paixão diante de Fleischman a ponto de não poder fazer amor com ele. Você não pode imaginar, Elisabeth, que possa amar alguém a tal ponto que se torne impossível dormir com essa pessoa?

Elisabeth afirmou que não.

O sinal

Aqui, por um instante podemos deixar de acompanhar a conversa (sempre alimentada por novas tolices) para explicar que desde o começo da noite Fleischman se esforçava para olhar a doutora nos olhos, pois ela lhe interessava terrivelmente desde que a vira (havia um mês) pela primeira vez. A majestade de seus trinta anos o encantava. Até então ele só a vira de passagem, e essa noite era a primeira oportunidade que lhe surgia de estar a

seu lado durante algum tempo na mesma sala. Tinha a impressão que de vez em quando ela respondia a seus olhares, coisa que o emocionava.

Então, depois de uma troca de olhares, a doutora se levantou bruscamente, aproximou-se da janela e disse:

— Como está bonito lá fora. É lua cheia — E de novo seu olhar pousou maquinalmente em Fleischman.

Ele, que tinha faro para situações desse gênero, compreendeu logo que era um sinal, um sinal que lhe era dirigido. E nesse justo momento sentiu uma onda crescer em seu peito. Seu peito era de fato um instrumento sensível, digno da oficina de Stradivarius. Acontecia-lhe, de vez em quando, experimentar essa sensação estimulante que a cada vez fazia com que ficasse convencido de que a onda em seu peito possuía a irrevocabilidade de um presságio anunciador do advento de alguma coisa grandiosa e fora do comum, que superaria seus sonhos.

Dessa vez ficou estonteado com essa onda e também (num canto de seu cérebro que escapava à vertigem) surpreso. Como era possível que seu desejo tivesse uma força tal que, ao apelo desse desejo, a realidade acorresse docilmente, pronta a se realizar? Sem deixar de se surpreender com seu poder, espreitava o momento em que a discussão se tornasse mais animada, para então escapar à atenção dos adversários. Assim que achou que chegara o momento, desapareceu da sala.

O belo rapaz de braços cruzados

O serviço médico em que se passava esse colóquio improvisado ocupava o andar térreo de um belo pavilhão (próximo a outros pavilhões) construído no grande jardim do hospital. Era nesse jardim que Fleischman acabara de entrar. Encostou-se ao tronco de um grande plátano, acendeu um cigarro, contemplou o céu: era pleno verão, o ar exalava perfumes, e a lua redonda estava suspensa no céu negro.

Esforçava-se para imaginar o que iria acontecer: a doutora, que acabara de lhe fazer um sinal para sair, esperava que seu companheiro calvo ficasse mais absorvido pela conversa do que pela suspeita, e discretamente faria

com que compreendessem que uma pequena necessidade íntima a obrigava a ausentar-se por um instante.

O que aconteceria depois? Depois, preferia não imaginar. A onda que sentia no peito anunciava uma aventura, e isso lhe bastava. Tinha confiança em sua felicidade, confiança na estrela do seu amor, confiança na doutora. Mal-acostumado por sua segurança (uma segurança sempre um pouco espantada), ele se abandonava a uma agradável passividade. Pois sempre se via a si mesmo com os traços de um homem sedutor, conquistado e amado, e agradava-lhe aguardar as aventuras, como se diz, de braços cruzados. Estava persuadido de que essa atitude estimulava e provocava as mulheres e o destino.

Vale a pena observar, nessa ocasião, que muitas vezes acontecia, se não constantemente, Fleischman *se ver* (e se ver com complacência), de maneira que estava sempre acompanhado de um duplo, e que sua solidão tornava-se realmente divertida. Nessa noite, por exemplo, não apenas estava encostado num plátano e fumava, mas ao mesmo tempo observava com satisfação um rapaz (belo e juvenil) que, encostado a um plátano, fumava com displicência. Deleitou-se muito tempo com esse espetáculo e acabou ouvindo passos ligeiros que, vindos do pavilhão, avançavam em sua direção. Fez questão de não se virar. Tragou o cigarro mais uma vez, soprou a fumaça e conservou os olhos fixos no céu. Quando os passos estavam bem próximos, disse com voz terna e insinuante:

— Sabia que você viria.

A arte de urinar

— Não era tão difícil adivinhar — respondeu o chefe. — Prefiro urinar na natureza a fazê-lo em instalações modernas, que são infectas. Aqui, por alguns momentos, o fino jorro dourado me une milagrosamente ao húmus, à grama e à terra. Porque, Fleischman, saí do pó, e em um momento vou entregar ao pó pelo menos uma parcela minha. Urinar na natureza é um rito religioso pelo qual prometemos à terra que a ela um dia voltaremos por inteiro.

Como Fleischman se calava, o chefe perguntou-lhe: — E você, veio olhar a lua? — Como Fleischman permanecesse obstinadamente calado, o chefe acrescentou: — Você é um lunático, Fleischman, é por isso que gosto muito de você. — Fleischman interpretou as palavras do chefe como um sarcasmo, e: — Me deixe em paz com a lua — disse ele, num tom que pretendia fosse distante. — Eu também vim aqui para urinar.

— Fleischman — disse o chefe com uma voz enternecida —, interpreto isso como um testemunho excepcional de afeto em relação a seu velho chefe.

E eles se postaram, os dois, sob o plátano para realizar a operação que o chefe — com um entusiasmo incansável e imagens sempre renovadas — comparava a um ofício divino.

SEGUNDO ATO

Um belo rapaz sarcástico

Voltaram pelo longo corredor, o chefe segurando o estudante de medicina pelos ombros de maneira fraternal. O estudante de medicina estava convencido de que o careca ciumento percebera o sinal da doutora e caçoava dele com efusões amistosas! Claro, ele não podia retirar a mão do chefe de seu ombro, e isso o irritava ainda mais. Só uma coisa o consolava: acontecia que não estava apenas com raiva, mas se *via* com essa raiva, via a expressão de seu próprio rosto, e ficava satisfeito com esse jovem que voltava à sala de plantão e, para surpresa geral, iria se mostrar sob um aspecto inteiramente diferente: vivo, sarcástico, mordaz, demoníaco.

Quando entraram na sala de plantão, Elisabeth estava no centro da sala e se requetava terrivelmente, cantarolando as notas de uma música. O Dr. Havel baixou os olhos.

— Elisabeth está dançando — disse a doutora, antecipando-se ao espanto dos recém-chegados.

— Ela está um pouco tonta — acrescentou Havel. Enquanto isso, Elisabeth não parava de movimentar os quadris e ondular o busto em frente ao rosto inclinado do Dr. Havel.

— Afinal, onde foi que você aprendeu essa bela dança? — perguntou o chefe.

Fleischman, cheio de sarcasmo, deixou escapar um riso que ninguém podia ignorar: — Ah! Ah! Ah! Bonita dança! Ah! Ah! Ah!

— É um número que vi numa boate de *strip-tease* em Viena — respondeu Elisabeth ao chefe.

— Muito bem — indignou-se o chefe, ternamente. — Desde quando nossas enfermeiras freqüentam boates de *strip-tease*?

— Isso não é proibido, chefe! — respondeu Elisabeth, ondulando o busto em torno do chefe.

A cólera inundava o corpo de Fleischman, procurando uma salda: — É de brometo que você precisa — disse ele —, e não de *strip-tease*. Vai acabar por nos violentar.

— Pessoalmente você não tem nada a temer. Não gosto de fedelhos — cortou Elisabeth ondulando o busto em torno do Dr. Havel.

— E você gostou do tal *strip-tease*? — perguntou o chefe, de modo paternal.

— Se gostei! Havia uma sueca com seios enormes, mas os meus são mais belos! (e ao dizer isso, acariciava os próprios seios). E também havia uma moça que fingia tomar um banho de espuma, numa espécie de banheira de papel, e uma mulata que se masturbava em frente ao público, e isso era o que havia de melhor!

— Ah! Ah! — fez Fleischman, levando o sarcasmo ao paroxismo. — Masturbação é exatamente o que você precisa!

A tristeza em forma de traseiro

Elisabeth continuava a dançar, mas seu público certamente não era tão bom quanto os espectadores da boate de Viena: Havel baixava a cabeça, a doutora olhava com ironia, Fleischman com ar de reprovação e o chefe com uma indulgência paternal. O traseiro de Elisabeth, sobre o qual se estendia o tecido branco do avental de enfermeira, percorria a sala como um sol magnificamente redondo, mas um sol apagado e morto (envolto em uma mortalha branca), um sol que os olhares indiferentes e constrangidos dos médicos presentes condenavam a uma lamentável inutilidade.

Chegou um momento em que Elisabeth deu a impressão de que iria realmente tirar uma a uma as peças de suas roupas. — Vamos lá, Elisabeth, não estamos em Viena! — disse o chefe com ar constrangido.

— De que é que você tem medo, chefe? Pelo menos vai ficar sabendo com que se parece uma mulher nua! — proclamou Elisabeth, e, virando-se para o Dr. Havel, ameaçou-o com os seios: — Como é, meu querido Havel! Que cara é essa de enterro? Levante os olhos! Morreu alguém? Você está de luto? Olhe para mim! Estou viva! Não estou próxima da morte! Ainda estou bem viva! Eu vivo! — E ao dizer isso seu traseiro não era mais um traseiro,

mas a própria tristeza, magnificamente modelada, que atravessava a sala dançando.

— Acho que agora chega — disse Havel, os olhos fixos no chão.

— Chega? — disse Elisabeth. — Mas é para você que estou dançando! E agora vou fazer um *strip-tease* para você! Um grande *strip-tease*! — Ela tirou o avental, que estava amarrado à altura dos rins, e com um gesto de dançarina jogou-o sobre a mesa.

— Elisabeth, seria bom que você fizesse um *strip-tease* para nós, mas noutra lugar. Aqui, você sabe, estamos num hospital — tornou a falar o chefe, com uma voz preocupada.

O grande strip-tease

— Sei me comportar, chefe! — respondeu Elisabeth. Estava agora vestida com o uniforme regular, azul-claro com gola branca, e não parava de rebolar.

Em seguida colocou as mãos abertas sobre os quadris, fez com que deslizassem ao longo dos flancos, ergueu-as acima da cabeça; depois sua mão direita subiu pelo braço esquerdo levantado e a mão esquerda pelo braço direito, após o que ela executou um movimento brusco com os braços em direção a Fleischman, como se jogasse a blusa para ele. Fleischman teve medo e estremeceu. — Você deixou cair isto, neném — gritou ela.

Tornando a levar as mãos aos quadris, fez com que deslizassem ao longo das pernas; quando ficou curvada em duas, levantou sucessivamente a perna direita, depois a perna esquerda. Em seguida olhou o chefe e fez um movimento com o braço direito, jogando-lhe a saia fictícia. O chefe estendeu a mão para a frente, com os dedos abertos, fechou o punho e colocou-o sobre o joelho; com os dedos da outra mão mandou um beijo para Elisabeth.

Ainda alguns volteios e algumas posições, e Elisabeth se pôs na ponta dos pés, dobrou os braços e juntou as mãos nas costas. Em seguida, com gestos de bailarina, lançou os braços para a frente e tornou a fazer, com um dos braços, um movimento gracioso, agora em direção ao Dr. Havel, que por sua vez fez um gesto tímido e encabulado com a mão.

Mas Elisabeth já se aprumara e, a passos largos, percorria majestosamente a sala; desfilava diante dos quatro espectadores, um após o outro, erigindo diante de cada um a nudez simbólica de seu busto. Para terminar, deteve-se diante de Havel, voltou a ondular os quadris e, inclinando-se ligeiramente, deslizou as mãos ao longo dos flancos; então (como fizera há pouco) levantou primeiro uma perna, depois a outra, e ergueu-se triunfalmente, fazendo subir a mão direita que segurava entre o indicador e o polegar a calcinha invisível. Mais uma vez, num gesto gracioso, estendeu a mão na direção do Dr. Havel.

Absorvida por toda a glória de sua nudez fictícia, ela não olhava para mais ninguém, nem mesmo para Havel. Olhos semicerrados, cabeça inclinada e ligeiramente de perfil, ela contemplava seu próprio corpo animado por um movimento circular.

Depois, a orgulhosa postura se desfez e Elisabeth sentou-se no colo do Dr. Havel. — Estou exausta — disse ela, bocejando. Estendeu o braço, apanhou o copo de Havel e bebeu um gole. — Doutor — perguntou ela a Havel —, você não teria uns comprimidos para me manter acordada? Afinal eu não vou dormir mesmo!

— Para você, tudo o que quiser, Elisabeth! — disse Havel; e tirou Elisabeth de seu colo, fez com que se sentasse na cadeira e dirigiu-se para a farmácia. Encontrou um poderoso sonífero e entregou a Elisabeth dois comprimidos.

— Isso vai me manter acordada? — perguntou ela.

— Tão certo quanto me chamo Havel — respondeu este.

As palavras de adeus de Elisabeth

Quando acabou de engolir os dois comprimidos, Elisabeth quis sentar-se de novo no colo de Havel, mas ele fez um movimento brusco e Elisabeth caiu.

Logo depois Havel lamentou o fato, pois nunca tivera a intenção de infligir à Elisabeth essa humilhação; seu movimento fora mais um reflexo maquinal provocado pela sincera aversão que sentia diante da idéia de tocar o traseiro de Elisabeth com as pernas.

Tentou então reerguê-la, mas Elisabeth aderiu ao chão com todo o seu peso, em teimosa obstinação.

Fleischman se plantou diante dela e: — Você está bêbada e devia ir se deitar — disse ele.

Elisabeth olhou-o de alto a baixo e, com imenso desprezo (saboreando o masoquismo patético do fato de estar no chão), disse-lhe: — Grosseirão, imbecil! — E mais uma vez: Imbecil!

Novamente Havel tentou levantá-la, mas ela se desvencilhou com violência e explodiu em soluços. Ninguém encontrava nada para dizer e os soluços de Elisabeth se elevavam como um solo de violino na sala silenciosa. No fim de alguns instantes, a doutora teve a idéia de assobiar baixinho. Elisabeth levantou-se com um só impulso, dirigiu-se para a porta e, quando estava com a mão na maçaneta, virou-se de perfil para o interior da sala e disse: — Mal-educados. Grosseirões. Se vocês soubessem! Mas não sabem nada. Vocês não sabem nada.

A acusação do chefe contra Fleischman

A partida de Elisabeth foi seguida de um silêncio que o chefe foi o primeiro a romper: — Está vendo, Fleischman? Você diz que tem pena das mulheres! Mas, se tem pena das mulheres, por que não tem pena de Elisabeth?

— O que tem isso a ver comigo? — perguntou Fleischman.

— Não finja que não sabe nada! Acabamos de comentar agora mesmo. Ela está louca por você!

— E o que posso fazer? — perguntou Fleischman.

— Não pode fazer nada — disse o chefe. — Mas você é grosseiro com ela e a faz sofrer. Podia fazer alguma coisa a respeito. A noite inteira, ela só se interessou por uma coisa: por aquilo que você iria fazer, se iria olhá-la, sorrir para ela, dizer-lhe algo simpático. E lembre-se do que disse a ela.

— Eu não disse nada de tão terrível — replicou Fleischman, mas havia dúvida em sua voz.

— Nada de tão terrível! — ironizou o chefe. — Você caçou dela quando ela dançou, embora ela tenha dançado para você, disse-lhe que tomasse brometo, e também disse que o que ela podia fazer de melhor era se masturbar. Nada de terrível! Quando fez o *strip-tease*, você deixou a saia dela cair no chão.

— A saia dela — disse o chefe. — Não se faça de bobo. Por fim, mandou que ela fosse se deitar, apesar de ela ter tomado comprimidos contra a fadiga.

— Mas era Havel que ela queria! — retrucou Fleischman.

— Não tente disfarçar — disse o chefe com severidade. — O que você queria que ela fizesse, já que não se importava com ela? Ela estava querendo provocá-lo. Só queria uma coisa, umas migalhas de seu ciúme. E você fala de cavalheirismo!

— Deixe-o em paz — disse a doutora. — Ele é cruel, mas é jovem.

— É o arcanjo do castigo — disse Havel.

Os papéis mitológicos

— Sim, é verdade — disse a doutora. — Olhe para ele: um arcanjo belo e terrível!

— Somos uma verdadeira sociedade mitológica — sublinhou o chefe com voz sonolenta. — Porque você é Diana. Fria, esportiva, má.

— E você é um sátiro. Velho, lascivo, tagarela — disse a doutora. — E Havel é dom-juan. Não um velho dom-juan, mas um dom-juan envelhecido.

— Ora! Havel é a morte — replicou o chefe, voltando à sua tese de há pouco.

O fim dos dom-juans

— Se você me perguntar se sou um dom-juan ou a morte, terei, se bem que a contragosto, de concordar com o patrão — disse Havel, e deu um bom gole. — Dom Juan era um conquistador. E com letras maiúsculas, mesmo.

Um Grande Conquistador. Mas pergunto como se pode querer ser um conquistador numa terra onde ninguém nos resiste, onde tudo é possível, onde tudo é permitido? A era dos dom-juans está terminada. O atual descendente de Dom Juan não *conquista* mais, apenas *colecciona*. Ao personagem do Grande Conquistador sucede o personagem do Grande Colecionador, só que o Colecionador não tem absolutamente nada mais em comum com Dom Juan. Dom Juan era um personagem de tragédia. Estava marcado pela culpa. Pecava alegremente e caçoava de Deus. Era um blasfemador e acabou no inferno.

"Dom Juan carregava nos ombros um fardo trágico, do qual o Grande Colecionador não tem a menor idéia, pois em seu universo há apenas fardos sem peso. Os blocos de pedra se transformaram em plumas. No mundo do Conquistador um olhar contava muito mais do que contam, no mundo do Colecionador, dez anos do mais assíduo amor físico.

"Dom Juan era um mestre, enquanto o Colecionador é um escravo. Dom Juan transgredia com ousadia as convenções e as leis. O Grande Colecionador não faz senão aplicar docilmente, com o suor de seu rosto, a convenção e a lei, pois coleccionar faz parte das boas maneiras e do bom-tom, coleccionar é quase considerado como um dever. Se me sinto culpado, é unicamente por não ter dormido com Elisabeth.

"O Grande Colecionador não tem nada em comum nem com a tragédia nem com o drama. O erotismo, que era o germe das catástrofes, tornou-se, graças a ele, uma coisa comparável a um café da manhã, a um jantar, à filatelia, ao pingue-pongue, ou a um giro pelas lojas. O Colecionador introduziu o erotismo na ronda da banalidade. Construiu com ele os bastidores e o palco de um cenário em que o verdadeiro drama nunca terá lugar. Infelizmente, meus amigos — exclamou Havel em tom patético —, meus amores (se posso me permitir chamá-los assim) são o palco de uma cena em que nada acontece.

"Cara doutora e caro chefe. Vocês opuseram Dom Juan à morte, como os termos de uma contradição. Por puro acaso e por inadvertência, assim vocês trouxeram à luz o fundo do problema. Vejam. Dom Juan desafiava o impossível. E é isso o que é tão humano. Em contrapartida, no reino do Grande Colecionador nada é impossível, porque é o reino da morte. O Grande Colecionador é a morte que veio buscar pela mão a tragédia, o drama, o amor. A morte que veio procurar Dom Juan. No fogo infernal em

que foi enviado pelo Comendador, Dom Juan está vivo. Mas no mundo do Grande Colecionador, em que as paixões e os sentimentos flutuam no espaço como uma pluma, nesse mundo, ele está definitivamente morto.

"Ora então, senhora", disse tristemente Havel, "eu e Dom Juan! O que não daria eu para ver o Comendador! Para sentir em minha alma o terrível fardo de sua maldição, sentir nascer em mim a grandeza da tragédia! Convenhamos, senhora, sou quando muito um personagem de comédia, e mesmo isso não devo a mim, mas justamente a ele, Dom Juan, pois é apenas sob a perspectiva histórica de sua trágica alegria que a senhora ainda pode sentir, bem ou mal, a risível tristeza de minha existência de mulherengo, vida que, sem essa referência, seria apenas uma pintura banal, uma monótona paisagem."

Novos sinais

Cansado de sua longa tirada (durante a qual o chefe sonolento deixou cair a cabeça sobre o peito por duas vezes), Havel calou-se. Após uma pausa cheia de emoção, a doutora tomou a palavra: — Eu não sabia, doutor, que você era tão bom orador. Você se pintou com os traços de um personagem de comédia, de uma pintura sem graça, tediosa, como um zero! Infelizmente, a maneira como se expressou era um pouco nobre demais. É sua habilidade diabólica: você se coloca como mendigo, mas escolhe para isso palavras principescas, para parecer mais príncipe que mendigo. Você é um velho impostor, Havel, vaidoso mesmo nos momentos em que rola na lama. Você é um velho e vil impostor.

Fleischman riu com um riso sonoro, pois acreditava, para sua grande satisfação, perceber desprezo por Havel nas palavras da doutora. Foi por isso que, encorajado pela ironia da doutora e por seu próprio riso, aproximou-se da janela e disse com ar entendido: — Que noite!

— Sim — disse a doutora. — Uma noite esplêndida. E Havel, que brinca com a morte! Você pelo menos notou, Havel, que está fazendo uma noite magnífica?

— Claro que não — disse Fleischman. — Para Havel uma mulher é uma mulher, uma noite é igual a outra, o inverno e o verão são a mesma

coisa. O Dr. Havel recusa-se a enxergar os atributos secundários.

— Você me desmascarou — disse Havel.

Fleischman julgou que dessa vez seu encontro com a doutora estava garantido. O chefe tinha bebido muito e a sonolência a que sucumbira havia alguns minutos parecia ter diminuído consideravelmente sua vigilância. — Ai, minha bexiga! — disse Fleischman, discretamente, e, depois de um olhar dirigido à doutora, saiu em direção à porta.

O gás

Uma vez no corredor, pensou com prazer que a doutora passara a noite inteira caçoando dos dois homens, do chefe e de Havel, a quem tratara, com muita propriedade, de impostor, e ficou encantado por ver se repetir um fato diante do qual não podia deixar de ficar maravilhado a cada vez que ocorria, justamente porque se repetia com bastante regularidade: ele agradava às mulheres, elas o preferiam aos homens mais experimentados, o que, no caso da doutora — sem dúvida uma mulher extraordinariamente exigente, lúcida e um pouco (mas agradavelmente) ativa —, constituía um triunfo novo e inesperado.

Foi nesse estado de espírito que Fleischman atravessou o longo corredor e se dirigiu para a saída. Estava quase chegando à portinhola que dava para o jardim quando de repente um cheiro de gás atingiu suas narinas. Parou e aspirou. O cheiro se concentrava do lado da porta que separava o corredor da pequena sala de repouso das enfermeiras. Subitamente Fleischman se deu conta de que sentia muito medo.

Seu primeiro movimento foi correr para procurar o chefe e Havel, mas depois decidiu-se a pôr a mão na maçaneta da porta (sem dúvida por imaginar que a porta estivesse trancada ou com uma barricada). Para sua grande surpresa a porta abriu. O lustre estava aceso e iluminava um grande corpo nu de mulher, estendido no divã. Fleischman lançou um olhar circular pela sala e precipitou-se na direção de um pequeno fogareiro. Fechou o bico de gás que estava aberto. Em seguida correu e escancarou a janela.

Comentário entre parênteses

(Pode-se dizer que Fleischman agiu com sangue-frio e, sobretudo, com presença de espírito. Existe, no entanto, uma coisa que ele não registrou com a cabeça suficientemente fria. É claro que manteve os olhos, por um bom momento, no corpo nu de Elisabeth, mas sentia tanto pavor que não pôde, por trás do painel desse medo, sentir aquilo que agora podemos saborear com toda a tranqüilidade, tirando proveito de uma vantajosa distância.

Esse corpo é esplêndido. Está estendido de costas com a cabeça ligeiramente virada, os ombros um tanto encolhidos, os belos seios encostando um no outro, exibindo sua plena forma. Uma perna está estendida, a outra ligeiramente dobrada, de modo que podemos ver a notável forma das coxas e a sombra negra, extraordinariamente espessa, dos pêlos.)

O pedido de socorro

Depois de abrir de par em par a porta e a janela, Fleischman correu para o corredor e pediu socorro. O que se seguiu desenrolou-se com rápida eficácia: respiração artificial, telefonema para o serviço de urgência, chegada da maca, envio da doente para o médico de plantão, nova sessão de respiração artificial, retorno à vida, transfusão de sangue e, para terminar, profundo suspiro de alívio, quando ficou evidente que a vida de Elisabeth, sem dúvida alguma, estava salva.

TERCEIRO ATO

Quem disse o quê

Quando os quatro médicos saíram do pavilhão e se encontraram no pátio, pareciam exaustos.

— Ela estragou nosso colóquio, essa pequena Elisabeth — disse o chefe.

— As mulheres insatisfeitas sempre trazem má sorte — disse a doutora.

— É curioso. Foi preciso que ela abrisse o gás para que se visse que era bem-feita — disse Havel.

Com essas palavras, Fleischman olhou (longamente) para Havel e: — Isso acabou com a minha vontade de beber e de brincar. Boa noite — disse ele. E dirigiu-se para a saída do hospital.

A teoria de Fleischman

Fleischman achava nojentos os comentários de seus colegas. Via neles a insensibilidade de homens e mulheres que envelheciam, a crueza da idade que se opunha à juventude como uma barreira hostil. Por isso sentia-se satisfeito em estar só, e seguia a pé, deliberadamente, para saborear com plenitude sua exaltação: não parava de repetir para si mesmo, com delicioso temor, que Elisabeth estivera a dois passos da morte, e que ele seria responsável por essa morte. Claro, ele não ignorava que um suicídio resulta não apenas de uma causa única, mas de toda uma constelação de causas; só que não podia negar que uma dessas causas, sem dúvida a causa decisiva, era ele, pelo próprio fato de sua existência e também pelo seu comportamento naquele dia.

No momento, acusava-se de maneira patética. Dizia a si mesmo que era um egoísta de olhar vaidoso, voltado para seus próprios sucessos amorosos. Considerava-se grotesco por ter-se deixado cegar pelo interesse que lhe

demonstrara a doutora. Recriminava-se por ter feito de Elisabeth um simples objeto, um recipiente de que se servira para despejar sua bile, quando o chefe ciumento impedira seu encontro noturno. Com que direito tratara assim uma inocente criatura?

No entanto o jovem estudante de medicina não era um ser primitivo: cada um de seus estados de alma continha em germe a dialética da afirmação e da negação, de sorte que, diante da voz interior do acusador, respondia agora a voz interior do defensor: os sarcasmos que ele dirigira a Elisabeth estavam certamente deslocados, mas sem dúvida não teriam conseqüências tão trágicas se Elisabeth não se tivesse apaixonado por ele. Ora, que podia fazer Fleischman se uma mulher estava apaixonada por ele? Tornar-se automaticamente responsável por essa mulher?

Deteve-se um instante nessa pergunta que lhe parecia a chave de todo o mistério da existência humana. Fez até uma parada e formulou a resposta da maneira mais séria possível: sim, errara ainda há pouco, quando dissera ao chefe não ser responsável pelo que acontecia por sua causa mas contra sua vontade. No entanto poderia reduzir-se ao que possuía dentro de si de consciente e deliberado? O que ele infligia a outrem sem saber também fazia parte da esfera de sua personalidade, e quem, a não ser ele, podia ser responsável por isso? Sim, era sua culpa se Elisabeth estava apaixonada por ele; era culpado por ignorar isso; culpado por não ter prestado atenção; era culpado. Por pouco, teria se tornado um assassino.

A teoria do chefe

Enquanto Fleischman se entregava a esse exercício de auto-análise, o chefe, Havel e a doutora retornavam à sala de plantão. Não tinham realmente mais vontade de beber; ficaram alguns instantes em silêncio; depois: — O que poderia ter-se passado na cabeça de Elisabeth? — indagou o Dr. Havel.

— Nada de sentimentalismo — disse o chefe. — Quando alguém faz asneiras desse gênero, eu me proíbo qualquer emoção. Por outro lado, se você não tivesse inventado histórias e se tivesse agido com ela como agiria com todas as outras, isso não teria acontecido.

— Obrigado por me fazer responsável por um suicídio — disse Havel.

— Sejam precisos — respondeu o chefe. — Não se trata de um suicídio, mas de uma tentativa pública de suicídio, organizada de maneira a evitar a catástrofe. Meu caro doutor, quando a gente quer se asfixiar com gás, a primeira providência é fechar a porta à chave. Melhor ainda, toma-se o cuidado de calafetar todas as frestas, para que a presença do gás seja revelada o mais tarde possível. Só que Elisabeth não pensava na morte, pensava em você.

"Só Deus sabe quantas semanas ela se alegrou com a idéia de que ia ficar com você no plantão da noite, e desde o começo do plantão fez avanços indecentes, mas você se mostrou teimoso. E quanto mais você ficava obstinado, mais ela se mostrava provocante: disse bobagens, dançou, quis fazer um *strip-tease*...

"Veja você, eu me pergunto se não há qualquer coisa de comovente em tudo isso. Quando ela chegou à conclusão de que não conseguiria sensibilizar seus olhos ou seus ouvidos, apostou tudo no seu olfato e abriu o gás. E antes de abrir o gás, tirou a roupa. Ela sabe que tem um bonito corpo, e quis obrigá-lo a se convencer disso. Lembre-se do que ela disse ao partir: *Se vocês soubessem. Mas não sabem nada. Vocês não sabem nada.* Agora você sabe. Elisabeth é feia, mas tem um belo corpo. Você mesmo reconheceu isso. Veja bem que o raciocínio dela não foi tão tolo. Gostaria até de saber se você agora vai se deixar fisgar.

Havel levantou os ombros. — Pode ser — disse ele.

— Tenho certeza — disse o chefe.

A teoria de Havel

— O que você diz pode parecer convincente, chefe, mas há uma falha em seu raciocínio: você superestima meu papel nesse caso. Porque não se trata de mim. Eu não fui o único que se recusou a dormir com Elisabeth. Ninguém queria dormir com ela.

"Há pouco, quando você me perguntou por que eu não queria Elisabeth, respondi não sei que futilidades sobre a beleza do livre-arbítrio e sobre a minha liberdade que quero preservar. Mas eram frases lançadas ao acaso,

destinadas a mascarar a verdade, que é completamente outra, e que não é nada lisonjeira: se recusei Elisabeth é justamente porque sou incapaz de me comportar como um homem livre. Porque é moda não dormir com Elisabeth. Ninguém dorme com ela, e, se alguém dormisse, não ficaria bem, pois todos zombariam dele. A moda é um terrível dragão e eu lhe obedeci servilmente. Só que Elisabeth é uma mulher madura, e isso lhe subiu à cabeça. E o que lhe subiu à cabeça, mais que qualquer outra coisa, é que eu a recuso, *eu*, conhecido por todo o mundo como indivíduo que não deixa escapar nada. Só que dei mais importância à moda do que à cabeça de Elisabeth.

"Você tem razão, chefe: ela sabe que tem um belo corpo, e achou essa situação ao mesmo tempo absurda e injusta, e quis protestar. Lembre-se de que durante a noite toda ela não parou de atrair a atenção para o seu corpo. Quando falou sobre a *strip-teaser* sueca que viu em Viena, acariciou os próprios seios dizendo que eram mais bonitos que os da sueca. Mas lembre-se: durante toda a noite seus seios e seu traseiro invadiram essa sala como uma multidão de manifestantes. Falo seriamente, chefe, era uma manifestação.

"Você se lembra do *strip-tease*, lembra-se de como ela o vivia? Chefe, foi o *strip-tease* mais triste a que já assisti. Despia-se com paixão, mas sem se livrar da cobertura detestada de seu uniforme de enfermeira. Ela se despia, mas não podia se despir. E, sabendo que não iria se despir, continuava a se despir, porque nos queria participar seu triste e irrealizável desejo de se despir. Chefe, ela não se despia, ela celebrava seu ato de se despir, lamentava a impossibilidade de se despir, a impossibilidade de fazer amor, a impossibilidade de viver! E nem isso quisemos ouvir, baixamos as cabeças e assumimos um ar indiferente."

— Você é bem romântico para um mulherengo! Acha mesmo que ela queria morrer? — indagou o patrão.

— Lembre-se — disse Havel — do que ela me disse quando dançava! Ela me disse: *Estou viva! Ainda estou bem viva!* Você se lembra? A partir do momento em que começou a dançar, ela sabia o que iria fazer.

— E por que quis morrer completamente nua, hem? Como explica isso?

— Ela queria entrar nos braços da morte como nos braços de um amante. Foi por isso que se despiu, penteou-se, maquilou-se...

— E foi por isso que não fechou a porta à chave, hem? Por favor, não tente convencer-me de que ela queria morrer.

— Talvez ela mesma não soubesse exatamente o que queria. Você sabe, você, o que quer? Quem entre nós sabe o que quer? Ela queria morrer, e ao mesmo tempo não queria. Ela queria sinceramente morrer, e ao mesmo tempo (também com sinceridade) queria suspender o ato que a conduziria à morte, e com o qual se sentia valorizada. Você compreende bem que ela não queria que seu corpo fosse visto quando estivesse escuro, cheirando mal e deformado pela morte. Queria se mostrar a nós em toda a sua glória, no momento em que fosse, com seu belo corpo intacto, dormir com a morte; queria que, ao menos nesse instante essencial, nós tivéssemos inveja da morte, por levar esse corpo, e que o desejassemos.

A teoria da doutora

— Senhores — começou a doutora, que se calara até então e escutara atentamente os dois médicos —, o que os dois acabaram de dizer parece lógico, tanto quanto uma mulher pode avaliar. Em si mesmas, suas teorias são bastante convincentes, e testemunham um profundo conhecimento da vida. Têm apenas um defeito. Não contêm um grama de verdade. Elisabeth não queria se suicidar. Nem de verdade, nem em sinal de protesto. Não se trata de um suicídio.

A doutora saboreou por um instante o efeito de suas palavras e recomeçou: — Vê-se que os senhores têm a consciência culpada. Quando voltamos do serviço de urgência, os senhores evitaram o quarto de Elisabeth. Não queriam mais vê-lo. Mas eu o examinei cuidadosamente, enquanto os senhores faziam a respiração artificial em Elisabeth. Havia uma panela em cima do fogareiro. Elisabeth pôs água para ferver para fazer um café, e adormeceu. A água transbordou e apagou o fogo.

Os dois médicos foram ao quarto de Elisabeth com a doutora. Era exato; havia uma pequena panela em cima do fogareiro, e nela havia mesmo um pouco d'água.

— Mas, nesse caso, por que ela estava completamente nua? — espantou-se o chefe.

— Olhem bem — disse a doutora, mostrando os quatro cantos do quarto: o vestido azul-claro estava jogado no chão, debaixo da janela, o sutiã pendurado no pequeno armário branco de remédios, a calcinha branca atirada ao chão no ângulo oposto. — Elisabeth jogou suas roupas por todos os lados, o que prova que ela quis fazer, mesmo sozinha, o número de *strip-tease* que você, chefe, achou prudente proibir!

"Quando ela ficou completamente nua, decerto sentiu cansaço. Isso não lhe convinha, porque não havia desistido de suas esperanças para essa noite. Sabia que terminaríamos indo embora, e que Havel ficaria sozinho. Por isso pediu comprimidos para ficar acordada. Quis fazer um café e pôs a panela no fogo em cima do gás. Em seguida, olhou de novo seu corpo e isso a excitou. Elisabeth tinha uma vantagem sobre vocês. Ela não via o próprio rosto. Via em si mesma uma beleza sem defeito. Isso a excitou e ela deitou-se lascivamente no divã. Mas, visivelmente, o sono apanhou-a de surpresa, antes da volúpia."

— Claro — disse Havel. — Ainda mais que eu lhe dei soníferos!

— Isso é bem de você — disse a doutora. — Então? Ainda existe alguma coisa a esclarecer?

— Existe — disse Havel. — Lembre-se do que ela nos disse: *Não estou próxima da morte, ainda estou bem viva! Eu vivo!* Estas últimas palavras, ela as pronunciou de maneira patética, como se fossem palavras de adeus: Se vocês soubessem. Mas não sabem nada. Vocês não sabem nada.

— Vejamos, Havel — disse a doutora. — Como se você não soubesse que noventa e nove por cento das palavras que pronunciamos são palavras atiradas ao vento. Você mesmo, a maior parte do tempo, não fala só por falar?

Os médicos ainda conversaram durante algum tempo, depois saíram; o chefe e a doutora estenderam a mão a Havel e se afastaram.

O ar noturno estava saturado de perfumes

Fleischman chegou finalmente à rua de subúrbio onde morava com os pais numa pequena casa cercada por um jardim. Abriu o portão e, sem

chegar até a porta da casa, sentou-se num banco, sob as roseiras que eram cuidadosamente tratadas por sua mãe.

A noite de verão estava saturada do perfume das flores e as palavras "culpado", "egoísmo", "amado", "morte" afluíam ao espírito de Fleischman e causavam-lhe um prazer exaltante; tinha a impressão de que lhe cresciam asas nas costas.

Nesse afluxo de felicidade melancólica, compreendeu que era amado como nunca. Evidentemente, muitas mulheres já lhe haviam dado provas tangíveis de seus sentimentos, mas, no momento, ele se restringia a uma fria lucidez: será que tinha sido sempre amor? será que não sucumbira algumas vezes a ilusões? não lhe acontecia imaginar mais do que a própria realidade? será que Klara, por exemplo, não estava mais interessada do que apaixonada? será que ela não se importava mais com o apartamento que ele procurava para ela do que propriamente com ele? Tudo ficou bem pálido depois da experiência com Elisabeth.

O ar estava saturado de grandes palavras e Fleischman pensava que o amor tem apenas um critério: a morte. No fim do verdadeiro amor existe a morte, e só o amor no fim do qual existe a morte é amor.

O ar estava saturado de perfumes e Fleischman perguntava a si mesmo: será que algum dia alguém o amaria tanto quanto aquela mulher feia? Mas o que era a beleza ou a feiúra perto do amor? O que era a feiúra de um rosto diante de um sentimento cuja grandeza refletia o absoluto?

(O absoluto? Sim. Fleischman é um adolescente atirado há pouco tempo no mundo incerto dos adultos. Faz o que pode para seduzir as mulheres, mas o que procura é, sobretudo, o abraço consolador, infinito, redentor, que o salvará da atroz relatividade do mundo recentemente descoberto.)

QUARTO ATO

A volta da doutora

O Dr. Havel estava deitado há algum tempo no divã, sob uma fina coberta de lã, quando ouviu batidas no vidro. Apercebeu-se do rosto da doutora à luz da lua. Abriu a janela e: — O que está acontecendo? — perguntou.

— Deixe-me entrar — disse a doutora, dirigindo-se a passos largos para a porta da casa. Havel abotoou a camisa, deu um grande suspiro e saiu do quarto.

Quando abriu a porta da casa, a doutora entrou sem dar maiores explicações, e depois de se instalar numa poltrona, na sala de espera, em frente a Havel, começou a explicar que não tinha conseguido voltar para casa. Só agora, dizia ela, sentia seu nervosismo; não ia conseguir dormir e pedia a Havel que conversasse um pouco com ela, para que se acalmasse.

Havel não acreditava numa só palavra do que dizia a doutora e era suficientemente mal-educado (ou imprudente) para demonstrá-lo.

Por isso a doutora disse: — É claro que não acredita em mim, pois está convencido de que voltei para dormir com você.

O doutor fez um gesto de negação, mas a doutora continuou: — Você é um dom-juan vaidoso! É evidente. Desde que uma mulher o vê, ela só pensa nisso. E você, constrangido e contrafeito, cumpre sua triste missão.

Mais uma vez Havel fez um gesto de negação, mas a doutora, depois de acender um cigarro e soprar displicentemente a fumaça, continuou: — Meu pobre dom-juan, não tenha medo de nada. Não estou aqui para incomodá-lo. Você não tem nada em comum com a morte. Tudo isso não passa de paradoxos de nosso querido chefe. Você não apanha tudo pela simples razão de que nem todas as mulheres estão dispostas a se deixar apanhar. Eu, por exemplo, posso lhe garantir, estou completamente imunizada contra você.

— Foi isto que veio me dizer?

— Talvez. Vim para consolar você, para dizer que não é como a morte. Que eu não me deixarei apanhar.

A moralidade de Havel

— É gentil de sua parte — disse Havel. — Gentil não se deixar apanhar e também vir aqui para me dizer. Você tem razão, não tenho nada em comum com a morte. Não apenas não apanhei Elisabeth, como também não apanharei você.

— Ah! — fez a doutora.

— Não quero dizer com isso que você não me agrada. Pelo contrário.

— Mesmo assim... — disse a doutora.

— Sim. Você me agrada muito.

— Então por que não me quer? Será porque não me interessa por você?

— Não, acho que não tem nada a ver com isso — disse Havel.

— Então por quê?

— Porque você é amante do chefe.

— E daí?

— O chefe é ciumento. Isso o faria sofrer.

— Você tem escrúpulos?

— Sabe — disse Havel —, em minha vida já tive problemas suficientes com mulheres, e cada vez prezo mais a amizade masculina. Esta amizade, que não é contaminada pela besteira do erotismo, é o único valor que conheci na vida.

— Você considera o chefe como amigo?

— O chefe fez muito por mim.

— Mais ainda por mim — replicou a doutora.

— É possível — disse Havel. — Mas não se trata de gratidão. É um amigo, apenas isso. É um tipo incrível. E gosta de você. Se eu tentasse possuí-la, seria obrigado a me considerar um canalha.

O chefe caluniado

— Não esperava ouvir de sua boca um elogio tão fervoroso da amizade! — disse a doutora. — Estou descobrindo-o, doutor, sob um aspecto inteiramente novo para mim, e absolutamente inesperado. Não apenas você possui, contra todas as expectativas, a faculdade de sentir, mas exerce essa faculdade (o que é bem comovente) em relação a um senhor mais velho, grisalho e calvo, que chama atenção apenas pelo ridículo. Reparou nele ainda há pouco? Percebeu como gosta de estar sempre se exibindo? Quer sempre provar coisas em que ninguém pode acreditar.

"Em primeiro lugar, quer mostrar que é espirituoso. Você o ouviu. Passou a noite falando e não disse nada, divertindo a galeria, fazendo graça, o Dr. Havel é como a morte; inventou paradoxos sobre a infelicidade do casamento feliz (uma canção que já ouvi umas cem vezes!), tentou provocar Fleischman (como se, para isso, fosse preciso ser espirituoso!).

"Em segundo lugar, quer se fazer passar por bom sujeito. Na verdade, detesta qualquer um que ainda tenha cabelos na cabeça, mas disfarça. Ele o bajulava, fazia agrados a mim, era paternal e terno com Elisabeth e, se implicou com Fleischman, tomou cuidado para que Fleischman não percebesse.

"Em terceiro lugar, e é o mais grave, quer provar que é um craque. Tenta desesperadamente esconder sua fisionomia atual sob sua aparência de outrora, que ele infelizmente não tem mais, e da qual nenhum de nós se lembra. Você percebeu com que habilidade conseguiu nos contar a história daquela putinha que não quis saber dele, apenas para evocar o irresistível jovem que fora em outros tempos, e assim fazer esquecer sua triste calvície?"

A defesa do chefe

— Tudo o que você disse é quase verdade — respondeu Havel. — Mas vejo nisso apenas razões suplementares, e boas razões, para gostar do chefe, pois tudo isso me comove mais do que você pensa. Por que espera que eu

caçoe de uma calvície da qual não escaparei? Por que gostaria que eu debochasse desse esforço obstinado do chefe para se fazer passar por outra pessoa?

"Ou um velho aceita ser o que é, ou seja, um resto lamentável de si mesmo, ou não aceita. Mas o que deve fazer, se não aceita? Ele pode apenas uma coisa: fingir ser o que não é; só lhe resta suscitar, por um esforço permanente, a ilusão do que ele não é mais, do que perdeu; inventar, brincar, imitar a própria alegria, vitalidade, cordialidade. Fazer reviver seu personagem juvenil e esforçar-se para, confundindo-se com ele, substituí-lo pelo que é no presente. É a mim mesmo que vejo nessa comédia do chefe, meu futuro. Se me sobrarem forças suficientes para recusar a resignação que certamente é um mal ainda pior do que essa triste comédia.

"Você talvez tenha percebido bem o jogo do chefe. Mas por isso gosto ainda mais dele, e nunca poderia lhe fazer mal, donde resulta que eu nunca poderia dormir com você."

A resposta da doutora

— Meu caro doutor — respondeu a doutora —, há menos divergências entre nós do que você pensa. Eu também gosto muito dele. Também tenho pena dele, tanto quanto você. E devo mais a ele do que você. Sem ele, eu não teria um lugar tão bom (você sabe disso muito bem, aliás todo mundo sabe). Você acha que faço dele o que quero? Que o engano? Que tenho amantes? Com que alegria todo mundo iria contar a ele! Não quero fazer mal a ninguém, nem a ele nem a mim, e, por conseguinte estou menos livre do que você imagina. Estou completamente presa. Mas alegro-me de que nós dois nos tenhamos compreendido tão bem. Porque você é o único homem com quem posso me permitir ser infiel ao chefe. Na verdade, você gosta dele sinceramente e jamais quereria lhe fazer mal. Você será escrupulosamente discreto. Posso ter confiança em você. Portanto, posso dormir com você... — E ela se sentou no colo de Havel e começou a desabotoar sua roupa.

Que fez o Dr. Havel?

Ah! que pergunta...

QUINTO ATO

Num turbilhão de nobres sentimentos

Depois da noite veio a manhã e Fleischman desceu ao jardim de subúrbio para cortar um buquê de rosas. Depois, tomou o bonde para o hospital.

Elisabeth tinha um quarto particular no setor de emergências. Fleischman sentou-se na cabeceira de sua cama, colocou o buquê sobre a mesa-de-cabeceira e pegou a mão de Elisabeth para sentir seu pulso.

— Está melhor? — perguntou-lhe em seguida.

— Estou — disse Elisabeth.

E Fleischman disse com uma voz cheia de emoção: — Você não devia ter feito tamanha bobagem, minha querida.

— Você tem razão — disse Elisabeth —, mas eu peguei no sono. Botei a água para ferver e fazer um café e peguei no sono como uma boba.

Fleischman contemplava Elisabeth com espanto, pois não esperava tanta generosidade da parte dela: Elisabeth queria poupar-lhe os remorsos, não queria sufocá-lo com seu amor, e renegava esse amor.

Ele acariciou-lhe o rosto e, arrebatado por seus sentimentos, começou a tratá-la com mais intimidade: — Sei de tudo. Você não precisa mentir. Mas agradeço a mentira.

Compreendeu que não poderia encontrar em nenhuma outra tanta nobreza, abnegação e devotamento, e quase sucumbiu à tentação de pedir a ela que se tornasse sua mulher. Mas, no último momento, dominou-se (sempre há tempo para se fazer uma proposta de casamento) e disse:

— Elisabeth, Elisabeth, minha querida. Foi para você que eu trouxe estas rosas.

Elisabeth olhava para Fleischman com ar de espanto e: — Para mim? — disse ela.

— Sim, para você. Porque estou feliz de estar aqui com você. Porque estou feliz por você existir, Elisabeth. Talvez eu a ame. Talvez a ame muito. Mas é sem dúvida uma razão a mais para ficarmos nisso. Acho que um homem e uma mulher se amam mais quando não vivem juntos e quando sabem um do outro apenas uma coisa: que existem, e quando ficam reconhecidos um ao outro porque existem e porque sabem que existem. E isso basta para que sejam felizes. Obrigado, Elisabeth, obrigado por você existir.

Elisabeth não compreendia nada, mas" sorria com um sorriso beato, um sorriso estúpido, cheio de uma vaga felicidade e de uma vaga esperança.

Depois, Fleischman levantou-se, apertou com a mão o ombro de Elisabeth (evocação de um amor reservado e discreto) deu meia-volta e saiu.

A incerteza de todas as coisas

— Foi nossa bela colega, literalmente brilhante de juventude esta manhã, que encontrou sem dúvida a explicação mais certa para os acontecimentos — disse o chefe à doutora e a Havel, quando os três voltaram a se reunir no plantão. Elisabeth pôs água para ferver, para fazer um café, e adormeceu. Pelo menos é o que ela afirma.

— Você está vendo — disse a doutora.

— Não estou vendo absolutamente nada — disse o chefe. — Afinal de contas, ninguém sabe nada do que aconteceu. Talvez a panela já estivesse no fogareiro. Se Elisabeth quisesse suicidar-se com gás por que tiraria a panela?

— Mas ela explicou tudo! — observou a doutora.

— Depois da comédia que representou para nós e do medo que nos fez passar, não se espante que ela tente nos convencer de que tudo aconteceu por causa de uma panela. Lembre-se que neste país o autor de uma tentativa de suicídio é imediatamente mandado para tratamento num hospital. Esta perspectiva não agrada a ninguém.

— Essas histórias de suicídio lhe agradam, chefe? — disse a doutora.

— Bem que gostaria que Havel tivesse remorsos, pelo menos por uma vez — disse rindo o chefe.

O arrependimento de Havel

No comentário do chefe, a consciência culpada de Havel percebeu uma censura cifrada, na qual se fazia ouvir discretamente a voz do céu: — O chefe tem razão — disse ele. — Não foi necessariamente uma tentativa de suicídio, mas talvez tenha sido. Aliás, se me permitem a franqueza, eu não ia querer mal a Elisabeth por causa disso. Digam-me, existe na vida uma só coisa, um único valor, que faça com que o suicídio possa ser considerado como essencialmente mau? O amor? Ou a amizade? Posso garantir que a amizade não é menos frágil do que o amor, e que nada se pode fundar na amizade. O amor-próprio talvez? Bem que eu gostaria. Mas no meu caso, chefe — disse Havel, quase com fervor, e em tom de arrependimento —, eu juro, chefe, que não gosto de mim nem um pouco.

— Senhores — disse a doutora com um sorriso —, se isso pode lhes facilitar a vida e a salvação de suas almas, decidamos que Elisabeth realmente quis se matar. Combinado?

Happy end

— Já basta — disse o chefe. — Mudemos de assunto. Havel, suas conversas sujam o ar desta bela manhã! Sou quinze anos mais velho do que você. Tenho a falta de sorte de ser feliz em casa, e, portanto, não posso me divorciar. E sou infeliz no amor porque — ai de mim — a mulher que amo não é outra senão a doutora! E apesar disso sou feliz neste mundo!

— Bem, muito bem — disse a doutora ao chefe, com uma ternura fora do comum, tomando-lhe a mão. — Eu também sou feliz neste mundo.

Nesse instante, Fleischman juntou-se ao grupo dos três médicos e: — Estou saindo do quarto de Elisabeth — disse ele. — É de fato uma moça extraordinariamente honesta. Negou tudo. Culpa-se de tudo.

— Vocês estão vendo — disse o chefe. — E por pouco Havel nos induziria todos ao suicídio.

— É evidente — disse a doutora. E aproximou-se da janela. — Vai ser um dia lindo. O céu está tão azul! Que é que você acha, Fleischman?

Minutos antes, Fleischman quase se acusava de ter agido de maneira hipócrita quando quis resolver o problema com um buquê de rosas e algumas palavras amáveis, mas agora se felicitava por não ter precipitado as coisas. Captou o sinal da doutora e o entendeu. O fio da aventura iria portanto ser retomado no ponto em que se rompera na véspera, quando um cheiro de gás desmanchara o encontro de Fleischman e da doutora. E Fleischman não pôde se impedir de sorrir para a doutora mesmo sob o olhar ciumento do chefe.

A história recomeça, portanto, no ponto em que havia terminado na véspera, mas Fleischman acredita voltar para o jogo bem mais velho e muito mais forte. Tem atrás de si um amor tão grande como a morte. Sente uma onda crescer em seu peito, e é a onda mais alta e a mais forte que jamais conheceu. Pois o que o exalta tão voluptuosamente é a morte: a morte que lhe deram de presente; a morte esplêndida e reconfortante.



QUE OS VELHOS MORTOS

CEDAM LUGAR AOS

NOVOS MORTOS



Ele voltava para casa, contornando uma rua da cidadezinha da Boêmia onde morava há alguns anos, resignado a uma vida sem muito interesse, a vizinhos intrigantes e à grosseria monótona que o cercava no escritório, e seguia com tal indiferença (é assim que andamos num caminho que percorremos centenas de vezes seguidas) que quase não a viu. Mas ela o reconheceu de longe e, enquanto caminhava em direção a ele, olhava-o com um sorriso que acabou por provocar, no último momento, quando estavam quase frente a frente, um estalo em sua memória, tirando-o de sua sonolência.

— Custei a reconhecê-la — disse ele, mas era uma desculpa desastrada que os transportou para um assunto penoso que seria preferível evitar: eles não se viam há quinze anos e tinham envelhecido. — Mudei tanto assim? — perguntou ela, e ele respondeu que não; e ainda que fosse mentira, era uma mentira parcial, porque esse sorriso reservado (em que expressava pudica e modestamente uma eterna faculdade de se entusiasmar) chegava até ali, através de uma distância de muitos anos, absolutamente imutável, e o perturbava: porque esse sorriso evocava nele a aparência antiga dessa mulher, e de maneira tão clara que ele precisou fazer um esforço para esquecer o sorriso e vê-la como era agora: era quase uma velha.

Perguntou-lhe aonde ela ia e se tinha algum plano; ela respondeu que viera acertar uns negócios e que agora só lhe restava esperar a hora do trem que à noite a levaria de volta a Praga. Ele manifestou o prazer que lhe produzia esse encontro inesperado, e como ambos concordaram (com razão) que os dois bares do lugar eram sujos e só viviam cheios, ele a convidou para ir a seu apartamento conjugado, que não ficava longe, onde poderia preparar-lhe um chá ou um café e que, sobretudo, era um lugar limpo e sossegado.

O dia começara mal para ela. Seu marido (há vinte e cinco anos tinham vivido ali durante algum tempo — eram, na época, recém-casados —, mas depois se haviam instalado em Praga, onde ele morrera fazia dez anos) estava enterrado no cemitério dessa cidadezinha, conforme um estranho pedido que expressara em suas últimas vontades. Ela adquirira então uma concessão por dez anos e constatara havia alguns dias que o prazo tinha expirado e que se esquecera de renovar a concessão. Inicialmente pensara em escrever à administração do cemitério, mas, lembrando-se de que toda correspondência com a administração é uma empreitada interminável e inútil, resolveu vir.

Embora conhecesse de cor o caminho que conduzia ao túmulo do marido, naquele dia pensou estar vendo o cemitério pela primeira vez. Não conseguia encontrar a sepultura e achou que não sabia onde estava. Afinal compreendeu: onde ficava antigamente o monumento de arenito com o nome querido de seu marido, erguia-se agora (teve a certeza de reconhecer o lugar pelas duas sepulturas vizinhas) um monumento de mármore preto cujo nome, em letras douradas, lhe era absolutamente desconhecido.

Irritada, dirigiu-se à administração do cemitério. Lá, foi informada de que as sepulturas eram automaticamente retomadas com o término das concessões. Reclamou por não ter sido avisada da necessidade de renovar a concessão, mas explicaram-lhe que havia pouco lugar no cemitério e que os *velhos mortos deviam ceder lugar aos novos mortos*. Ela ficou indignada e, reprimindo com esforço um soluço, respondeu que os administradores não tinham nem o sentido da dignidade humana nem respeito pelo próximo, mas não demorou a compreender que a discussão era inútil. Assim como não tinha conseguido impedir a morte do marido, estava sem defesa diante dessa segunda morte, essa morte de um *velho morto* que não mais tinha o direito a uma existência de morto.

Voltou à cidade e sua tristeza logo foi acrescida de ansiedade, pois ficou imaginando como poderia explicar a seu filho o desaparecimento da sepultura do pai e justificar diante dele sua própria negligência. Em seguida, veio o cansaço: não sabia como passar as longas horas de espera até a partida do trem que a levaria a Praga, já que não conhecia mais ninguém ali, nem tinha vontade de empreender um passeio sentimental, pois a cidade

mudara tanto com o passar dos anos que os lugares outrora familiares lhe pareciam inteiramente estranhos. Foi por isso que aceitou com gratidão o convite do velho amigo (meio esquecido) que acabara de encontrar por acaso: pôde lavar as mãos no banheiro e em seguida sentar-se numa poltrona macia (estava com dor nas pernas), examinar a sala e escutar, por trás da divisória que separava a cozinha do resto do apartamento, o barulho da água fervendo.

3

Ele acabara de fazer trinta e cinco anos e de repente reparara que seus cabelos rareavam nitidamente no alto da cabeça. Ainda não era uma calvície completa, mas ela podia ser pressentida (os cabelos deixavam entrever a pele), e o mais grave é que essa calvície era inevitável e estava bem próxima. É ridículo, sem dúvida, considerar a perda dos cabelos uma questão vital, mas ele percebia muito bem que a calvície mudaria seu rosto e que a vida de uma de suas aparências (indubitavelmente a melhor) chegava ao fim.

Então ele perguntou a si mesmo qual era exatamente o balanço desse personagem (com cabelo) que em breve iria se aposentar, o que teria vivido exatamente e que alegrias de fato conhecera, e constatou com espanto que eram bem poucas essas alegrias. Sentia-se enrubescer sob a ação desse pensamento; sim, tinha vergonha: pois é vergonhoso ter vivido tanto tempo neste mundo e ter vivido tão pouco.

O que queria ele dizer ao certo quando afirmava que tinha vivido pouco? Pensava nas viagens, no trabalho, na vida pública, nos esportes, nas mulheres? Certamente pensava em tudo isso, mas pensava sobretudo nas mulheres; porque, se sua vida era pobre em outros domínios, isso o atormentava bem pouco, pois não podia se considerar culpado dessa pobreza: afinal de contas não era culpa sua se seu trabalho era sem interesse e sem perspectivas; não era culpa sua se não podia viajar, não tendo para isso nem dinheiro nem a permissão dos dirigentes; não era culpa sua se tinha rompido o menisco aos vinte anos, tendo de renunciar aos esportes de que gostava. Em compensação, o domínio feminino era para ele uma esfera de liberdade relativa, e nele não podia apresentar nenhuma desculpa. Ali,

poderia ter mostrado quem era, poderia ter manifestado sua riqueza; as mulheres tinham se tornado para ele o único critério justificado da *densidade* vital.

Mas, por infelicidade, nunca tinha dado certo com as mulheres. Até os vinte e cinco anos (apesar de ter sido um bonito rapaz) ficava paralisado pelo pânico; logo depois se apaixonou, casou-se e, durante sete anos, convenceu-se de que podia encontrar, numa só mulher, o infinito do erotismo; depois se divorciou, renunciando à apologética da monogamia (e à ilusão do infinito) por um desejo voluptuoso e uma voluptuosa audácia em relação às mulheres (na diversidade finita de sua multiplicidade), mas, que pena!, esse desejo e essa audácia eram fortemente prejudicados por uma situação financeira difícil (devia pagar uma pensão alimentar à mulher por um filho que estava autorizado a ver uma ou duas vezes por ano) e pelas condições de vida numa pequena cidade em que a curiosidade dos vizinhos era tão ilimitada quanto restrita a escolha das mulheres a seduzir.

Depois disso, o tempo passou muito depressa, e de repente ele se viu diante do espelho oval colocado em cima da pia do banheiro, segurando na mão direita um pequeno espelho redondo por cima do crânio, o olhar obsessivamente fixo na calvície nascente, e de um só golpe (sem nenhuma preparação) esse olhar lhe revelou a verdade banal, ou seja, que não se recupera o que se deixou escapar. Sofria de mau humor crônico e tinha até idéias de suicídio. Evidentemente (é um ponto que convém sublinhar para não tomá-lo por histérico ou imbecil) compreendia o que essas idéias tinham de cômico e que nunca as concretizaria (ele mesmo ria ao pensar em sua carta de adeus: *nunca aceitarei ser calvo: adeus!*), mas bastava que esses pensamentos, mesmo platônicos, tivessem passado pela sua cabeça. Façamos um esforço para compreendê-lo: essas idéias, sem dúvida, ocorriam-lhe como ocorre a um corredor de maratona o desejo irresistível de abandoná-la quando percebe, no meio da corrida, que está a ponto de perder (e, ainda por cima, por causa dos seus próprios erros). Ele também considerava que a corrida estava perdida e não tinha vontade de continuar a correr.

E, agora, inclinava-se sobre a mesinha e colocava uma xícara de café diante do divã (onde logo depois ele mesmo iria sentar-se) e outra diante da confortável poltrona em que se sentara a visitante, considerando uma cruel ironia do destino ter encontrado uma mulher por quem fora loucamente

apaixonado no passado e que então deixara escapar (por causa de seus próprios erros), no momento em que se encontrava numa tal disposição de espírito e quando nada mais era possível.

4

Ela certamente não teria adivinhado que era, a seus olhos, *aquela que ele deixara escapar*; claro, ela ainda se lembrava de uma noite que haviam passado juntos, lembrava-se de sua aparência de então (ele tinha vinte e cinco anos, não sabia se vestir, enrubescia e a divertia com seu jeito de garoto), lembrava-se também de como era naquele tempo (tinha quase quarenta anos e uma sede de beleza que a jogava nos braços de desconhecidos que logo repelia; porque sempre tinha achado que sua vida deveria parecer com uma *dança refinada*, e tinha medo de transformar suas infelicidades conjugais num hábito sujo).

Sim, ela se impunha a beleza como outros se impõem um imperativo moral; se tivesse percebido a feiúra em sua própria vida, teria sucumbido ao desespero. E, como compreendia que seu anfitrião devia achá-la muito velha depois de quinze anos (com todas as feiúras que isso implica), apressou-se em abrir diante de seu rosto um leque imaginário, e sufocou-o com perguntas: queria saber como ele viera para essa cidade; interrogou-o sobre seu trabalho; fez o elogio de seu apartamento, que ela achava muito agradável, com vista sobre os telhados da cidade (disse que essa vista, evidentemente, não tinha nada de extraordinário, mas transmitia um sentimento de liberdade); mencionou os autores de algumas reproduções emolduradas de pintores impressionistas (não era difícil, pois era certo encontrar as mesmas reproduções baratas na casa da maior parte dos intelectuais tchecos sem dinheiro), depois levantou-se, mantendo a xícara na mão, e inclinou-se sobre a pequena escrivaninha onde muitas fotos estavam dispostas num porta-retrato (constatou que não havia uma só fotografia de mulher jovem) e perguntou se o rosto da mulher idosa que se via numa das fotos era o rosto da mãe dele (ele concordou).

Em seguida ele perguntou quais eram os negócios que ela dissera ter vindo resolver quando o encontrou. Ela não tinha a menor vontade de falar do cemitério (aqui, no quinto andar desse edifício, ela estava como suspensa

acima dos telhados e também, sensação ainda mais agradável, suspensa acima de sua vida); mas, como ele insistia, acabou por confessar (mas muito resumidamente, pois o impudor de uma franqueza excessiva sempre lhe fora estranho) que havia morado nessa cidade em outra época, há muitos anos, que seu marido estava enterrado ali (não disse nada sobre o desaparecimento da sepultura) e que todos os anos ela vinha ali com o filho, no dia de Todos os Santos.

5

"Todos os anos?" Esta revelação o entristecia e pensou mais uma vez que lá estava uma cruel ironia do destino; se a tivesse encontrado seis anos antes, quando viera se instalar nessa cidade, tudo ainda teria sido possível; ela ainda não estaria tão marcada pela idade, e não estaria tão diferente da imagem da mulher que ele amara quinze anos antes: ele teria tido a força de superar a diferença e de confundir as duas imagens (a imagem presente e a do passado). Mas, agora, elas estavam desesperadamente distanciadas, as duas imagens.

Ela bebera sua xícara de café e falava, enquanto ele se esforçava para determinar exatamente a amplitude daquela metamorfose, em razão da qual ela iria escapar-lhe *uma segunda vez*: o rosto estava enrugado (o que muitas camadas de pó-de-arroz tentavam em vão disfarçar); o pescoço estava emurhecido (o que ela tentava esconder em vão com uma gola alta); as faces estavam caídas; os cabelos (isso, porém, era quase belo!) tornavam-se grisalhos: contudo, o que mais chamava sua atenção eram as mãos (que nem o pó nem a maquiagem infelizmente podem embelezar): a rede azul de veias que nelas se desenhava em relevo quase as transformava em mãos de homem.

Mas seu pesar se misturava à raiva. Teve vontade de tomar uma bebida alcoólica para esquecer que esse encontro acontecia tarde demais, e perguntou se ela não queria beber um conhaque (tinha uma garrafa guardada no armário, atrás de uma divisória); ela respondeu que não e ele se lembrou de que ela quase não bebia há quinze anos, sem dúvida por medo de que o álcool a privasse do seu estilo de uma moderação de bom gosto. E quando ele viu o gesto delicado de sua mão, para recusar o oferecimento do

conhaque, compreendeu que esse encanto do bom gosto, essa sedução, essa graça, que o haviam fascinado, eram sempre os mesmos, embora estivessem ocultos sob a máscara da idade, e ainda continuavam atraentes, mesmo ao abrigo de uma grade.

Quando pensou que aquela grade era a *grade da velhice*, sentiu por ela uma piedade imensa, e essa piedade tornou-a mais próxima (essa mulher outrora deslumbrante, que o fazia perder a fala) e teve vontade de conversar com ela como um amigo conversa com uma amiga, longamente, na atmosfera azulada da resignação melancólica. E, de fato, falava com loquacidade e aludiu, para terminar, às idéias pessimistas que o perturbavam há algum tempo. Claro, não falou nada de sua calvície incipiente (assim como ela nada dissera da sepultura desaparecida); a visão da calvície foi transubstanciada em frases quase filosóficas sobre o tempo que passa sem que se tenha tempo de viver, a vida marcada pela inevitável decomposição e outras frases semelhantes, com as quais esperava que a visitante concordasse com uma observação compatível; mas esperou em vão.

— Não gosto dessa conversa toda — disse ela quase com veemência —, é terrivelmente superficial isso tudo que você está dizendo.

6

Ela não gostava que falassem sobre envelhecimento e morte, pois havia nessas conversas a imagem da feiúra física, que a repugnava. Repetiu várias vezes a seu anfitrião, quase emocionada, que suas impressões eram *superficiais*. O homem, dizia ela, é mais que seu corpo perecível, pois o essencial é a obra do homem, o que o homem deixa para os outros. Não era, de sua parte, um argumento novo; recorrera a ele vinte e cinco anos antes, quando estava apaixonada por seu futuro marido, que tinha dezoito anos mais do que ela. Nunca deixara de respeitá-lo sinceramente (apesar de todas as suas infidelidades, das quais ele nada sabia, ou nada queria saber) e se esforçava para convencer a si mesma de que a inteligência e a posição do marido lhe compensavam o pesado fardo dos anos.

— Que obra, pergunto eu? Que obra quer você que deixemos? — retrucou ele com um riso amargo.

Ela não queria recordar seu falecido marido, embora estivesse firmemente convencida do valor permanente de tudo que ele realizara. Contentou-se então em responder que todo homem aqui na Terra realiza uma missão, por mais modesta que seja, e que é isso, e somente isso, que lhe dá o seu valor; começou a falar de si mesma com volubilidade, de seu trabalho num centro de cultura nos arredores de Praga, das conferências e das noites de poesia que ali organizava; falava (com veemência que lhe pareceu deslocada) das "fisionomias agradecidas do público", e depois disse que era bom ter um filho e ver seus próprios traços (seu filho parecia com ela) mudarem pouco a pouco, transformando-se num rosto de homem, que era bom dar-lhe tudo que uma mãe pode dar a um filho, desaparecendo sem alarde dos rastros de sua vida.

Não foi por acaso que começara a falar do filho, pois, naquele dia, o filho estivera presente em cada um de seus pensamentos, censurando-lhe os fracassos de suas negociações no cemitério. Era estranho; nunca deixara que um homem lhe impusesse sua vontade, mas seu próprio filho a mantinha sob domínio sem que ela pudesse compreender como. Se o fracasso de suas providências no cemitério a tinha perturbado tanto, era sobretudo porque se sentia culpada diante dele e temia suas reclamações. Seu filho a vigiava com um cuidado ciumento para que ela honrasse dignamente a memória do pai (era ele que insistia todos os anos para que não deixassem de ir ao cemitério na festa de Todos os Santos!), e ela há muito tempo adivinhava: essa preocupação não era ditada pelo amor que tinha ao pai morto, mas sobretudo pelo desejo de apropriar-se da mãe, de mantê-la dentro dos limites que convém a uma viúva; pois era isso, apesar de ele nunca ter expressado tal coisa e de ter ela se esforçado (em vão) para ignorá-lo: repugnava-lhe pensar que sua mãe pudesse ter uma vida sexual, considerava com aversão tudo o que pudesse subsistir nela (mesmo como virtualidade) de sexual e, como a idéia do sexo está ligada à idéia de juventude, ele considerava com repugnância tudo o que subsistia nela de juvenil; não era mais um garoto e a juventude de sua mãe (associada à agressividade da solicitude materna) formava uma espécie de obstáculo entre ele e a juventude das moças que começavam a lhe interessar; era preciso que tivesse uma mãe velha, para que pudesse suportar seu amor e fosse capaz de amá-la. E apesar de algumas vezes se dar conta de que ele a empurrava para a sepultura, ela acabara cedendo, capitulando sob sua pressão e até idealizando esta capitulação, persuadindo-se de que a beleza

da vida decorria justamente deste silencioso retraimento atrás de uma outra vida. Em nome dessa idealização (sem a qual as rugas de seu rosto a teriam marcado ainda mais), ela punha no debate um inesperado ardor.

Mas de repente o dono da casa inclinou-se sobre a mesinha que os separava, acariciou-lhe a mão e disse: "Desculpe se eu disse bobagens, você sabe que sempre fui um imbecil."

7

A discussão não o irritara, muito pelo contrário. A visitante não fazia mais que confirmar a seus olhos sua identidade; no protesto que ela erguera contra suas afirmações pessimistas (mas não seria antes de tudo um protesto contra a feiúra e o mau gosto?), ele a reencontrava tal como a conhecera, de maneira que seu personagem e a passada aventura de ambos lhe preenchiavam cada vez mais o pensamento, e ele desejava apenas uma coisa, que nada viesse romper essa atmosfera azulada tão propícia à conversação (por isso ele lhe acariciara a mão e chamara a si mesmo de imbecil) e que lhe pudesse falar do que lhe parecia agora essencial: sua aventura comum; pois estava convencido de que vivera com ela algo de inteiramente extraordinário, de que ela não tinha consciência, e para o qual ele mesmo deveria procurar encontrar as palavras certas.

Não se lembrava mais de como se haviam conhecido; sem dúvida ela fazia parte de um grupo de estudantes amigos seus, mas lembrava-se perfeitamente do discreto barzinho de Praga em que haviam se encontrado pela primeira vez: ele estava sentado em frente a ela num boxe forrado de veludo vermelho, encabulado e silencioso, mas ao mesmo tempo literalmente embevecido pelos delicados sinais pelos quais ela lhe fazia perceber sua simpatia. Tentava imaginar (sem ousar esperar a realização de seus sonhos) como ela reagiria se a beijasse, a despisse e a amasse, mas não conseguia. Sim, era estranho; tentou mil vezes imaginá-la no amor físico, mas em vão: seu rosto continuava voltado para ele com o mesmo sorriso tranqüilo e doce, e ele não conseguia (mesmo com o mais decidido esforço de imaginação) decifrar nele as expressões da exaltação amorosa. *Ela escapava totalmente à sua imaginação.*

Era uma situação que jamais se repetira em sua vida: ele se viu confrontado com o *inimaginável*. Estava certamente naquele período muito curto da vida (o período *paradisiaco*) em que a imaginação ainda não está saturada pela experiência, não está estragada pela rotina, em que se conhecem ou se sabem poucas coisas, de modo que o *inimaginável* ainda existe; e quando o *inimaginável* vai se tornando realidade (sem a intervenção do imaginável, sem a passarela das imagens), somos tomados pelo pânico e pela vertigem. E sem dúvida ele foi tomado de vertigem quando, após outros encontros nos quais não se pôde decidir a nada, ela começou a interrogá-lo detalhadamente com uma curiosidade significativa sobre o quarto de estudante que ele ocupava numa cidade universitária, quase o obrigando a convidá-la.

O quarto da cidade universitária em que morava com um amigo, que lhe prometera em troca de um copo de rum não voltar naquele dia antes de meia-noite, não parecia nada com o apartamento de hoje: duas camas metálicas, duas cadeiras, um armário, uma lâmpada ofuscante sem abajur, uma espantosa desordem. Fez uma arrumação e às sete horas (ela era sempre pontual, fazia parte de sua elegância) ela bateu na porta. Era setembro, e a escuridão começava a cair lentamente. Sentaram-se na beira da cama metálica e começaram a se beijar. Aos poucos foi ficando mais escuro, e ele não queria acender a luz, porque estava feliz em não ser visto e esperava que a escuridão diminuísse o constrangimento que não deixaria de sentir quando tirasse a roupa diante dela. (Embora soubesse desabotoar sofrivelmente a blusa das mulheres, despiu-se diante delas com uma pressa pudica.) Mas, dessa vez, hesitou muito tempo antes de desabotoar o primeiro botão da blusa (ele achava que o gesto inicial de tirar a roupa devia ser um gesto elegante e delicado, de que apenas são capazes os homens experimentados, e temia trair sua ignorância), de modo que ela se levantou por si mesma e perguntou com um sorriso: — Não seria melhor eu tirar essa couraça?... —, e começou a se despir; mas estava escuro e ele via apenas a sombra de seus movimentos. Ele se despiu apressadamente e só sentiu certa segurança quando começaram (graças à paciência que ela revelara) a se amar. Ele olhava para o rosto dela, mas na escuridão sua expressão lhe escapava e não conseguia nem mesmo distinguir seus traços. Lamentou não ter acendido a luz, mas parecia-lhe impossível levantar-se agora, dirigir-se à porta e apertar o interruptor; portanto, continuou a cansar inutilmente os

olhos. Mas não a reconhecia: tinha a impressão de amar outra pessoa; uma personagem postiça, abstrata, desprovida de toda individualidade.

Em seguida, ela sentou-se sobre ele (ainda assim, só via sua sombra) e, ondulando os quadris, disse alguma coisa com voz abafada, num murmúrio, mas era difícil saber se falava para ele ou para si mesma. Não distinguia as palavras, e perguntou-lhe o que dizia. Ela continuou a murmurar e, mesmo quando a apertou de novo contra si, não pôde compreender suas palavras.

8

Ela escutava seu anfitrião e estava cada vez mais interessada em detalhes que esquecera há muito tempo: por exemplo, aquele costume azul-claro em tecido leve de verão, com o qual ela parecia, dizia ele, um anjo intocado (sim, lembrava-se desse costume), ou aquele grande pente de tartaruga que ela usava nos cabelos e que lhe dava, dizia ele, um ar de nobreza antiquada de grande dama, ou o hábito que tinha no bar, onde costumavam se encontrar, de sempre pedir um chá com rum (seu único pecado alcoólico), e tudo isso desviava agradavelmente seu pensamento do cemitério, do túmulo desaparecido, de seus pés doloridos, do centro de cultura e dos olhos reprovadores do filho. Ah!, pensava ela, embora sendo o que sou agora, não vivi inutilmente se um pouco de minha juventude continua vivendo na memória desse homem; e ela pensou em seguida que ali estava uma nova confirmação de sua convicção: todo o valor do homem está ligado a essa faculdade de se superar, de existir além de si mesmo, de existir no outro para o outro.

Ela o escutava, sem se defender quando ele vez por outra acariciava sua mão, e esse gesto combinava com a atmosfera íntima da conversa, e emanava dele uma ambigüidade desconcertante (a quem se dirigia esse gesto? Àquela de quem se falava ou àquela a quem se falava?); aliás, agradava-lhe esse homem que a acariciava, e ela até pensava que lhe agradava mais do que o jovem de quinze anos atrás, cuja falta de jeito, se bem se lembrava, era antes de mais nada penosa.

Quando ele chegou, em seu relato, ao episódio da sombra móvel que se elevava acima de sua cabeça, e cujas palavras tentava em vão encontrar, calou-se por um instante e ela (com ingenuidade, como se ele conhecesse

essas palavras e quisesse, após tantos anos, fazer com que as relembresse como um segredo esquecido) perguntou-lhe em voz doce: — E o que dizia eu?

9

— Não sei —, respondeu ele. Realmente não sabia; ela então escapava não apenas à sua imaginação mas também às suas percepções, ao olhar como ao ouvido. Quando tornou a acender a luz no pequeno quarto da cidade universitária, ela já estava vestida, tudo nela já estava em ordem, deslumbrante, perfeito, e ele procurava inutilmente a ligação entre aquele rosto iluminado e o rosto que adivinhara na escuridão alguns minutos antes. Eles ainda não se haviam separado, naquela noite, e ele já procurava aquela lembrança: fazia um esforço para imaginar com que podiam parecer seu rosto (dissimulado na penumbra) e seu corpo (dissimulado na penumbra) alguns minutos antes, durante o amor. Em vão; ela escapava sempre à sua imaginação.

Ele pensava que a próxima vez que dormisse com ela deixaria a luz acesa. Mas não houve próxima vez. Ela o evitava com habilidade e polidez e ele sucumbia à dúvida e ao desespero: tinham feito bem o amor, é verdade, mas também sabia até que ponto ele tinha sido impossível, *antes*, e sentia vergonha; sentia-se condenado, porque ela o evitava, e não ousava insistir mais.

— Diga, por que você me evitava?

— Desculpe — disse ela, com sua voz mais terna. — Foi há tanto tempo. Como é que vou saber? — E, como ele ainda insistisse, ela disse: — Não se deve voltar sempre ao passado. Já dedicamos muito de nosso tempo a ele! — Dissera isto para acalmar um pouco sua insistência (esta última frase, pronunciada com um ligeiro suspiro, lembrava-lhe sem dúvida a última visita ao cemitério), mas ele interpretou de outro modo sua declaração: como se fosse destinada a fazer com que ele compreendesse brusca e deliberadamente (este fato evidente) que não havia duas mulheres (a de hoje e a de ontem), mas uma só e mesma mulher, e que essa mulher, que lhe escapara quinze anos antes, agora estava aqui, ao alcance de sua mão.

— Você tem razão, o presente é mais importante — disse ele com entonação significativa, e dizendo isso olhou com intensidade seu rosto sorridente, em que os lábios entreabertos mostravam uma fileira de dentes brancos; nesse momento voltou-lhe uma lembrança ao espírito: naquela noite, no pequeno quarto da cidade universitária, ela pegara-lhe os dedos e os colocara na boca, mordera-os com muita força, a ponto de machucá-los e, enquanto isso, ele apalpava todo o interior de sua boca, e ainda se lembrava disso nitidamente; de um lado, no alto e atrás, faltavam-lhe alguns dentes (e essa descoberta não lhe repugnava; ao contrário, esse pequeno defeito combinava com a idade de sua parceira, coisa que o atraía e excitava). Mas agora, olhando pela fenda que se abria entre os dentes e o canto da boca, pôde constatar que os dentes estavam perfeitamente brancos e que não faltava nenhum. Ficou contrariado, porque mais uma vez as duas imagens se destacavam uma da outra; mas não queria admitir tal coisa, queria reuni-las outra vez, pela força e pela violência, e disse: — Você não quer mesmo um conhaque? —, e como ela balançasse a cabeça, com um sorriso sedutor e as sobrancelhas ligeiramente levantadas, foi para trás da divisória, apanhou a garrafa de conhaque, inclinou-a na direção da boca e bebeu rapidamente. Pensou em seguida que, pelo seu hálito, ela poderia descobrir o que ele acabara de fazer ocultamente, e pegou dois copos e a garrafa e levou-os para a sala. Mais uma vez ela balançou a cabeça. — Simbolicamente — disse ele, enchendo os dois copos. E brindou com ela: — Para que eu só fale de você no presente. — Ele esvaziou seu copo, ela umedeceu os lábios, ele sentou-se ao lado dela na beira da poltrona, segurando-lhe as mãos.

10

Ela não desconfiara, ao aceitar acompanhá-lo ao seu apartamento, que um tal contato pudesse acontecer, e, na hora, ficou com medo; como se esse contato tivesse acontecido antes que ela tivesse tempo de se preparar (ela já perdera há muito tempo esse estado de *preparação permanente*, tal como o conhece a mulher madura); (podia-se destacar, nesse temor, alguma coisa em comum com o temor da adolescente que acaba de ser beijada pela primeira vez, pois, se a adolescente *ainda* não está pronta, e se, por sua vez, ela não estava *mais* preparada, existe, entre esse "mais" e esse "ainda", o

mesmo parentesco misterioso que entre os segredos da velhice e da infância). Em seguida, fez com que ela se sentasse no divã, apertou-a contra ele, acariciou-lhe o corpo todo, e ela se sentia mole entre seus braços (sim, mole: porque seu corpo perdera há muito tempo a sensualidade soberana que comunicava a seus músculos o ritmo das contrações e dos relaxamentos e a atividade de centenas de delicados tropismos).

Mas o temor do primeiro instante não demorou a se dissipar sob suas carícias, e ela, que estava tão distante da bela mulher madura que fora outrora, logo voltou a encontrar seu personagem de então; reencarnava-se na sensibilidade e na consciência desse personagem, reencontrava sua antiga segurança de mulher hábil no amor, e, como não experimentava essa segurança há muito tempo, agora a sentia mais intensamente do que jamais no passado; seu corpo, que um momento antes ainda estava surpreso, amedrontado, passivo e mole, animou-se, e respondia agora com suas próprias carícias; ela sentia a precisão e o saber dessas carícias, e esse sentimento a enchia de felicidade; as carícias, a maneira como ela colocava seu rosto sobre o corpo dele, os movimentos delicados com que seu busto respondia ao abraço, ela voltava a encontrar tudo isso não como uma coisa aprendida, alguma coisa que ela soubesse e que executasse agora com uma fria satisfação, mas sim como uma coisa *essencial*, com a qual se confundia na embriaguez e na exaltação, como se fosse essa coisa o seu *continente familiar* (ah, o continente da beleza!), do qual tivesse sido expulsa e ao qual voltava solenemente.

No momento, seu filho estava infinitamente longe; quando o dono da casa a tomou nos braços, bem no íntimo ela percebeu que o filho a culpava, mas ele logo desapareceu, e agora, num raio de cem léguas em volta, havia apenas ela e o homem que a acariciava e a abraçava. Mas quando pôs sua boca na dela e quis abrir-lhe os lábios com a língua, tudo mudou: ela voltou à realidade. Cerrou os dentes com firmeza (sentia um corpo estranho, de sabor amargo, contra o céu da boca, e tinha a impressão que isso lhe ocupava a boca inteira) e recusou-se à entrega: — Não, sinceramente. Por favor, não vale a pena.

E como ele continuasse a insistir, ela o segurou pelos pulsos e repetiu sua recusa; em seguida lhe disse (falava com pesar, mas sabia que precisava falar se quisesse ser obedecida) que era tarde demais para que dormissem juntos; lembrou-lhe a idade que tinha; disse que, se dormissem juntos, ele

sentiria por ela apenas desprezo e ela ficaria desesperada, porque o que ele lhe dissera sobre sua aventura era infinitamente belo e importante para ela; seu corpo era mortal e envelhecia, mas ela agora sabia que nele permaneceria alguma coisa de imaterial, alguma coisa que se assemelhava a um raio que continua a brilhar, mesmo depois que a estrela se apaga; e pouco importava se ela envelhecesse, desde que sua juventude continuasse intacta, presente em outro ser. — Você construiu para mim um monumento em sua memória. Não podemos permitir que ele seja destruído. Compreenda — disse ela para se defender. — Você não tem direito, você não tem direito.

II

Ele garantiu-lhe que continuava bela, que na realidade nada mudara, que sempre somos nós mesmos, mas sabia que mentia e que ela estava certa; conhecia muito bem sua excessiva sensibilidade em relação a coisas físicas; a repugnância, mais acentuada a cada ano, que ele sentia em relação aos sinais exteriores da decrepitude do corpo feminino, e que, nesses últimos anos, o levava a procurar mulheres cada vez mais jovens, no entanto, como ele constatava com amargura, cada vez mais vazias e idiotas. Sim, não podia haver nenhuma dúvida a esse respeito: se a persuadissem a dormir com ele, no final haveria a repulsa, e essa repulsa poderia macular não apenas o momento presente, mas a imagem de uma mulher amada há muito tempo, aquela imagem que conservava em sua memória como uma jóia.

Sabia de tudo isso, mas tudo isso eram apenas idéias, e as idéias nada podiam contra o desejo, que sabia apenas de uma coisa: a mulher cuja inatingibilidade e intangibilidade o haviam atormentado durante quinze anos, essa mulher estava ali; podia finalmente vê-la em plena luz, podia enfim, em seu corpo de hoje, decifrar seu corpo de antigamente, em seu rosto de hoje, decifrar seu rosto de outrora. Por fim poderia descobrir o que nunca pudera imaginar — sua mímica amorosa e seu espasmo amoroso.

Abraçou seus ombros e olhou-a nos olhos: — Não se defenda. Seria absurdo resistir.

Ela balançou a cabeça, porque sabia que não era absolutamente absurdo resistir-lhe, conhecia os homens e sua atitude com relação ao corpo feminino, sabia que, no amor, mesmo o idealismo mais fervoroso não consegue liberar a superfície do corpo de sua terrível materialidade; claro, ela ainda possuía uma silhueta realmente conveniente, que havia conservado suas proporções iniciais, e tinha ainda a aparência de uma mulher jovem, sobretudo quando estava vestida, mas sabia que, ao se despir, revelaria as rugas do pescoço e exibiria a longa cicatriz, seqüela de uma operação de estômago a que se submetera há dez anos.

E, à medida que retomava consciência de sua aparência física atual, esquecida alguns momentos antes, sentia subir das profundezas da rua até a janela do apartamento (que pensara ser suficientemente alto para defendê-la de sua própria vida) as angústias da manhã de hoje, e eis que essas angústias enchiam o quarto, pousavam sobre as reproduções emolduradas, sobre a poltrona, sobre a mesa, sobre a xícara de café vazia, e o rosto de seu filho comandava o cortejo; desde que o distinguiu, enrubesceu e procurou refúgio em algum lugar bem no fundo de si mesma: louca que estava, já queria se afastar do caminho que ele lhe traçara e que ela, até aquele momento, seguira com um sorriso e palavras entusiásticas; ia fugir (mesmo por um breve instante), e eis que devia docilmente retornar a esse caminho e reconhecer que era o único que lhe convinha. O rosto do filho era de tal maneira sarcástico que ela se sentia, na sua vergonha, tornar-se cada vez menor diante dele, a ponto de não ser mais, no cúmulo de sua humilhação, senão a cicatriz que tinha no estômago.

O dono da casa segurava-lhe os ombros e repetia: — Não faria sentido resistir —, e ela balançava a cabeça, mas de maneira inteiramente maquinal, pois seus olhos não viam mais o dono da casa, mas os traços de seu próprio rosto, de seu rosto mais jovem na face do filho inimigo, que ela detestava cada vez mais à medida que se sentia menor e mais humilhada: ouviu-o censurá-la pela sepultura desaparecida, e, do caos de sua memória, desprezando toda lógica, surgiu esta frase que ela lhe gritou ao rosto, com raiva: Os velhos mortos devem ceder lugar aos novos mortos, meu querido!

Ele não podia desconfiar por nada neste mundo que isso acabaria em repulsa, pois, no momento, até o olhar que lhe dirigia (olhar inquisidor e penetrante) não estava isento de uma certa repulsa mas, coisa estranha, isso não o incomodava, isso o excitava e estimulava, como se desejasse essa repulsa: nele a vontade do coito se aproximava da sede de repulsa; ao desejo de ler em seu corpo aquilo que ignorara por tanto tempo misturava-se o desejo de, ao mesmo tempo, sujar esse segredo recentemente decifrado.

De onde lhe vinha essa paixão? Tivesse ou não consciência, uma ocasião única apresentava-se a ele: sua visitante encarnava para ele tudo aquilo que não tivera, tudo que lhe escapara, tudo que lhe faltara, tudo aquilo cuja ausência lhe tornava insuportável sua idade presente, com seus cabelos que começavam a rarear e esse acerto de contas lamentavelmente vazio; e ele, consciente ou apenas suspeitando disso de modo vago, poderia agora privar de significação e de cor todas essas alegrias que lhe haviam sido recusadas (e cujas cores cruelmente berrantes tornavam sua vida tão tristemente incolor), poderia descobrir que elas eram irrisórias, que eram apenas aparência e decadência, que eram apenas poeira que paira no ar, e poderia vingar-se delas, humilhá-las, anulá-las.

— Não me resista — repetiu, tentando puxá-la para si.

Ela ainda tinha diante dos olhos os traços sarcásticos do filho, e disse, quando o dono da casa quis atraí-la com força para si: — Por favor, me dê um minuto —, e afastou-se; temia na realidade cortar o fio de suas idéias: os velhos mortos deviam ceder lugar aos novos mortos e os monumentos não serviam para nada, mesmo o monumento à sua própria memória que o homem que estava agora a seu lado reverenciara durante quinze anos não servia para nada, todos os monumentos não serviam para nada, para nada. Eis o que dizia ao filho em pensamento, olhando com satisfação vingativa para aquele rosto que se crispava e gritava: — Você nunca falou assim, mamãe! — Ela sabia muito bem que nunca falara assim, mas esse instante estava repleto de uma luz que tornava todas as coisas perfeitamente claras:

Diante da vida, ela não tinha nenhuma razão para dar preferência aos monumentos; seu próprio monumento não tinha mais valor algum para ela, a menos que pudesse explorá-lo nesse momento, abusivamente, para o bem de seu corpo desprezado; pois agradava-lhe o homem que estava sentado a seu lado, era moço e seria provavelmente (quase com certeza, na verdade) o último homem que lhe agradaria e que poderia ter, e só isso contava; se depois ela lhe inspirasse repulsa e arruinasse seu próprio monumento no pensamento dele, pouco se importava, porque esse monumento estava fora dela, como estavam fora dela o pensamento e a memória desse homem, e nada contava daquilo que estava fora dela. — Você nunca falou assim, mamãe! — Ouvia a exclamação do filho, mas não lhe dava atenção. Sorria.

— Você tem razão, por que deveria resistir? — disse ela docemente, e levantou-se. Depois começou a desabotoar a roupa com lentidão. A noite ainda estava longe. Dessa vez, o quarto estava inteiramente claro.



O DR. HAVEL DEZ ANOS DEPOIS



No dia em que o Dr. Havel partiu para fazer um tratamento numa estação de águas, sua bela mulher ficou com os olhos marejados de lágrimas. Eram sem dúvida lágrimas de compaixão (Havel sofria há algum tempo de uma doença da vesícula biliar, e sua mulher até então nunca o vira doente), mas é também verdade que a perspectiva de três semanas de separação despertava nela os tormentos do ciúme.

O quê? Como acreditar que uma atriz, bela, admirada e muito mais jovem, tivesse ciúme de um senhor envelhecido que, há muitos meses, não saía de casa sem levar no bolso um vidro de comprimidos para se prevenir contra dores traiçoeiras?

Era assim mesmo, no entanto, e ninguém a compreendia. Nem mesmo o Dr. Havel, que a julgara, por sua aparência, invulnerável e soberana; e ficara ainda mais encantado, há alguns anos, quando, ao conhecê-la melhor, descobrira sua simplicidade, sua natureza caseira, sua timidez. Era tão inesperado! E mais tarde, quando se casaram, a atriz nem por um instante se dera conta da vantagem que sua mocidade lhe proporcionava; estava como que enfeitiçada pelo amor e pela extraordinária reputação amorosa do marido, que lhe parecia sempre esquivo e inatingível, e, embora ele se esforçasse dia após dia para convencê-la com uma paciência infinita (e uma total sinceridade) de que não havia nem poderia nunca haver ninguém que a igualasse, ela era dolorosa e intensamente ciumenta; e apenas sua nobreza natural conseguia manter oculto esse sentimento detestável que era cada vez mais violento e fazia cada vez mais estragos.

Havel sabia tudo isso, e ora ficava sensibilizado, ora aborrecido, e às vezes sentia certo cansaço, mas, como a amava, fazia tudo para aliviar seus tormentos. Ainda dessa vez tentava ajudá-la: exagerava suas dores e a gravidade de seu estado, pois sabia que o medo que a mulher sentia ao pensar em sua doença era para ela um medo estimulante e reconfortante, mas que os temores que lhe inspiravam sua boa saúde (cheia de infidelidades e traições) a minavam; por isso muitas vezes dirigia a conversa para a Dra. Frantiska, que iria se ocupar dele durante o tratamento;

a atriz a conhecia, e a aparência de seu físico, perfeitamente bonachão e absolutamente estranho a toda imagem sensual, a tranqüilizava.

Quando o Dr. Havel, já dentro do ônibus, viu sua bonita mulher em pé na plataforma de embarque, os olhos marejados de lágrimas, sentiu na realidade uma sensação de alívio, pois o amor dessa mulher, embora agradável, lhe pesava. Contudo, na estação de águas as coisas não foram tão bem assim. Quando tomava as águas, com as quais devia inundar a carcaça três vezes ao dia, sentia dores, sentia-se cansado, e, quando encontrava mulheres bonitas sob as arcadas, constatava com pavor que se sentia velho e que não as desejava. A única mulher que lhe foi permitido ver até a saciedade foi a brava Frantiska, que lhe dava injeções, tomava-lhe a pressão, apalpava seu abdômen e o informava longamente do que se passava na estação de águas e sobre seus dois filhos, principalmente um deles, que Havel pensava ser parecido com ela.

Estava nesse estado de espírito quando recebeu uma carta da mulher. Ah, que desgraça! Dessa vez a dignidade da esposa não tinha conseguido manter fechada a cobertura sob a qual fermentava o ciúme. Era uma carta cheia de gemidos e queixas: não queria censurar-lhe nada, dizia ela, mas não conseguia pregar o olho à noite; sabia muito bem, dizia, que seu amor o incomodava, e imaginava sem esforço o quanto ele devia estar feliz por poder descansar longe dela; sim, compreendia muito bem que o aborrecia; sabia também que era muito fraca para mudar sua vida, sempre atravessada por multidões de mulheres; sim, sabia disso, não protestava, mas chorava e não conseguia dormir.

Quando o Dr. Havel terminou essa longa lista de lamentações, lembrou-se dos três anos perdidos durante os quais se havia esforçado pacientemente para se mostrar aos olhos da mulher sob os traços de um pecador arrependido e de um marido apaixonado; sentia um cansaço e um desespero imensos. Amassou a carta com raiva e jogou-a na cesta.

2

No dia seguinte, sentia-se melhor. A vesícula não o incomodava mais, e experimentou um desejo ligeiro mas nítido por diversas mulheres que viu de manhã passeando sob as arcadas. Infelizmente, esse modesto progresso

foi apagado por uma descoberta bem mais grave: essas mulheres passavam perto dele sem o menor sinal de atenção; para elas, ele se confundia com o cortejo doentio dos pálidos bebedores de água mineral...

— Está vendo? Você está melhorando — disse-lhe Frantiska, a doutora, depois de tê-lo auscultado pela manhã. — Não deixe de seguir rigorosamente o regime. Por sorte, as pacientes com quem você cruza sob as arcadas são velhas e doentes demais para perturbá-lo, o que é melhor, pois você precisa sobretudo de calma.

Havel enfiou a camisa dentro da calça; feito isso, ficou em pé diante de um pequeno espelho preso num canto, acima da pia, e observou com melancolia seu rosto. Disse com grande tristeza: — Você se engana. Já reparei que a maior parte das mulheres que passeiam sob as arcadas são velhas, mas há entre elas algumas moças muito bonitas. Só que nem olharam para mim.

— Quero acreditar em tudo o que você quiser, menos nisso! — retrucou Frantiska. E o Dr. Havel, desviando os olhos do triste espetáculo que via no espelho, mergulhou o olhar nos olhos crédulos e fiéis da doutora; sentia por ela uma imensa gratidão, mesmo sabendo muito bem que ela não fazia senão expressar a crença numa tradição, a crença no papel que estava acostumada a vê-lo representar (com uma nuance de desaprovação, mas mesmo assim com ternura).

Bateram então à porta. Frantiska abriu, apareceu a cabeça de um rapaz que se inclinava em atitude respeitosa. — Ah, é você! Eu o tinha esquecido completamente! — Deixou o rapaz entrar no gabinete de consulta e explicou a Havel: — Há dois dias que o redator-chefe do jornal local tenta encontrá-lo.

O rapaz começou desculpando-se com loquacidade por incomodar de maneira tão inoportuna o Dr. Havel e esforçou-se (com uma expressão desagradavelmente tensa) para assumir um tom descontraído: o Dr. Havel não devia ficar aborrecido porque a doutora revelara ao jornalista a sua presença, pois, de qualquer maneira, ele acabaria por descobri-lo; se necessário, até mesmo dentro de uma banheira de água com óxido de carbono; e o Dr. Havel também não devia ficar com raiva do jornalista por sua audácia, que era um atributo indispensável à profissão de jornalista, sem o qual o rapaz não poderia ganhar a vida. Depois falou longamente da

revista ilustrada que a estação de águas publicava uma vez por mês, e que em cada número continha uma entrevista com um doente célebre que estivesse fazendo um tratamento na estação; mencionou, a título de exemplo, vários nomes, entre os quais um membro do governo, uma cantora e um jogador de hóquei sobre o gelo.

— Veja só — disse Frantiska —, as moças bonitas das arcadas não se interessam por você, mas em compensação você interessa aos jornalistas.

— É uma triste decadência — disse Havel. Mas estava satisfeito com esse interesse; sorriu para o jornalista e rejeitou seu oferecimento com uma falta de sinceridade tão evidente quanto tocante: — No que me diz respeito, senhor, não sou nem membro do governo, nem jogador de hóquei, e ainda menos uma cantora. Claro, não quero subestimar meus trabalhos científicos, mas eles interessam mais aos especialistas do que ao grande público.

— Mas não é o senhor que quero entrevistar, doutor; nem mesmo pensei nisso — respondeu o rapaz com total franqueza. — É sua mulher. Ouvi dizer que ela viria visitá-lo durante o seu tratamento.

— Você está mais bem-informado do que eu — disse um tanto friamente o Dr. Havel; depois, aproximando-se do espelho, examinou mais uma vez seu rosto, que lhe desagradou. Abotoou a gola da camisa e calouse, enquanto o jovem jornalista se sentia invadido por um mal-estar crescente, que o fazia esquecer a audácia profissional tão orgulhosamente proclamada. Desculpou-se perante a doutora, desculpou-se perante Havel e sentiu-se aliviado quando se viu do lado de fora.

3

O jornalista era mais um estouvado do que um imbecil. Não dava a mínima importância à revista da estação de águas; mas, como era seu único redator, tinha que fazer tudo para encher todos os meses as vinte e quatro páginas com as fotos e as palavras indispensáveis. No verão, mal ou bem ele conseguia, pois a estação fervilhava de nomes famosos, muitas orquestras vinham dar concertos ao ar livre, e não faltavam notícias sensacionalistas. Em compensação, durante os meses chuvosos, as arcadas eram invadidas pelos moradores locais e pelo tédio, e era preciso aproveitar

todas as ocasiões. Por isso, quando soube na véspera que entre os hóspedes da estação estava o marido de uma atriz famosa, justamente aquela que atuava no novo filme policial que havia algumas semanas conseguia distrair os tristes freqüentadores do lugar, imediatamente farejou no ar a oportunidade e foi à caça.

Mas no momento sentia vergonha.

Na realidade, como duvidava sempre de si, ficava num estado de dependência servil em relação às pessoas com quem convivia, em cujo julgamento procurava, temeroso, a confirmação da própria identidade e valor. Ora, tinha a impressão de que o haviam achado lastimável, estúpido, enfadonho, e essa impressão era ainda mais penosa porque o homem que o julgara assim lhe parecia, à primeira vista, simpático. Foi por isso que, atormentado pela inquietação, telefonou no mesmo dia à doutora para perguntar quem era exatamente o marido da atriz, e soube que aquele senhor era não só uma sumidade no mundo médico, mas também um personagem muito famoso. Será que o jornalista nunca ouvira falar nisso?

O jornalista confessou que não e a doutora lhe disse com indulgência: — Claro, você ainda é uma criança. E felizmente para você, na especialidade em que o Dr. Havel se notabilizou, você não passa de um ignorante.

Quando compreendeu, depois de fazer outras perguntas a outras pessoas, que a especialidade a que a doutora tanto se referia só podia ser a arte erótica, domínio no qual, ao que parece, o Dr. Havel era inigualável em sua terra natal, sentiu vergonha de ter sido tachado de ignorante e de ter, além do mais, confirmado este julgamento pelo fato de nunca ter ouvido falar do Dr. Havel. E, como sempre sonhara em ser um conhecedor como aquele homem, ficou mortificado com a idéia de se haver comportado — justamente diante dele, diante de seu mestre — como um odioso imbecil. Lembrava-se de sua tagarelice, de suas brincadeiras estúpidas, de sua falta de tato, e não podia deixar de reconhecer humildemente a legitimidade do veredicto que julgara perceber no silêncio reprovador do mestre e no seu olhar ausente, fixado no espelho.

A estação de águas onde se passa esta história não é grande, e nela, querendo ou não, as pessoas se encontram muitas vezes por dia. Portanto, o jovem jornalista não teve trabalho em encontrar logo o homem em quem

pensava. Era fim de tarde e a multidão de hepáticos ia e vinha sob as arcadas. O Dr. Havel bebericava uma água malcheirosa num caneco de porcelana, e fazia pequenas caretas. O jovem jornalista aproximou-se dele e confusamente começou a apresentar desculpas. Não pensara, disse ele, que o marido da Sra. Havel, a célebre atriz, fosse ele, o Dr. Havel, mas um outro Havel; havia muitos Havel na Boêmia, e o jornalista, por infelicidade, não estabelecera relação entre o marido da atriz e o célebre médico, do qual evidentemente há muito tempo ouvira falar, não apenas como sumidade do mundo médico, mas também — podia sem dúvida se permitir dizê-lo — pelas mais diversas histórias e anedotas.

Não há nenhuma razão para se negar que o Dr. Havel, no mau humor em que estava, ouviu com prazer as palavras do rapaz, sobretudo a alusão às histórias e às anedotas, que o sabia muito bem estarem sujeitas, como o próprio homem, às leis do envelhecimento e do esquecimento.

— Você não precisa se desculpar — disse ele ao rapaz, e, como visse o embaraço do outro, pegou-o delicadamente pelo braço e convidou-o a acompanhá-lo num passeio sob as arcadas. — Nem vale a pena falar nisso — disse para acalmá-lo, mas, ao mesmo tempo, ele mesmo demorava-se a ouvir aquelas desculpas com complacência, e repetiu muitas vezes: — Quer dizer que você ouviu falar em mim. — E a cada vez um sorriso feliz se desenhava em seus lábios.

— Sim — concordou o jornalista com presteza. — Mas não imaginava absolutamente que o senhor fosse como é.

— E como imaginava que eu fosse? — perguntou o Dr. Havel com um interesse sincero; e como o jornalista, não encontrando nada para dizer, gaguejasse alguma coisa, disse com melancolia: — Sei. Ao contrário de nós, os personagens dos romances, das lendas ou das histórias engraçadas são feitos de uma matéria que não está sujeita ao desgaste da idade. Não, não quero dizer com isso que as lendas e as histórias engraçadas são imortais; é claro que elas também envelhecem, e seus personagens envelhecem com elas; só que envelhecem de maneira tal que seus traços não se modificam nem se adulteram, mas esmaecem, se apagam lentamente e acabam por se confundir com a transparência do espaço. É assim que vão desaparecer Pépé le Moko, e Havel, o Colecionador; mas também Moisés e Palas Atena ou São Francisco de Assis; e imagine que os traços de São Francisco vão esmaecer lentamente, e com eles os passarinhos que estão

pousados em seu ombro, o pavão que se esfrega em sua perna e o bosque de oliveiras que lhe empresta sua sombra; imagine que toda a sua paisagem vai lentamente se apagar com ele e se fundir com ele num azul consolador, enquanto eu, meu caro, tal como sou, nu, arrancado da lenda, vou desaparecer no pano de fundo de uma paisagem de cores implacavelmente berrantes e sob os olhos de uma juventude sarcasticamente viva.

O jornalista ficou ao mesmo tempo desconcertado e entusiasmado com a tirada de Havel e os dois homens passearam ainda um longo tempo na noite que começava a cair. Quando se separaram, Havel declarou que estava farto da comida do regime e que no dia seguinte gostaria de um bom jantar; perguntou ao jornalista se não aceitaria juntar-se a ele.

Claro que ele aceitou.

4

— Não conte à doutora — disse Havel quando se sentou à mesa em frente ao jornalista e pegou o cardápio —, mas tenho uma concepção original do regime: evito cuidadosamente todos os pratos que não me apeteçam. — Em seguida perguntou ao jornalista o que ele gostaria de tomar como aperitivo.

O redator não tinha o hábito de beber antes das refeições, mas não encontrando mais nada para dizer: — Uma vodca — respondeu.

O Dr. Havel pareceu descontente: — Vodca, isso cheira à alma russa! — disse ele.

— É verdade — disse o rapaz, e a partir desse momento sentiu-se perdido. Parecia um candidato diante de um júri. Não procurava dizer aquilo que pensava nem fazer aquilo que queria, mas esforçava-se para agradar aos examinadores; esforçava-se para adivinhar suas idéias, seus caprichos, seus gostos; desejava ser digno deles. Por nada no mundo teria admitido que seus jantares eram ruins e vulgares, que não tinha a menor idéia de qual vinho tomar com que carne. E o Dr. Havel o fazia sofrer, de modo involuntário, ao consultá-lo interminavelmente sobre a escolha do *hors-d'œuvre*, do prato principal, do vinho e do queijo.

Quando o jornalista constatou que o júri lhe dera uma nota má no exame oral de gastronomia, quis compensar essa perda com um zelo crescente e, durante uma pausa entre o *hors-d'œuvre* e o prato principal, examinou com atrevimento as mulheres presentes na sala do restaurante; em seguida tentou, com alguns comentários, demonstrar seu interesse e sua experiência. Mais uma vez se deu mal. Quando disse que uma mulher ruiva, que estava sentada duas mesas adiante, seria sem dúvida uma excelente amante, o Dr. Havel perguntou-lhe, sem maldade, o que o levava a afirmar tal coisa. O redator deu uma resposta vaga, e, quando o doutor o interrogou sobre suas experiências com as ruivas, embarçou-se em mentiras inverossímeis e calou-se rapidamente.

Quanto ao Dr. Havel, sentia-se à vontade e feliz sob os olhos cheios de admiração do jornalista. Mandou vir uma garrafa de vinho tinto para acompanhar a carne, e o rapaz, estimulado pelo álcool, fez uma nova tentativa para se mostrar digno dos favores do mestre; falou durante muito tempo de uma jovem que encontrara recentemente e que cortejava há umas duas ou três semanas com grande esperança de sucesso. Sua confissão não foi muito minuciosa, e o sorriso constrangido que apareceu em seu rosto, que por ambigüidade deliberada deveria dizer o que não fora dito, apenas expressava uma insegurança penosamente superada. Havel percebeu bem tudo isso e, movido pela simpatia, interrogou o jornalista sobre as mais diversas características físicas da referida jovem, para permitir que ele se estendesse sobre um assunto que lhe era caro e para que pudesse falar com mais desembaraço. Mas ainda dessa vez o rapaz fracassou; suas respostas foram incrivelmente vagas; mostrou-se incapaz de descrever com alguma precisão a forma geral do corpo da jovem, os diversos aspectos de sua anatomia e menos ainda seu caráter. Assim, o Dr. Havel acabou por sustentar toda a conversa, e, deixando-se pouco a pouco inebriar pelo prazer da noitada e pelo vinho, impôs ao jornalista um monólogo espirituoso feito de suas próprias lembranças, de suas anedotas e de suas frases de efeito.

O jornalista bebia lentamente seu vinho, escutava e, fazendo isso, era tomado por sentimentos contraditórios: antes de mais nada, sentia-se infeliz; sentia-se insignificante e idiota; parecia um aprendiz indigno diante de um mestre incontestável, e tinha vergonha de abrir a boca; mas ao mesmo tempo sentia-se feliz: sentia-se lisonjeado porque o mestre estava sentado à

sua frente, conversava com ele como colega e lhe confiava toda sorte de observações pessoais extremamente preciosas.

Como o discurso de Havel se prolongasse, o jovem teve vontade de abrir a boca também, de dar sua contribuição, de fazer coro, de mostrar seu espírito de equipe; por isso conduziu de novo a conversa para a namorada e perguntou confidencialmente a Havel se aceitaria encontrá-la no dia seguinte, para dizer como a julgava à luz de sua experiência; em outros termos (sim, foi esta a palavra que usou no seu entusiasmo), para *homologá-la*.

De onde lhe vinha essa idéia? Seria apenas uma idéia súbita nascida dos vapores do vinho e do desejo febril de dizer alguma coisa?

Por mais espontânea que fosse, o jornalista esperava com isso uma tripla vantagem:

— a conspiração envolvendo a avaliação comum e clandestina (com fins de homologação) criaria entre ele e o mestre um elo secreto, reforçaria a camaradagem entre os dois, a cumplicidade à qual aspirava o jornalista;

— caso o mestre desse sua aprovação (como o rapaz o esperava, pois ele próprio sentia grande atração pela referida jovem), estaria aprovando o rapaz por sua escolha, por seu gosto, e ele seria assim promovido, aos olhos do mestre, do nível de aprendiz ao nível de companheiro, e com isso cresceria de importância a seus próprios olhos;

— e por fim: a própria jovem teria mais valor aos olhos do rapaz, e o prazer que ele experimentava com a sua presença se transformaria, de um prazer fictício, em um prazer real (pois o rapaz às vezes tinha a impressão de que o mundo em que vivia era um labirinto de valores, cujo sentido só lhe aparecia de maneira extremamente confusa, e eles só poderiam se transformar, de valores aparentes em valores reais, depois de terem sido *verificados*).

5

Quando o Dr. Havel acordou no dia seguinte, sentiu a vesícula ligeiramente dolorida por causa do jantar da véspera; e quando olhou o relógio, percebeu que deveria estar na sessão de hidroterapia em meia hora

e que portanto deveria apressar-se, embora apressar-se fosse uma das coisas que mais detestava no mundo; e ao se pentear, viu no espelho um rosto que achou desagradável. O dia começava mal.

Não teve nem tempo de tomar seu café da manhã (isso também lhe pareceu mau sinal, pois fazia muita questão de seus hábitos de vida regulares); dirigiu-se às pressas ao prédio das teimas. Lá, entrou num longo corredor em que havia muitas portas; bateu numa delas e apareceu uma loura bonita de guarda-pó branco; ela fez um ar aborrecido para que ele compreendesse que estava atrasado e convidou-o a entrar. Havel começou a se despir numa cabine, atrás da divisória. — Como é? — ouviu ele depois de um instante. A voz da massagista, cada vez menos educada, aborrecia o Dr. Havel e o incitava à vingança. (Ora, há muitos anos o Dr. Havel conhecia somente uma forma de vingança contra as mulheres!) Portanto, tirou a cueca, encolheu a barriga, inflou o peito e quis sair da cabine; mas, em seguida, descontente com esse esforço indigno de sua pessoa, que lhe teria parecido tão ridículo em outro, deixou cair confortavelmente a barriga, e com displicência, única atitude que julgava digna de si, dirigiu-se para a grande banheira, mergulhando na água morna.

Enquanto isso, inteiramente indiferente ao seu peito e à sua barriga, a massagista girava as torneiras do painel de comando e, quando o Dr. Havel ficou estendido no fundo da banheira, ela lhe pegou a perna direita e lhe aplicou, sob a água, na sola do pé, a boca de um tubo do qual saía um violento jato de água. O Dr. Havel, que sentia cócegas, puxou a perna, e a massagista chamou-o à ordem.

Certamente não teria sido difícil, com uma boa palavra, uma conversa, uma pergunta espirituosa, forçar a loura a desistir de sua fria impolidez, mas Havel estava indignado demais e ofendido demais. Dizia para si mesmo que ela merecia um castigo e que não estava interessado em facilitar-lhe as coisas. Quando ela lhe aplicou o tubo na parte inferior da barriga, fazendo com que ele escondesse as partes sexuais com as mãos, por temer que o jato violento o machucasse, perguntou-lhe o que iria fazer naquela noite. Sem olhá-lo, ela indagou por que razão o emprego de seu tempo lhe interessava. Ele explicou que morava sozinho num quarto com uma só cama e queria que ela viesse encontrá-lo. — Acho que você se enganou de endereço — disse a loura, pedindo-lhe que se virasse de bruços.

Então o Dr. Havel ficou deitado de bruços no fundo da banheira, tendo que levantar o queixo para respirar. Sentia o jato violento massagear-lhe as coxas, e estava satisfeito com o tom certo que usara para dirigir-se à massagista. Pois o Dr. Havel sempre castigara as mulheres rebeldes, insolentes ou muito mimadas levando-as friamente, sem a menor ternura e quase em silêncio, para o seu divã, de onde as mandava embora também friamente. Foi-lhe preciso um instante para compreender que sem dúvida se dirigira à massagista com a frieza adequada e sem a menor ternura, mas que não a tinha levado, e sem dúvida não a levaria, para o seu divã. Compreendeu que fora rejeitado, e isso foi uma nova afronta. Ficou feliz quando se viu de novo na cabine, enrolado numa toalha de banho.

Depois, saiu depressa do prédio das termas e dirigiu-se ao painel de publicidade do cinema Le Temps onde estavam expostas três fotografias, das quais uma de sua mulher, que aparecia assustada, ajoelhada diante de um cadáver. O Dr. Havel contemplou aquele rosto terno, deformado pelo terror, e sentiu um amor sem limites e uma imensa nostalgia. Ficou um longo momento sem poder tirar os olhos da vitrina. Em seguida decidiu passar na casa de Frantiska.

6

— Por favor, peça uma ligação interurbana, preciso falar com minha mulher — disse ele, quando a doutora se despediu de seu paciente, convidando-o a entrar no gabinete de consulta.

— Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu — disse Havel. — Estou me sentindo sozinho.

Frantiska olhou-o com desconfiança, discou o número do interurbano e repetiu o número que Havel lhe dizia. Em seguida colocou o fone no gancho e disse: — Está se sentindo sozinho?

— E por que não? — respondeu Havel com mau humor. — Você é como minha mulher. Vê em mim o homem que deixei de ser há muito tempo. Tornei-me humilde, estou só, estou triste. Estou ficando velho. E posso lhe assegurar que não é nada agradável.

— Você devia ter filhos — respondeu-lhe a doutora. — Assim não pensaria tanto em si. Eu também estou ficando velha, mas nem penso nisso. Quando vejo meu filho crescer, fico pensando em como ficará quando for homem e não lamento os anos que passam. Sabe o que ele me disse ontem? "Para que servem os médicos se as pessoas morrem de qualquer jeito?" O que você me diz? O que responderia a isso?

Felizmente o Dr. Havel não teve de responder, pois o telefone estava tocando. Tirou o fone do gancho e quando ouviu a voz de sua mulher disse logo que estava triste, que não tinha ninguém com quem conversar, ninguém que tivesse vontade de olhar, que não agüentaria ficar sozinho.

Uma voz delicada se fez ouvir no aparelho, primeiro desconfiada, paralisada, quase gaguejante, mas que acabou por se acalmar um pouco sob a pressão das palavras do marido.

— Por favor, venha para cá, venha ao meu encontro assim que puder! — disse Havel ao telefone e ouviu a mulher responder que viria de bom grado, mas que tinha representação quase todos os dias.

— Quase todos os dias não é todos os dias — disse Havel, e ouviu-a responder que tinha folga no dia seguinte, mas que não sabia se valeria a pena vir por um dia.

— Como você pode dizer isso? — retrucou Havel. — Então não sabe como é precioso um dia numa vida curta?

— E você não está mesmo com raiva de mim? — perguntou a voz aguda e fraca no aparelho.

— Por que estaria?

— Por causa daquela carta. Você está com dores, e eu o fico aborrecendo com uma carta estúpida de mulher ciumenta.

O Dr. Havel derramou sobre o fone uma torrente de palavras ternas, e sua mulher anunciou (agora com uma voz enternecida) que viria no dia seguinte.

— Sabe, sinto inveja de você — disse Frantiska quando Havel desligou o telefone. — Você tem tudo. Amantes à vontade e ainda por cima um bom casamento.

Havel olhava a amiga que falava de inveja, mas que era, sem dúvida, boa demais para poder sentir inveja de quem quer que fosse, e teve pena dela, pois sabia que a alegria dada pelas crianças não pode substituir outras alegrias, e que uma alegria que tem a obrigação de substituir outras alegrias torna-se rapidamente uma alegria gasta.

Em seguida foi almoçar, depois do almoço fez a sesta e ao acordar lembrou-se de que o jovem jornalista o esperava no café para apresentar-lhe a namorada. Então, vestiu-se e saiu. Ao descer a escada do prédio das termas, viu na entrada, no vestiário, uma mulher alta que se assemelhava a um belo cavalo de corrida. Só faltava isso! Pois era justamente esse tipo de mulher que sempre fazia o Dr. Havel ficar maluco. A mulher do vestiário entregou o casaco à mulher alta e Havel adiantou-se para ajudá-la a enfiar a manga. A mulher parecida com um cavalo de corrida agradeceu distraidamente e Havel lhe disse: — Posso fazer mais alguma coisa pela senhora? — Sorriu-lhe, mas ela respondeu que não, sem sorrir, e saiu rapidamente do prédio.

Havel tomou isso como uma bofetada e, num estado de renovada solidão, partiu em direção ao café.

7

O jornalista estava instalado há muito tempo num compartimento ao lado da namorada (tinha escolhido um lugar de onde se podia ver a entrada) e não conseguia se concentrar na conversa que, em geral, corria entre eles alegre e ininterrupta. Estava em pânico por causa de Havel. Pela primeira vez, desde que conhecera a namorada, tentava observá-la com olho crítico, e enquanto ela falava (felizmente ela não parava de falar um segundo, e a ansiedade do rapaz passava despercebida), descobriu em sua beleza vários pequenos defeitos; ficou perturbado, mas logo se tranqüilizou com a idéia de que esses pequenos defeitos tornavam sua beleza mais interessante, que era justamente por causa desses defeitos que todo o seu ser lhe era tão próximo e familiar.

Pois o rapaz gostava muito da namorada.

Mas, se gostava tanto dela, por que cedera à idéia, tão humilhante para ela, de fazê-la *homologar* por um médico cínico? E mesmo se lhe concedermos circunstâncias atenuantes, admitindo, por exemplo, que isso era para ele apenas uma brincadeira, como uma simples brincadeira podia perturbá-lo a tal ponto?

Não era uma brincadeira. O rapaz não sabia realmente o que devia pensar da namorada, era de fato, incapaz de avaliar seu encanto e beleza.

Seria ele assim tão ingênuo e inexperiente que não podia distinguir uma mulher bonita de uma mulher feia?

Não, não era a tal ponto desprovido de experiência, já conhecera muitas mulheres e tivera com elas toda espécie de experiências, mas estivera sempre tão preocupado consigo mesmo que não se ocupara delas. Consideremos este notável detalhe: ele se lembrava exatamente de como estava vestido no dia em que saíra com fulana, sabia que no dia tal usara calças largas demais e que por isso se sentira infeliz, sabia que num outro dia usara um suéter branco com o qual dava a impressão de ser um esportista elegante, mas não se lembrava absolutamente de como estavam vestidas suas namoradas.

Sim, é na verdade notável: por ocasião de suas breves aventuras, dedicava-se diante do espelho a longos e minuciosos estudos de sua própria pessoa, enquanto tinha apenas uma percepção global e superficial de seus pares do sexo feminino; preocupava-se muito mais com a imagem que projetava nos olhos de sua parceira do que com a imagem que esta lhe oferecia. No entanto não era indiferente ao fato de que a jovem com quem saísse fosse bela ou não. Muito pelo contrário. Pois, além de ser visto pelos olhos da parceira, os dois eram vistos e julgados juntos pelos olhos dos outros (pelos olhos do mundo), e ele fazia muita questão de que o mundo ficasse satisfeito com sua namorada, sabendo que, na pessoa da namorada, sua escolha, seu gosto, seu nível — ele mesmo, portanto —, seriam julgados. Mas, precisamente porque se tratava do julgamento dos outros, não ousava muito fiar-se em seus próprios olhos; até então, ao contrário, tinha se contentado em dar ouvidos à voz da opinião pública e identificar-se com ela.

Mas o que era a voz da opinião pública comparada à voz de um mestre e conhecedor? Olhava com impaciência a entrada e, quando viu afinal a

silhueta do Dr. Havel através da porta de vidro, fingiu surpresa e disse à namorada que, por puro acaso, um homem importante que ele queria entrevistar nos próximos dias para a sua revista estava entrando no café. Foi ao encontro do Dr. Havel e levou-o para a sua mesa. A jovem, interrompida alguns instantes pelas apresentações, não tardou a reatar o fio de sua inesgotável loquacidade.

O Dr. Havel, rejeitado dez minutos antes pela mulher parecida com um cavalo de corrida, examinou demoradamente a jovem falante e entregou-se ainda mais ao seu mau humor. A garota não era uma beleza, mas era muito atraente, e não havia a menor dúvida de que o Dr. Havel (que era tido como a morte, que tudo pega) a pegaria ao menor sinal, com grande interesse. Ela possuía de fato certos traços marcantes pela sua ambigüidade estética: tinha na base do nariz uma porção de manchas douradas que podiam passar por uma aberração na brancura de sua pele, mas também por uma jóia natural sobre aquela brancura; era extremamente graciosa, o que podia ser interpretado como uma imperfeição em relação às proporções femininas ideais, mas também como a irritante delicadeza da criança persistindo num corpo de mulher; era excessivamente falante, o que poderia passar por uma penosa mania, mas também por uma feliz disposição que permitia a seu parceiro abandonar-se a seus próprios pensamentos sem o risco de ser surpreendido.

O jornalista observava discreta e ansiosamente o rosto do médico e, como esse rosto lhe parecesse perigosamente pensativo (o que não era de muito bom augúrio), chamou o garçom e pediu três conhaques. A jovem protestou, dizendo que não ia beber, depois se deixou pouco a pouco convencer de que podia e devia beber, e o Dr. Havel compreendeu com tristeza que aquela criatura esteticamente ambígua, que revelava numa torrente de palavras toda a simplicidade de sua alma, seria provavelmente seu terceiro fracasso do dia, se Fizesse uma tentativa, pois o Dr. Havel, outrora soberano como a morte, não era mais aquele que fora.

Em seguida o garçom trouxe os conhaques, os três ergueram os copos para brindar, e o Dr. Havel mergulhou nos olhos azuis da moça como nos olhos hostis de alguém que não lhe iria pertencer. E, quando tomou posse daqueles olhos, com todo o seu significado de hostilidade, devolveu-lhe essa hostilidade e não viu diante de si senão uma criatura desprovida de

toda ambigüidade estética: uma menina frágil, com o rosto manchado de sardas, insuportavelmente tagarela.

Embora essa metamorfose provocasse prazer no Dr. Havel, como lhe dava prazer o olhar do rapaz, que nele se fixava com uma interrogação ansiosa, essas alegrias eram bem pequenas comparadas com o abismo de amargura que se abria dentro dele. Pensou que fazia mal em prolongar aquele encontro, que não lhe podia proporcionar o menor prazer; tomou então a palavra, disse alguns gracejos encantadores diante do rapaz e da namorada, expressou sua satisfação em ter passado com eles um momento tão agradável, anunciou que estava sendo esperado e se despediu.

Quando o doutor chegou à porta de vidro, o rapaz bateu na testa e disse que tinha se esquecido por completo de marcar um encontro para a entrevista. Saiu precipitadamente do compartimento e alcançou Havel na rua. — Então, o que o senhor acha dela? — perguntou.

O Dr. Havel olhou por longo tempo nos olhos do rapaz, cuja impaciente admiração alegrava seu coração.

Mas o silêncio do Dr. Havel punha o jornalista aflito, e ele tomou a iniciativa: — Sei, não é nenhuma beleza.

— Certamente que não — disse Havel.

O jornalista baixou a cabeça: — Ela é um pouco tagarela. Mas, fora isso, é simpática.

— É, simpática — disse Havel. — Mas um cachorro também pode ser simpático, um canário ou um pato que corre desajeitadamente de um lado para o outro numa fazenda também. O que conta na vida não é ter o maior número possível de mulheres, porque isso é apenas um êxito aparente. Você deve, de preferência, cultivar uma exigência especial em relação a si mesmo. Lembre-se, meu amigo, que o verdadeiro pescador devolve à água os peixes pequenos.

O rapaz começou a se desculpar e afirmou que ele mesmo tinha sérias dúvidas em relação à namorada, o que aliás mostrara pelo fato de ter pedido a opinião do Dr. Havel.

— Isso não tem importância — disse Havel. — Não se aflija por tão pouco.

Mas o rapaz continuava se desculpando e se justificando, e acabou dizendo que no outono havia poucas mulheres bonitas na cidade e que se era obrigado a pegar o que se encontrava.

— Neste ponto, não estou de acordo com você — replicou Havel. — Vi aqui mulheres extremamente sedutoras. Mas vou lhe dizer uma coisa. Existe uma beleza visual da mulher que o gosto provinciano considera erroneamente como beleza. Ao lado disso, existe a verdadeira beleza erótica da mulher. Mas, claro, reconhecer à primeira vista esta beleza não é coisa fácil. É toda uma arte. — Em seguida estendeu a mão ao rapaz e afastou-se.

8

O jornalista estava desesperado: compreendia que era um incorrigível imbecil, perdido no deserto imenso (sim, ele o imaginava imenso e infinito) da própria juventude; compreendia que o Dr. Havel lhe concedera uma nota má; e pareceu-lhe, sem nenhuma dúvida possível, que sua namorada era insignificante, desinteressante e nada bonita. Quando voltou a se sentar ao lado dela, achou que todos os fregueses do café, assim como os dois garçons que se deslocavam continuamente entre as mesas, sabiam disso e o olhavam com uma piedade maldosa. Pediu a conta e explicou à namorada que tinha um trabalho urgente e por isso devia deixá-la. Ela se entristeceu e ele sentiu o coração apertar: mesmo sabendo que iria, como um verdadeiro pescador, jogá-la de novo na água, continuava, ainda assim, no fundo de seu ser (secretamente e com uma espécie de vergonha), a amá-la.

O dia seguinte não trouxe nenhuma melhora para o seu mau humor, e quando cruzou diante do edifício das termas com o Dr. Havel acompanhado de uma senhora elegante, cedeu a um sentimento de inveja que lhe pareceu quase raiva: a mulher era escandalosamente bela, e o Dr. Havel lhe fez um sinal alegre assim que o viu, com humor escandalosamente radioso, o que fez com que o jovem jornalista ficasse ainda mais infeliz.

— Quero lhe apresentar o redator-chefe da revista do lugar — disse Havel. — Procurou me conhecer só para ter uma oportunidade de encontrá-la.

Quando o rapaz compreendeu que estava diante de uma mulher que vira nas telas, seu embaraço só fez aumentar; Havel forçou-o a acompanhá-los, e o jornalista, não sabendo o que dizer, passou a explicar seu projeto de entrevista, completando-o com uma idéia nova: publicar em sua revista uma entrevista dupla com a Sra. Havel e com o doutor.

— Querido amigo — replicou Havel —, as conversas que tivemos foram agradáveis e, graças a você, interessantes. Mas, diga-me, por que publicá-las numa revista destinada a portadores de doenças do fígado e de úlceras do duodeno?

— Posso muito bem imaginar as conversas que vocês tiveram — ironizou a Sra. Havel.

— Falamos de mulheres — disse o Dr. Havel. — Encontrei nesse rapaz um parceiro e uma conversa de primeira ordem, e o querido companheiro de meus tristes dias.

A Sra. Havel virou-se para o rapaz: — Ele não o aborreceu?

O jornalista ficou feliz porque o doutor o chamara de seu querido companheiro e mais uma vez sua inveja cedeu lugar à gratidão. Fora ele que com certeza aborrecera o doutor; estava bem consciente de sua inexperiência e de sua falta de atrativos, de sua insignificância, terminou por acrescentar.

— Ah, meu querido — ironizou a atriz —, como você deve ter se gabado!

O jovem jornalista tomou a defesa do médico: — Não é verdade! A senhora diz isso porque não sabe o que é esta cidadezinha, o que é este buraco onde moro.

— Mas é uma bonita cidade — protestou a atriz.

— É para vocês, que ficam pouco tempo. Mas eu moro e vou continuar morando aqui. Sempre o mesmo círculo de pessoas que já conheço de cor. Sempre as mesmas pessoas, que pensam todas a mesma coisa e cujos pensamentos todos são apenas bobagens e lugares-comuns. É preciso que eu me dê bem com elas, queira ou não, e eu me adapto a elas, pouco a pouco, sem me dar conta! Que horror! Pensar que poderia me tornar uma delas! Pensar que poderia ver o mundo com seus olhos míopes!

O jornalista falava com um fervor crescente e a atriz acreditou perceber em suas palavras o sopro do eterno protesto da juventude; ficou emocionada, comovida, e disse: — Não, você não deve se adaptar. Não deve!

— Não devo — concordou o rapaz. — O doutor ontem me abriu os olhos. É preciso que eu saia de qualquer maneira do círculo vicioso deste lugar. Do círculo vicioso dessa estreiteza, dessa mediocridade. Preciso sair — repetiu o rapaz —, sair.

— Nós dissemos — explicou o Dr. Havel a sua mulher — que o gosto banal da província tem uma concepção falsa da beleza, e que essa concepção é essencialmente estranha ao erotismo, que ela é mesmo antierótica, ao passo que o encanto verdadeiro, o encanto erótico explosivo, permanece despercebido pelos que possuem esse gosto. Existem, em torno de nós, mulheres que poderiam fazer um homem conhecer as mais vertiginosas aventuras dos sentidos, e ninguém as enxerga.

— É isso mesmo — aprovou o rapaz.

— Ninguém as enxerga — retomou o médico — porque elas não correspondem às normas dos alfaiates locais; é que o encanto erótico se manifesta mais pela deformação do que pela regularidade; mais pelo exótico do que pela lindeza, mais pela originalidade do que por traços de manequim.

— É — aprovou o rapaz.

— Você conhece Frantiska? — perguntou Havel à mulher.

— Conheço — respondeu a atriz.

— E você sabe que muitos amigos meus dariam tudo que possuem para passar uma única noite com ela. Aposto minha cabeça como ninguém nesta cidade presta atenção a ela. Pois bem, diga-me, rapaz, você que a conhece, já reparou que Frantiska é uma mulher extraordinária?

— Não, realmente não! — disse o rapaz. — Nunca me ocorreu olhá-la como mulher!

— Isso não me espanta — disse o Dr. Havel. — Você não a considera nem bastante magra nem bastante tagarela. Ela não tem sardas suficientes!

— É isso — disse o rapaz com ar infeliz. — O senhor viu muito bem ontem até que ponto posso ser idiota.

— Mas alguma vez já reparou em seu andar? — continuou Havel. — Já reparou em como suas pernas são expressivas, quando ela anda? Meu caro, se você ouvisse o que dizem aquelas pernas, ficaria vermelho, e no entanto eu o conheço e sei que você não é nenhum santo.

9

— Você gosta muito de zombar dos inocentes — disse a atriz ao marido quando os dois ficaram a sós.

— Você sabe que em mim é um sinal de bom humor — disse ele. — E juro que essa é a primeira vez que isso me acontece desde que estou aqui.

Dessa vez o Dr. Havel não estava mentindo; quando o ônibus entrara na estação, de manhã, e ele vira pelo vidro sua mulher sentada, depois quando a vira sorridente ao descer, sentira-se feliz, e, como os dias precedentes tinham deixado intactas nele reservas inteiras de alegria, manifestara o dia inteiro sua alegria de maneira um pouco maluca. Os dois tinham passeado sob as arcadas, tinham devorado biscoitos redondos e açucarados, tinham passado em casa de Frantiska para escutar as últimas graças de seu filho, tinham dado com o jornalista o passeio descrito no capítulo anterior e tinham caçoado dos visitantes que davam seus passeios salutares nas ruas da estação de águas. Nessa ocasião o Dr. Havel notou que alguns transeuntes tinham os olhos fixos na atriz; ao virar-se, pôde constatar que eles paravam e se viravam para olhá-los.

— Reconheceram você — disse Havel. — Aqui as pessoas não sabem o que fazer e freqüentam o cinema com paixão.

— Isso o aborrece? — perguntou a atriz, que considerava um pecado a publicidade inerente a sua profissão, pois, como todos os que amam com amor verdadeiro, desejava um amor tranqüilo e discreto.

— Ao contrário — disse Havel, e riu. Em seguida os dois se divertiram por muito tempo com uma brincadeira infantil, adivinhando quais seriam os passantes que iriam reconhecê-la ou não, apostando sobre o número de pessoas que a reconheceriam na próxima rua. E as pessoas se viravam,

velhos senhores, camponeses, garotos, e também as poucas mulheres bonitas que, nessa temporada, faziam tratamento na estação de águas.

Havel, que vivia há alguns dias numa humilhante invisibilidade, deleitava-se com o interesse dos passantes e desejava atrair para si a maior parte possível desses raios; pegava a atriz pela cintura, segredava-lhe ao ouvido toda espécie de agrados e obscenidades, e ela apertava o seu corpo contra o dele, levantando em direção a seu rosto olhos cheios de felicidade. E Havel, sob tantos olhares, sentia que recuperava a visibilidade perdida, que seus traços indecisos tornavam-se perceptíveis e precisos, e estava de novo orgulhoso da alegria que lhe davam seu corpo, seus passos, todo o seu ser.

Passeavam assim, amorosamente abraçados, na rua principal da estação de águas, entre vitrinas, quando o Dr. Havel enxergou numa loja de acessórios de caça a massagista loura que o tratara de maneira tão ríspida na véspera; ela estava na loja vazia e conversava com a vendedora. — Venha — disse ele de repente à Sra. Havel. — Você é a criatura mais maravilhosa que conheço. Quero lhe dar um presente. — Pegou-a pela mão e entrou na loja.

As duas mulheres se calaram; a massagista olhou a atriz por um longo instante, depois Havel, por um breve momento, depois mais uma vez a atriz e de novo Havel; este percebeu o fato com satisfação, mas, sem dirigir a ela um só olhar, passou rapidamente em revista as mercadorias expostas: viu chifres de cervo, alforjes, carabinas, binóculos, bengalas, cestas para cachorro.

— O que o senhor deseja? — perguntou a vendedora.

— Um momento — disse Havel. Acabou descobrindo uns apitos sob o vidro do balcão e apontou-os com o dedo. A vendedora entregou-lhe um. Havel levou-o aos lábios, soprou, depois examinou-o de novo sob todos os ângulos e soprou uma vez mais, suavemente. — Excelente — disse ele à vendedora, colocando na sua frente as cinco coroas que ela pedira. Deu o apito à mulher.

A atriz via nesse presente uma daquelas criancices que tanto apreciava no marido, uma brincadeira, o sentido que ele tinha do absurdo, e agradeceu-lhe com um belo olhar amoroso. Mas Havel achou que não era suficiente e: — É assim que você me agradece um presente tão bonito? —

disse-lhe em voz baixa. A atriz deu-lhe um beijo. As duas mulheres não tiravam os olhos deles; seguiram-nos ainda com o olhar quando saíram da loja.

Depois disso eles retomaram o passeio pelas ruas e pelo jardim público, devoraram alguns filhotes, tocaram o apito, sentaram-se num banco e fizeram apostas, divertindo-se em adivinhar quantos passantes iriam olhar para trás. E à noite, quando entraram num restaurante, quase esbarraram com a mulher que parecia um cavalo de corridas. Ela pousou sobre eles um olhar atônito, por um longo instante sobre a atriz, mais brevemente sobre Havel, depois de novo sobre a atriz, e, quando tornou a olhar para Havel, cumprimentou-o com naturalidade. Havel por sua vez cumprimentou-a e, inclinando-se até o ouvido de sua mulher, perguntou-lhe em voz baixa se ela o amava. A atriz lançou-lhe um longo olhar amoroso e acariciou-lhe o rosto.

Depois sentaram-se a uma mesa, fizeram uma refeição leve (pois a atriz cuidava escrupulosamente do regime do marido), beberam vinho tinto (o único que o Dr. Havel podia beber), e a Sra. Havel teve seu momento de emoção. Inclinou-se para o marido, pegou-lhe a mão e disse que aquele fora um dos dias mais bonitos que tivera; confessou-lhe que havia ficado muito triste quando ele partira para a estação de águas; desculpou-se mais uma vez por ter-lhe escrito uma carta estúpida de mulher ciumenta e agradeceu-lhe por ter telefonado, pedindo que fosse ao seu encontro; disse que se sentiria sempre feliz de ir ao seu encontro, mesmo que fosse para vê-lo apenas um minuto; depois deu uma longa explicação, dizendo que a vida com Havel era para ela um tormento e uma incerteza a cada instante, como se Havel estivesse eternamente para abandoná-la, mas que, por essa mesma razão, cada dia era para ela uma alegria renovada, um renascer de seu amor, uma nova dádiva.

Depois subiram juntos para o quarto do Dr. Havel, e a alegria da atriz em pouco tempo atingiu o paroxismo.

Dois dias depois, o Dr. Havel foi à sessão de hidroterapia e voltou a atrasar-se, pois, para dizer a verdade, nunca chegava na hora. Foi recebido

pela mesma massagista loura, mas dessa vez ela não exibiu uma expressão severa; ao contrário, sorriu para ele e o chamou de *doutor*, e Havel concluiu que ela fora consultar sua ficha na secretaria do estabelecimento termal ou que andara indagando sobre sua pessoa. Percebeu esse interesse com satisfação e foi se despir atrás da divisória da cabine. Quando a massagista lhe avisou que a banheira estava cheia, saiu da cabine exibindo orgulhosamente o umbigo e estendeu-se com prazer na banheira.

A massagista girou a torneira no painel de comando e perguntou a Havel se sua senhora ainda estava com ele. Havel disse que não, e a massagista perguntou se ela apareceria brevemente num bom filme. Havel disse que sim, e a massagista levantou-lhe a perna direita. Como o jato lhe fazia cócegas na sola dos pés, a massagista sorriu e disse que o doutor parecia ter o corpo muito sensível. Depois continuaram a conversar, e Havel comentou que a vida ali era muito enfadonha. A massagista deu um sorriso eloqüente e disse que o doutor certamente sabia se arrumar para não se entediar. E quando se debruçou para aplicar-lhe o esguicho sobre o peito e Havel lhe elogiou os seios, dos quais, na posição em que ele estava, podia ver a parte superior, a massagista respondeu que o doutor sem dúvida já vira seios mais bonitos.

Dessa conversa, Havel concluiu que a breve estada de sua mulher o havia metamorfoseado totalmente aos olhos dessa gentil jovem musculosa; que ele havia de súbito adquirido encanto e poderes novos; melhor ainda, que seu corpo era para ela o veículo que lhe permitiria ter uma ligação secreta com uma atriz de renome, igualando-se a uma mulher famosa para a qual todos os olhares se voltavam. Havel compreendeu que tudo lhe seria permitido, que tudo já lhe fora prometido por antecipação, em silêncio.

Uma coisa, porém, acontece com muita freqüência na vida! Quando estamos satisfeitos, recusamos de bom grado e com soberba as oportunidades que nos são oferecidas, confirmando assim nossa feliz saciedade. Bastou que a jovem mulher loura desistisse de seu ar arrogante, que tivesse a voz doce e o olhar humilde, para que o Dr. Havel não a desejasse mais.

Depois, ele teve que se virar de barriga para baixo, manter o queixo fora da água e se deixar atingir dos pés à cabeça por um jato violento. Essa atitude parecia-lhe a atitude religiosa da penitência e da ação de graças: pensava em sua mulher, como era bela, como ele a amava, e como ela o

amava, e que ela era a sua estrela da felicidade, que lhe granjeava os favores da fortuna e das jovens musculosas.

Quando a massagem terminou e ele ficou de pé para sair da banheira, a massagista de pele úmida pareceu-lhe de uma beleza tão sadia e tão saborosa, e seu olhar tão humildemente submisso, que teve vontade de inclinar-se na direção em que adivinhava, ao longe, sua mulher. Pois parecia-lhe que o corpo da massagista estava colocado de pé sobre a mão da atriz e que essa mão lhe era estendida como uma mensagem de amor, como uma dádiva. E veio-lhe a idéia de que sua mulher ficaria sentida se ele recusasse esse presente, essa terna atenção. Sorriu para a jovem suarenta e disse-lhe que lhe reservara a noite e que a esperaria às sete horas na Fourche. A jovem aceitou e o Dr. Havel se enrolou numa grande toalha de banho.

Quando estava vestido e penteado, constatou que seu humor era extraordinariamente bom. Tinha vontade de conversar e passou na casa de Frantiska, para quem essa visita veio a calhar, pois ela também estava muito bem-disposta. Ela conversou sobre coisas sem importância, pulando de um assunto para outro, mas voltando com frequência ao assunto que haviam abordado em seu último encontro: tratava-se de sua idade, e, com frases ambíguas, ela tentava sugerir que não se devia capitular diante do número de anos, que o número de anos nem sempre era uma desvantagem, e que é uma sensação absolutamente maravilhosa descobrir de súbito que se pode tranqüilamente falar de igual para igual com gente mais moça. — E os filhos não são tudo — disse ela à queima-roupa. — Você sabe como gosto de meus filhos, mas há outras coisas na vida.

As reflexões de Frantiska nem por um segundo saíram dos limites da abstração, e, para um leigo, não passariam de simples palavrório. Só que Havel não era um leigo e adivinhou o sentido que se ocultava por trás daquelas palavras. Pensou que sua felicidade era apenas um elo numa longa cadeia de felicidades, e, como tinha o coração generoso, seu bom humor tornou-se ainda maior.

Sim, o Dr. Havel via com clareza: o jornalista foi à casa da doutora no mesmo dia em que seu mestre a elogiou. No fim de algumas frases, descobriu em si uma audácia que o surpreendeu e disse-lhe que ela lhe agradava, que queria vê-la. A doutora teve medo e, com voz hesitante, disse-lhe que era mais velha do que ele e que tinha filhos. Com essa resposta, o jornalista sentiu crescer sua segurança e não teve nenhuma dificuldade em encontrar palavras para dizer: afirmou que a doutora possuía uma beleza secreta que era mais preciosa do que aquilo que se chamava habitualmente de beleza; elogiou seu andar e disse que suas pernas falavam quando ela andava.

E dois dias depois, na hora em que o Dr. Havel chegava tranqüilamente à Fourche e avistava de longe a moça loura e musculosa, o jornalista percorria com impaciência sua estreita mansarda; estava quase certo do sucesso, mas temia ainda que um erro ou acaso pudesse atrapalhá-lo: abria a porta a todo instante e olhava para baixo, para o vão da escada. Finalmente a viu.

O cuidado com que a doutora se vestira e se maquilara quase fazia esquecer a aparência familiar daquela mulher de calça branca e blusa branca; em sua perturbação, o rapaz dizia a si mesmo que o encanto erótico de Frantiska, que até então ele apenas pressentira, estava ali diante dele, quase impudicamente desnudado, e sentiu-se invadido pela timidez que o respeito provoca; para superá-la, pegou a doutora nos braços antes mesmo de fechar a porta e pôs-se a beijá-la com violência. Ela se assustou com a rapidez e pediu que ele a deixasse sentar. Ele consentiu, mas logo se sentou a seus pés, beijando-lhe as meias acima dos joelhos. Ela pôs a mão nos cabelos dele e tentou afastá-lo com delicadeza.

Vamos ouvir o que ela dizia: primeiro repetia muitas vezes: — Você tem que se comportar, você tem que se comportar, prometa que vai se comportar. — Quando o rapaz lhe disse: — Está bem, está bem, vou me comportar — ao mesmo tempo em que subia cada vez mais com os lábios sobre o tecido rugoso da saia, ela disse: — Não, não, isto não —, e, quando ele os pousou ainda mais acima, ela começou subitamente a tratá-lo num tom mais íntimo, afirmando: — Como você é ardente, como você é ardente!

Essa afirmação resolveu tudo. O rapaz não encontrou mais resistência. Estava transportado; entusiasmado consigo mesmo, entusiasmado com a rapidez de seu próprio sucesso, entusiasmado com o Dr. Havel, cujo gênio estava presente nesse quarto e tomava conta dele, entusiasmado com a nudez da mulher deitada sob seu corpo num enlace amoroso. Queria ser um mestre, queria ser um virtuose, queria demonstrar sua sensualidade, sua voracidade. Levantou-se ligeiramente para examinar com um olhar ávido o corpo estendido da doutora, e sussurrou: — Você é linda, você é esplêndida, é esplêndida...

A doutora escondeu a barriga com as duas mãos e disse: — Proíbo que você caçoe de mim...

— O que está dizendo? Eu não estou caçoando! Você é esplêndida!

— Não me olhe — disse ela, apertando seu corpo contra o dele para que ele não a visse. — Tive dois filhos. Você sabia?

— Dois filhos? — repetiu o rapaz sem compreender.

— Dá para perceber. Não quero que você me olhe.

Esse comentário esfriou um pouco o ardor inicial do rapaz e ele teve dificuldade em retomar o grau de excitação apropriado; para melhor consegui-lo, tentou alimentar com palavras a embriaguez que diminuía e murmurou no ouvido da doutora que era bom que ela estivesse ali com ele, nua, nua, toda nua.

— Você é gentil, incrivelmente gentil — disse a doutora.

O rapaz falou novamente da nudez da doutora e perguntou-lhe se para ela também era excitante estar ali com ele, nua.

— Você é uma criança — disse a doutora. — Claro que é excitante! — Mas acrescentou, depois de um breve silêncio, que tantos médicos já a tinham visto nua que isso se tornara banal. — Mais médicos do que amantes — disse ela, e falou de seus partos difíceis. — Mas valia a pena. — E concluiu: — Tive dois lindos filhos. Tão lindos, tão lindos!

Uma vez mais, a excitação conseguida com dificuldade abandonava o jornalista; ele tinha a impressão de estar no café, conversando com a doutora diante de uma xícara de chá. Ficou revoltado; recomeçou a amá-la com movimentos ávidos e tentou atrair-lhe o interesse para considerações

mais sensuais: — A última vez que fui à sua casa, você sabia que iríamos dormir juntos?

— E você? Você sabia?

— Eu *queria* — disse o jornalista —, eu *queria* tanto! — E colocou na palavra "queria" uma paixão imensa.

— Você é como meu filho — disse a doutora em seu ouvido. — Ele também quer ter tudo. Eu sempre pergunto a ele: "Você não quer um relógio que lance jatos de água?"

Era assim que faziam amor; a doutora falava e estava encantada com a conversa.

Depois, quando estavam sentados lado a lado no divã, nus e exaustos, a doutora acariciou o jornalista nos cabelos, dizendo: — Você tem um topete igual ao dele.

— Igual ao de quem?

— Meu filho.

— Você fala o tempo todo do seu filho — observou o jornalista numa tímida reprovação.

— Sabe — disse orgulhosamente a doutora —, ele é o queridinho da mamãe, o queridinho da mamãe.

Em seguida levantou-se e vestiu-se. E de repente, naquele pequeno quarto de rapaz, teve a impressão de ser uma jovem, uma mulher muito jovem, e sentiu-se maravilhosamente bem. No momento de partir, apertou o jornalista em seus braços. Tinha os olhos cheios de lágrimas de gratidão.

12

Depois de uma bela noite, começava um belo dia para o Dr. Havel. Durante o café da manhã trocara algumas palavras promissoras com a mulher que parecia um cavalo de corrida e, às dez horas, quando voltou de seu tratamento, uma carta de amor de sua mulher o esperava no quarto. Foi passear então sob as arcadas, no cortejo dos que freqüentavam as águas; segurava entre os lábios o caneco cheio de água da fonte e irradiava bem-

estar. As mulheres que dias antes passavam sem perceber sua presença tinham os olhos fixos nele, e ele inclinava-se ligeiramente para cumprimentá-las. Quando viu o jornalista, abordou-o em tom jovial: — Passei na casa da doutora ainda há pouco e, de acordo com certos sinais que não podem escapar a um bom psicólogo, tenho a impressão de que você foi bem-sucedido!

O rapaz não tinha desejo maior do que o de se abrir com o mestre, mas a maneira como transcorrera a noite anterior o deixava perplexo; não tinha tanta certeza de que a noite tivesse sido tão boa quanto deveria; e não sabia se um relato preciso e fiel aumentaria ou diminuiria o seu prestígio com o Dr. Havel. Perguntava a si mesmo o que deveria revelar ou esconder do médico.

Mas, quando viu o rosto do Dr. Havel, radiante de impudor e de alegria, só pôde responder no mesmo tom alegre e impudico, e fez em termos entusiásticos o elogio da mulher que o Dr. Havel lhe recomendara. Disse que ficara encantado desde que começara a enxergá-la com olhos diferentes dos da província, contou que ela aceitara ir até a casa dele e que se entregara sem a menor resistência.

Quando o Dr. Havel começou a fazer diversas perguntas, diretas ou indiretas, a fim de analisar o problema sob todos os ângulos, o rapaz, em suas respostas, querendo ou não, teve de chegar cada vez mais perto da realidade, e reconheceu que, se em todos os sentidos estava muito satisfeito com sua noitada, tinha porém de reconhecer que não sabia o que pensar da conversa que tivera com a doutora durante o amor.

O Dr. Havel ficou muito interessado e quando o jornalista, a seu pedido, lhe repetiu o diálogo com detalhes, ele pontuou o relato com exclamações entusiásticas: — Excelente! Perfeito! Ah, esse eterno coração de mãe! — E: — Eu invejo você, meu caro amigo!

Nesse momento, a mulher que parecia um cavalo de corrida veio se plantar em frente aos dois homens. O Dr. Havel inclinou-se e a mulher alta estendeu-lhe a mão. — Desculpe — disse ela —, eu me atrasei um pouco.

— Não tem importância — disse o Dr. Havel. — Estou numa discussão muito interessante com meu amigo. Peço que me desculpe um minuto, gostaria de terminar esta conversa.

E, sem soltar a mão da mulher alta, virou-se para o jornalista: — Caro amigo, o que você acaba de me dizer ultrapassa todas as minhas expectativas. Pois é preciso compreender que o prazer do corpo, abandonado a seu mutismo, é de uma terrível monotonia; uma mulher imita a outra no prazer, e nele uma faz esquecer a outra. No entanto, se nos atiramos aos prazeres do amor é para que nos lembremos deles. Para que seus pontos luminosos unam com um traço radioso nossa juventude à idade avançada. Para que alimentemos nossa memória com uma chama eterna! E saiba, meu amigo, que uma só palavra pronunciada nesse instante, o mais banal de todos, pode iluminá-lo com uma luz que o torna inesquecível. Dizem que sou um colecionador de mulheres. Na realidade sou mais um colecionador de palavras. acredite, você não esquecerá jamais a cena de ontem, e ficará feliz com ela o resto de sua vida!

Depois fez um sinal com a cabeça para o rapaz, estendeu o braço à mulher alta parecida com um cavalo de corrida e afastou-se lentamente com ela pela alameda dos freqüentadores das águas.



EDUARDO E DEUS



Podemos começar o relato das aventuras de Eduardo na pequena casa de seu irmão mais velho, no campo. O irmão estava estendido no divã e dizia a Eduardo: — Pode ir procurar sem medo essa mulher. Ela é, sem dúvida, uma ordinária, mas acho que mesmo essas pessoas têm uma consciência. Justamente por ter feito, em outros tempos, uma sujeira comigo, talvez agora fique contente em lhe fazer um favor, para compensar o erro passado.

O irmão de Eduardo era sempre o mesmo: um rapaz simpático e preguiçoso. Sem dúvida estava também estendido no divã, em sua mansarda de estudante, isso há já alguns anos (Eduardo era então um garoto), no dia da morte de Stalin, quando ficara em sua casa vadiando e cochilando; no dia seguinte fora para a faculdade sem desconfiar de nada, e vira uma de suas condiscípulas, a camarada Cechackova, plantada no meio do vestibulo, numa imobilidade pomposa, semelhante à estátua da dor; deu três voltas em torno da moça e afastou-se rindo às gargalhadas. A moça, ofendida, qualificou esse riso de provocação política, e o irmão de Eduardo teve de abandonar os estudos e ir trabalhar numa pequena cidade onde tinha agora uma casinha, um cachorro, uma mulher, dois filhos e até mesmo um chalé para fins de semana.

No momento, estava estendido no divã, nessa casa no campo, e explicava a Eduardo: — Era chamada de o braço vingador da classe trabalhadora. Mas não se deixe intimidar por isso. Hoje é uma mulher madura, e sempre teve um fraco pelos garotões. Estou certo de que ela vai lhe facilitar as coisas.

Eduardo era muito jovem nesse tempo. Acabara de concluir seus estudos na escola normal (a mesma de onde seu irmão tinha sido expulso) e procurava um emprego. Seguindo o conselho do irmão, foi no dia seguinte bater à porta da sala da diretora. Encontrou uma mulher grande, ossuda, com cabelos negros e oleosos de cigana, olhos negros, e um buço preto sob o nariz. Essa feiúra poupou-lhe o medo que sempre sentia, na juventude, em presença da beleza feminina, de maneira que pôde conversar com ela sem se perturbar, com toda a gentileza e toda a galanteria desejadas. A diretora

ficou visivelmente satisfeita com esse tom e afirmou diversas vezes, com fervor perceptível: — Precisamos de gente jovem aqui. — Prometeu que apoiaria a candidatura de Eduardo.

2

Foi assim que Eduardo se tornou professor numa pequena cidade da Boêmia. Não ficou nem satisfeito nem aborrecido com isso. Procurava sempre fazer distinção entre o sério e o não-sério, e enquadrava sua carreira de professor na categoria do *não-sério*. Não que a profissão de professor em si mesma fosse desprovida de importância (aliás, levando em conta o fato de que precisava ganhar a vida, ele a valorizava muito, pois não poderia ganhar a vida de outra maneira), mas a considerava fútil em relação à essência de sua pessoa. Não a escolhera. Essa profissão lhe fora imposta pela pressão social, as avaliações dos dirigentes em seu histórico, os atestados do liceu, os resultados do concurso de admissão. Pela ação conjugada dessas forças, ele fora enviado do liceu à escola normal (assim como um guindaste larga um saco em cima de um caminhão). Inscrevera-se nela a contragosto (a expulsão do irmão era de mau augúrio), mas afinal se resignara. Compreendia no entanto que sua profissão fazia parte dos acasos de sua vida. Que iria colar-se à sua pele como um bigode postiço que se presta ao riso.

Mas, se uma coisa *obrigatória* é uma coisa não-séria (que se presta ao riso), o sério é sem dúvida aquilo que é *facultativo*: em sua nova cidade, Eduardo logo encontrou uma moça que achou bonita, e começou a se dedicar a ela com uma seriedade quase sincera. Chamava-se Alice e, como pôde perceber com grande tristeza a partir dos primeiros encontros, era extremamente virtuosa e reservada.

Fez várias tentativas, durante seus passeios à tarde, para abraçar seus ombros de maneira que roçasse por trás a ponta de seu seio direito e, a cada vez, ela agarrava-lhe a mão, afastando-a. Uma noite em que ele repetia mais uma vez essa tentativa, tendo sua mão mais uma vez afastada, ela parou e disse: — Você acredita em Deus?

Os ouvidos sensíveis de Eduardo perceberam nessa pergunta uma discreta insistência, e logo esqueceu o seio.

— Acredita? — Alice repetiu a pergunta, e Eduardo não encontrou nada para responder. Não o censuremos por não ter a coragem da franqueza. Sentia-se abandonado demais nessa cidade em que era um recém-chegado, e Alice lhe agradava demais para que se arriscasse a perder sua simpatia com uma única e simples resposta.

— E você? — perguntou para ganhar tempo.

— Eu acredito — disse Alice e insistiu mais uma vez para que ele respondesse.

Até o momento, nunca lhe ocorrera a idéia de acreditar em Deus, mas sabia que não devia confessar isso; muito pelo contrário, devia aproveitar a ocasião e fazer de sua fé um belo cavalo de madeira em cujo ventre pudesse esconder-se, de acordo com o exemplo antigo, para se introduzir em seguida, discretamente, no coração da moça. Só que Eduardo era incapaz de dizer simplesmente a Alice: — Sim, acredito em Deus. — Não tinha nada de cínico e sentia vergonha de mentir; a simplicidade brutal da mentira lhe repugnava; se a mentira era indispensável, pelo menos queria que ela tivesse a maior semelhança possível com a verdade. Então, respondeu com uma voz que traía um grande esforço de reflexão:

— Não sei bem como devo responder a essa pergunta, Alice. Claro que acredito em Deus, mas... — Fez uma pausa e Alice levantou para ele uns olhos surpresos. — Mas quero ser inteiramente franco com você. Será que posso ser inteiramente franco com você?

— Pode e deve — respondeu Alice. — Sem isso não há razão para estarmos juntos.

— Verdade?

— Verdade — disse Alice.

— Às vezes tenho dúvidas — disse Eduardo com voz sufocada. — Às vezes me pergunto se Ele realmente existe.

— Mas como você pode duvidar? — perguntou Alice, quase gritando.

Eduardo calou-se e depois de um instante de reflexão pensou no argumento clássico: — Quando vejo tanta infelicidade à minha volta, muitas vezes me pergunto se é possível existir um Deus que permita tudo isso.

Disse isso com uma voz tão compungida que Alice lhe segurou a mão: — Sim, é verdade, há muita infelicidade aqui embaixo. Sei disso muito bem. Mas é justamente por isso que é preciso acreditar em Deus. Sem ele, todo esse sofrimento seria em vão. Nada teria sentido. E eu não poderia mais viver.

— Talvez você tenha razão — disse Eduardo com ar sonhador, e acompanhou-a à igreja no domingo seguinte. Umedeceu os dedos na pia de água benta e fez o sinal-da-cruz. Em seguida a missa começou, as pessoas cantaram, e ele cantou com os outros um cântico religioso do qual conhecia vagamente a melodia e ignorava a letra. Decidiu então substituir as palavras por diversas vogais, e atacava cada nota com uma fração de segundo de atraso, pois não conhecia tão bem assim a melodia. Mas, quando verificou que cantava certo, abandonou-se ao prazer de fazer ressoar sua voz, pois, pela primeira vez na vida, acabava de perceber que tinha uma bela voz de baixo. Depois disso, rezou-se o Padre-Nosso, e algumas velhas senhoras se ajoelharam. Ele não pôde resistir à tentação e, por sua vez, ajoelhou-se no chão. Fez o sinal-da-cruz com gestos exagerados e, fazendo-o, sentiu uma sensação maravilhosa ao pensar que podia fazer uma coisa que nunca tinha feito na vida, que não podia fazer nem em sala de aula, nem na rua, nem em lugar algum. Sentiu-se maravilhosamente livre.

Quando tudo terminou, Alice olhou-o com olhos ardentes e: — Você pode ainda dizer que duvida que Ele exista? — perguntou.

— Não — respondeu Eduardo.

E Alice falou: — Gostaria de ensinar-lhe a amá-lo como eu O amo.

Os dois estavam parados nos largos degraus do átrio, e a alma de Eduardo estava cheia de felicidade. Infelizmente para ele, nesse exato momento a diretora passava nas proximidades e avistou-os.

3

Ele estava em maus lençóis. Devemos, na verdade, lembrar (para aqueles que por acaso desconheçam o pano de fundo histórico dessa história) que nessa época não era proibido freqüentar igrejas, mas de qualquer forma não deixava de haver certo perigo em fazê-lo.

Isso não é tão difícil de compreender. Aqueles que lutaram pelo que chamam de revolução têm grande orgulho: *o orgulho de estarem do lado bom da linha de frente*. Dez ou doze anos depois (é aproximadamente nesse período que se situa nosso relato), a linha de frente começa a desaparecer, e com ela o seu lado bom e o seu lado mau. Não é, portanto, de surpreender que os antigos partidários da revolução se sintam frustrados e procurem com impaciência frentes de *substituição*. Graças à religião, eles podem (em seu papel de ateus lutando contra os crentes) levantar-se de novo em toda a sua glória, sempre do lado bom da barricada, e guardar intata a ênfase habitual e preciosa de sua altiva superioridade.

Mas, para falar a verdade, essa frente de substituição era também uma sorte para os outros, dos quais Alice — não é cedo para revelá-lo — fazia parte. Da mesma forma que a diretora queria estar do lado *bom*, Alice queria estar do lado *oposto*. A loja de seu pai tinha sido nacionalizada durante os chamados dias revolucionários, e Alice detestava aqueles que lhe tinham feito esse mal. Mas como poderia ela manifestar seu ódio? Deveria pegar uma faca e vingar seu pai? Não se fazia esse tipo de coisa na Boêmia. Alice tinha um meio melhor de manifestar sua oposição: começou a acreditar em Deus.

É assim que Deus vinha em socorro das duas facções (que sem isso quase não teriam razões válidas para tomar partido), e, graças a Ele, Eduardo foi apanhado num fogo cruzado.

Na segunda-feira de manhã, quando a diretora veio vê-lo na sala dos professores, Eduardo se sentia muito constrangido. Na verdade, não podia invocar o clima amistoso de seu primeiro encontro, pois desde aquele dia (por ingenuidade ou negligência) nunca mais retomara o fio de sua conversa galante. A diretora pôde então lhe perguntar com um sorriso ostensivamente frio:

— Nós nos vimos ontem, não foi?

— Sim, nós nos vimos — disse Eduardo.

— Não compreendo como um rapaz como você pode ir à Igreja — prosseguiu a diretora. Eduardo levantou os ombros com ar desconcertado, e a diretora balançou a cabeça: — Um homem jovem.

— Fui conhecer o interior barroco da catedral — disse ele para se desculpar.

— Ah, é isso? — disse ironicamente a diretora. — Não sabia que você se interessava por arquitetura.

Essa conversa não agradou nem um pouco a Eduardo. Lembrou-se de que seu irmão tinha dado três voltas em torno da colega e depois se afastara às gargalhadas. As desventuras familiares pareciam se repetir, e ele teve medo. No sábado telefonou a Alice para se desculpar e disse-lhe que não iria à igreja porque estava resfriado.

— Você é bem manhoso — disse Alice num tom de censura quando eles se viram de novo na semana seguinte, e Eduardo teve a impressão de que faltava sensibilidade às palavras da moça. Começou então a falar (por enigmas e de modo vago, pois tinha vergonha de confessar seu medo e seus verdadeiros motivos) das misérias a que o submetiam na escola e da terrível diretora que o perseguia sem razão. Queria despertar nela a piedade e a compaixão, mas Alice lhe disse:

— Pois, comigo, minha chefe é ótima! — E começou a contar, às gargalhadas, histórias de seu trabalho. Eduardo escutava sua alegre tagarelice e ia ficando cada vez mais triste.

4

Senhoras e senhores, foram semanas de sofrimento! Eduardo sentia um desejo infernal por Alice. Seu corpo o excitava e esse corpo era absolutamente inacessível. Igualmente lúgubre era o cenário no qual aconteciam seus encontros: os dois vagavam uma hora ou duas pelas ruas escuras ou então iam ao cinema; a banalidade e as insignificantes possibilidades eróticas dessas duas variantes (não existiam outras) incitavam Eduardo a pensar que talvez obtivesse sucessos mais marcantes junto a Alice se pudesse encontrá-la em outro ambiente. Propôs então, com ar cândido, que ela fosse passar com ele um fim de semana no campo, na casa de seu irmão, que tinha um chalé à beira de um rio, num vale arborizado. Pintou-lhe com entusiasmo os encantos inocentes da natureza, mas Alice (sempre ingênua e confiante em outros terrenos) compreendeu

aonde ele queria chegar e recusou brutalmente. Ora, não era somente Alice que lhe resistia. Era, em pessoa (eternamente circunspecto e vigilante), o Deus de Alice.

Esse Deus tirava toda a sua substância de uma única idéia (não tinha outros desejos, outros pensamentos): a proibição de relações sexuais fora do casamento. Portanto, era sobretudo um Deus cômico, mas não caçoemos de Alice por isso. Dos dez mandamentos que Moisés transmitiu à humanidade, havia pelo menos nove com os quais sua alma não corria o menor perigo, pois Alice não tinha vontade nem de matar, nem de desonrar o pai, nem de desejar os maridos do próximo; apenas um mandamento lhe parecia mais difícil de cumprir e constituía conseqüentemente um verdadeiro desafio; era o sexto mandamento: *Não pecar contra a castidade*. Para efetivar, demonstrar e manifestar sua fé religiosa, era justamente para esse mandamento, e apenas para ele, que devia dirigir toda a sua atenção. Fora assim que, de um Deus vago, difuso e abstrato, ela havia feito um Deus perfeitamente determinado, acessível e concreto: *Deus Antifornicador*.

Mas pergunto a vocês onde começa exatamente a fornicação. Cada mulher estabelece esse limite segundo critérios absolutamente misteriosos. Alice se deixava facilmente beijar por Eduardo e depois de inúmeras tentativas por parte dele acabou consentindo que Eduardo acariciasse seus seios, mas, no meio do corpo, traçava um linha de demarcação rigorosa e absolutamente intransponível, abaixo da qual se estendia o território das santas interdições, o território da desobediência a Moisés e da cólera divina.

Eduardo começou a ler a Bíblia e a estudar os fundamentos da teologia; decidira enfrentar Alice com suas próprias armas.

— Minha querida Alice — disse-lhe depois —, nada é proibido a quem ama a Deus. Quando desejamos uma coisa, nós a desejamos por sua graça. Cristo só desejava uma coisa: que fôssemos guiados pelo amor.

— Sem dúvida — disse Alice —, mas não pelo amor que você imagina.

— Só existe um amor — disse Eduardo.

— Para você, isso resolve tudo, hem? — disse Alice. — Só que Deus estabeleceu certos mandamentos e nós devemos nos submeter a eles.

— Sim, o Deus do Antigo Testamento — disse Eduardo. — Mas não o Deus dos cristãos.

— Como? Só existe um Deus — replicou Alice.

— Sim — disse Eduardo —, só que os judeus do Antigo Testamento não o concebiam exatamente como nós. Antes da vinda de Cristo, o homem devia acima de tudo se sujeitar a um sistema determinado de leis e mandamentos divinos. Aquilo que se passava em sua alma não contava tanto. Mas Cristo considerou todas essas interdições e todas essas injunções como algo superficial. O que havia de mais importante, a seus olhos, era o homem tal qual ele é no fundo do seu ser. A partir do momento em que o homem segue o impulso de seu ser fervoroso e crente, tudo o que ele faz é bom e agrada a Deus. É por isso que São Paulo dizia: tudo é puro para os puros.

— Com a condição de que se seja puro — disse Alice.

— E Santo Agostinho dizia — continuou Eduardo: — Ame a Deus e faça o que quiser. Compreende, Alice? Ame a Deus e faça o que quiser.

— Só que o que você quer não é aquilo que eu quero — respondeu Alice, e Eduardo compreendeu que dessa vez sua ofensiva teológica tinha fracassado completamente; por isso disse:

— Você não me ama.

— Amo — replicou Alice com terrível laconismo. — É por essa razão que não quero que façamos uma coisa que não devemos fazer.

Como já disse, foram semanas de sofrimento. E o sofrimento era ainda mais vivo porque o desejo que Eduardo sentia por Alice não era apenas o desejo de um corpo por outro corpo; ao contrário, ele estava ainda mais triste e infeliz por desejar muito mais o coração da moça, do qual seu corpo o afastava. Mas o corpo e o coração de Alice eram igualmente intratáveis; ambos eram igualmente frios, igualmente fechados sobre si mesmos e satisfeitos com a própria autonomia.

O que mais irritava Eduardo em Alice era seu imperturbável comedimento. Embora ele mesmo fosse um jovem mais inclinado à ponderação, pôs-se a sonhar com uma ação extrema que fizesse Alice sair dessa reserva. E como era arriscado demais provocá-la por excessos de blasfêmia e cinismo (aos quais sua natureza o compelia) teve de escolher excessos opostos (portanto, muito mais difíceis), que decorriam da atitude de Alice, mas que levariam essa atitude a tais extremos que ela teria

vergonha de sua própria reserva. Em outras palavras: Eduardo exibia uma devoção exagerada. Não perdia uma ocasião de ir à igreja (o desejo que sentia por Alice era mais forte do que o medo de ter aborrecimentos), comportando-se ali com insólita humildade. Ajoelhava-se sob o menor pretexto, enquanto Alice fazia suas orações e o sinal-da-cruz de pé a seu lado, pois tinha medo de puxar os fios das meias.

Um dia censurou-lhe a frieza de sua fé. Lembrou-lhe as palavras de Cristo: "Nem todos que me chamam Senhor entrarão no reino dos céus." Disse-lhe que sua fé era formal, exterior, frágil. Censurou-lhe a vida confortável. Acusou-a de estar muito contente consigo mesma. Censurou-a por não ver nada em torno, a não ser sua própria pessoa.

Enquanto falava (Alice não esperava esse ataque e se defendia sem convicção), avistou um crucifixo, uma velha cruz de bronze com um Cristo de ferro branco enferrujado, que se erguia no meio da rua. Soltou rapidamente seu braço do braço de Alice, deteve-se (para protestar contra a indiferença da moça e marcar o começo de sua nova ofensiva) e fez o sinal-da-cruz com agressiva ostentação. Mas não pôde ver o efeito que esse gesto produzia em Alice, pois, justamente nesse momento, enxergou a zeladora da escola na outra calçada. Ela o olhava. Eduardo compreendeu que estava perdido.

5

Seus receios se confirmaram dois dias depois, quando a zeladora o deteve no corredor e lhe anunciou em voz alta e clara que ele deveria apresentar-se no dia seguinte, ao meio-dia, na sala da diretora: — Precisamos falar com você, camarada.

Eduardo ficou preocupado. À noite, como de costume, foi encontrar-se com Alice, para passear com ela pelas ruas, mas renunciara a seu fervor religioso. Estava abatido e queria contar a Alice o que lhe estava acontecendo, mas não teve coragem, pois sabia que, para conservar seu detestável mas indispensável emprego, estava disposto a trair a Deus sem a menor hesitação, no dia seguinte. Portanto, não disse uma palavra sobre sua funesta convocação, e não pôde encontrar alívio. No dia seguinte, ao entrar na sala da diretora, sentiu-se abandonado por todos.

Quatro juizes o esperavam: a diretora, a zeladora, um colega de Eduardo (pequeno e de óculos) e um senhor (grisalho) que ele não conhecia e que os outros chamavam de camarada inspetor. A diretora convidou Eduardo a sentar-se e disse-lhe em seguida que o tinham convocado para uma conversa inteiramente amigável e officiosa, pois todos os camaradas estavam muito preocupados com a maneira pela qual Eduardo se comportava fora da escola. Dizendo isso, olhava para o inspetor e o inspetor balançava a cabeça em sinal de aprovação; em seguida dirigia o olhar ao professor de óculos, que não deixara de olhá-la atentamente durante todo esse tempo e que, assim que ela pousou o olhar sobre ele, começou um longo discurso. Disse que queríamos educar uma juventude sadia e isenta de preconceitos e que éramos inteiramente responsáveis por essa juventude, porque nós (os professores) lhes servíamos de exemplo; por isso não podíamos tolerar entre nós a presença de carolas; desenvolveu longamente essa idéa e terminou por declarar que a atitude de Eduardo era um escândalo para todo o estabelecimento.

Alguns minutos antes, Eduardo estava convencido de que renegaria seu Deus recém-descoberto e confessaria que, se se decidira a ir à igreja e a fazer publicamente o sinal-da-cruz, isso, na realidade, não passava de uma comédia. Mas agora que via a situação de frente sentia que era impossível confessar a verdade; não podia dizer a essas quatro pessoas tão sérias e exaltadas que elas se exaltavam por um mal-entendido, por uma bobagem. Compreendeu que, ao dizer-lhes isso, iria, contra a sua própria vontade, ridicularizar a seriedade deles, e compreendeu também que essas pessoas esperavam de sua parte apenas uma coisa: subterfúgios e desculpas, que estavam prontos para repelir. E compreendeu de relance, pois não tinha tempo de refletir, que o mais importante para ele, nesse momento, era permanecer próximo da verdade, ou, mais exatamente, próximo da idéa que essas pessoas tinham feito dele. Se quisesse, em certa medida, retificar essa idéa, também deveria, em certa medida, aceitá-la.

— Camaradas, posso falar com franqueza? — perguntou.

— Evidentemente — disse a diretora. — É para isso que está aqui.

— E vocês não vão ficar com raiva de mim?

— Diga o que tem a dizer — replicou a diretora.

— Muito bem, vou confessar tudo — disse Eduardo. — Creio realmente em Deus.

Levantou os olhos para os juizes e pôde constatar que pareciam todos aliviados; só a zeladora lhe gritou: — Nos dias de hoje, camarada? Na época atual?

Eduardo continuou: — Sabia que vocês iriam se aborrecer se eu contasse a verdade. Mas não sei mentir. Não me peçam para contar mentiras.

A diretora disse-lhe (calmamente): — Ninguém está lhe pedindo que minta. Você está certo em dizer a verdade. Mas eu queria é que me explicasse como pode acreditar em Deus, um jovem como você!

— Nos dias de hoje, quando mandamos foguetes para a Lua! — reforçou o professor, exaltado.

— Não posso fazer nada — disse Eduardo. — Não quero acreditar em Deus. De verdade. Não quero acreditar.

— Como não quer, se você acredita! — interveio o senhor de cabelos grisalhos (em tom excessivamente amável).

Eduardo repetiu a confissão com suavidade: — Não quero acreditar, e acredito.

O professor de óculos riu: — Mas existe uma contradição nisso!

— Camaradas, conto-lhes as coisas como são — disse Eduardo. — Sei perfeitamente que a fé em Deus nos afasta da realidade. Que seria do socialismo se todo mundo acreditasse que o universo está sob o poder de Deus? Ninguém faria nada, e todos se voltariam para Deus.

— Muito certo — aprovou a diretora.

— Ninguém jamais demonstrou a existência de Deus — declarou o professor de óculos.

Eduardo continuou: — A diferença entre a história da humanidade e a sua pré-história é que o homem tomou nas mãos o próprio destino e não tem mais necessidade de Deus.

— A fé em Deus conduz ao fatalismo — disse a diretora.

— A fé em Deus é um vestígio da Idade Média — disse Eduardo.

Em seguida a diretora disse ainda alguma coisa, depois o professor, depois Eduardo, depois o inspetor, e todas essas reflexões se completavam harmoniosamente, de maneira que, no fim, o professor de óculos não se conteve e tomou a palavra:

— Então por que você faz o sinal-da-cruz na rua, já que sabe tudo isso?

Eduardo pousou sobre ele um olhar infinitamente triste e: — Porque acredito em Deus — disse.

— Mas há nisso uma contradição — repetiu com regozijo o professor de óculos.

— Sim — disse Eduardo —, existe uma contradição entre o conhecimento e a fé. Reconheço que a fé em Deus conduz ao obscurantismo. Reconheço que seria melhor que Deus não existisse. Mas que posso fazer quando aqui, bem dentro de mim (dizendo isso, apontava o coração com o dedo), sinto que Ele existe? Por favor, camaradas, compreendam-me! Digo-lhes as coisas como são. É melhor que eu diga a verdade, não quero ser um hipócrita. Quero que vocês me conheçam tal como realmente sou. — E baixou a cabeça.

O professor tinha a vista curta. Não sabia que mesmo o revolucionário mais rigoroso acredita que a violência é apenas um mal necessário, enquanto o *bem* da revolução é a reeducação. Ele mesmo, que se convertera ao credo revolucionário de um dia para o outro, não inspirava absolutamente nenhum respeito à diretora, e não duvidava que, nesse instante, Eduardo, que acabara de se colocar à disposição de seus juízes, como um objeto de reeducação difícil mas maleável, era mil vezes mais interessante que ele. E, por não duvidar disso, entregava-se agora a um ataque brutal a Eduardo, declarando que homens como ele, que eram incapazes de renunciar a uma fé medieval, eram homens da Idade Média, que não tinham lugar na nova escola.

A diretora deixou que ele terminasse e chamou-o à ordem: — Não gosto que se façam rolar cabeças. O camarada foi sincero e nos disse a verdade. É uma coisa que devemos levar em conta. — Em seguida, virando-se para Eduardo: — Os camaradas têm evidentemente razão em dizer que um carola não pode educar nossa juventude. Então, diga você mesmo o que propõe.

— Não sei, camaradas — disse Eduardo com ar infeliz. Eis o que penso — disse o inspetor. — A luta entre o velho e o novo tem lugar não somente entre as classes, mas em cada indivíduo. É a esse combate que assistimos no camarada. Ele sabe, mas sua sensibilidade o leva para trás. Devemos ajudá-lo para que a razão prevaleça.

A diretora concordou. Em seguida: — Muito bem — disse.

Vou me ocupar dele pessoalmente.

6

Eduardo conseguira, assim, afastar o perigo imediato; o futuro de sua carreira de professor estava exclusivamente nas mãos da diretora, o que ele percebia, afinal de contas, com satisfação. Na verdade lembrava-se da observação do irmão, que lhe havia afirmado que a diretora sempre tivera um fraco por rapazes, e decidiu, com toda a instabilidade de sua segurança juvenil (exagerada num dia, no outro minada pela dúvida), sair vencedor da prova, conquistando, como homem, o favor de sua soberana.

Quando se dirigiu, alguns dias mais tarde, como fora combinado, à sala da diretora, tentou usar um tom desenvolto e aproveitou todas as oportunidades para introduzir na conversa uma observação mais íntima ou um elogio delicado, ou para sublinhar com discreta ambigüidade o caráter inusitado de sua situação, que era a de um homem à mercê de uma mulher. Mas não lhe foi permitido escolher o tom da conversa. A diretora falava de modo gentil, mas com extrema reserva; perguntou-lhe o que lia, indicou-lhe títulos de vários livros e recomendou-lhe que os lesse, pois queria inequivocamente realizar um trabalho de longo alcance sobre seu espírito. Por fim, convidou-o a ir à sua casa.

Essa reserva fora provocada pela segurança de Eduardo, e ele entrou no apartamento da diretora de cabeça baixa, sem a menor intenção de impor seu encanto masculino. Ela o fez sentar numa poltrona e iniciou a conversa em tom muito amistoso; perguntou-lhe o que queria: café, talvez? Ele disse que não. Então uma bebida alcoólica? Ele se sentiu constrangido. — Se você tiver conhaque... — Desconfiou imediatamente que dissera uma inconveniência. Mas a diretora respondeu amavelmente: — Não, não tenho

conhaque; tudo o que tenho é um pouco de vinho... — E trouxe uma garrafa pela metade, cujo conteúdo foi apenas suficiente para encher dois copos.

Depois disse que Eduardo não devia considerá-la um inquisidor. Todo mundo, é claro, tinha o direito de ter as convicções que julgasse certas; mas podia-se evidentemente avaliar (acrescentou logo) se uma determinada pessoa tinha ou não condições de ocupar um lugar no magistério; foi por isso que eles se viram na obrigação de convocar Eduardo (embora a contragosto) e de conversar com ele, e estavam muito satisfeitos (ela e o inspetor, pelo menos) por ele ter falado a verdade sem tentar negar nada. Depois ela falara longamente sobre Eduardo com o inspetor, e eles haviam decidido convocá-lo dentro de seis meses para uma nova entrevista; até lá, a diretora deveria, com sua influência, facilitar-lhe a evolução. E frisou uma vez mais que a ajuda que lhe queria dar não poderia ser outra coisa senão uma *ajuda amiga*, que ela não era nem um inquisidor, nem um policial. Em seguida falou do professor que atacara Eduardo com tanta violência, e disse: — Ele também tem problemas, e adora pôr os outros em apuros. A zeladora também anda espalhando por aí que você foi insolente e que teimou em manter suas posições. Ela acha que deveríamos despedi-lo da escola, e não há meios de fazê-la mudar de opinião. Evidentemente, não estou de acordo com ela, mas, por outro lado, é preciso compreendê-la. A mim também não agradaria muito confiar meus filhos a um professor que faz o sinal-da-cruz na rua, publicamente.

Foi assim que a diretora expôs a Eduardo, num fluxo contínuo de frases, ora as sedutoras possibilidades de sua clemência, ora as ameaçadoras possibilidades de seu rigor, e em seguida, para mostrar que aquele encontro era de fato um encontro amistoso, passou a outros assuntos. Falou de livros, levou Eduardo até a biblioteca, dissertou longamente sobre *L'âme enchantée*, de Romain Rolland, e ficou irritada porque ele não o lera. Em seguida perguntou-lhe se gostava da escola e, depois de uma resposta convencional, pôs-se a falar com loquacidade: disse que era grata ao destino por sua profissão, que gostava de seu trabalho na escola, porque educando crianças mantinha com o futuro contatos concretos e permanentes, e que afinal só o futuro podia justificar todo o sofrimento que existia. ("Sim", disse ela, "é preciso reconhecer que existe") em abundância em torno de nós. — Se eu não pensasse que vivo para alguma coisa maior do que minha própria vida, sem dúvida seria incapaz de viver.

Ao dizer essas palavras, pareceu de repente muito sincera, e Eduardo não compreendeu muito bem se ela queria fazer uma confissão ou inaugurar uma polêmica ideológica sobre o sentido da vida; mas preferiu ver nessas palavras uma alusão pessoal e perguntou com voz abafada e discreta:

— E a sua vida, em si mesma?

— Minha vida? — repetiu a diretora.

— É, a sua vida. Ela não poderia satisfazê-la?

Um sorriso amargo desenhou-se no rosto da diretora, e Eduardo quase teve piedade dela. Era de uma feiúra comovente; os cabelos negros enquadravam um rosto ossudo e comprido, e os pêlos negros sob o nariz formavam o relevo de um bigode. Compreendeu imediatamente toda a tristeza de sua vida; viu os traços ciganos que revelavam uma sensualidade ávida, e viu ao mesmo tempo a sua feiúra, que revelava a impossibilidade de saciar essa avidez; ele a imaginava metamorfoseando-se com paixão na estátua viva da dor no dia da morte de Stalin, assistindo com paixão a milhares de reuniões, lutando com paixão contra o pobre Jesus, e compreendeu que tudo isso era apenas um triste escoadouro para seu desejo, que não podia escoar de outra maneira. Eduardo era jovem e sua faculdade de compaixão ainda não se esgotara. Olhou a diretora com compreensão. Mas, como se tivesse vergonha de seu silêncio involuntário, ela disse com voz que se pretendia alegre:

— De qualquer maneira, o problema não é esse, Eduardo. Não se vive só para si. Vive-se sempre para alguma coisa. — Olhou-o mais profundamente nos olhos. — Mas trata-se de saber para quê. Se é para alguma coisa de real ou para alguma coisa de fictício. Deus é uma bela ficção. Mas o futuro do homem, Eduardo é uma realidade. E foi para essa realidade que vivi, que sacrifiquei tudo.

Também essas frases eram pronunciadas com tal convicção que Eduardo não parava de sentir aquele inesperado sentimento de compaixão que despertara nele momentos antes; pareceu-lhe estúpido mentir tão descaradamente a seu próximo, e achou que o tom mais íntimo que tomava a conversa oferecia-lhe finalmente a ocasião de renunciar à sua indigna (e difícil) mentira.

— Estou inteiramente de acordo com você — apressou-se em afirmar.
— Eu também dou mais importância à realidade. Sabe, não se deve levar

muito a sério a minha devoção!

Mas percebeu logo que não podemos nos deixar levar por uma brusca mudança de sensibilidade. A diretora olhou-o com ar surpreso e disse com evidente frieza: — Deixe de fingimento. O que me agradou em você foi sua franqueza. Nesse momento, você está tentando se fazer passar pelo que não é.

Não, não era permitido a Eduardo ver-se livre do disfarce religioso que um dia vestira; resignou-se imediatamente e esforçou-se para apagar a má impressão que acabara de produzir. — Não, eu não queria me contradizer. É claro que acredito em Deus, nunca poderia negá-lo. Queria apenas dizer que também acredito no futuro da humanidade, no progresso, em tudo isso. Se não acreditasse, para que serviria todo o meu trabalho de professor? Para que serviria que nascessem crianças? Para que serviria toda a nossa vida? Acabo de pensar que é também vontade de Deus que a sociedade melhore continuamente. Que é possível acreditar ao mesmo tempo em Deus e no comunismo, que as duas coisas são conciliáveis.

— Não — disse a diretora com autoridade maternal. — As duas coisas são inconciliáveis.

— Eu sei — disse Eduardo com tristeza. — Não fique zangada comigo.

— Não estou zangada com você. Você ainda é jovem e se agarra obstinadamente às suas convicções. Ninguém pode compreendê-lo tão bem quanto eu. Sei o que é a juventude. E é justamente a juventude que aprecio em você. Eu o acho simpático.

Enfim acontecera. Nem mais cedo nem mais tarde, mas justamente agora, exatamente no momento certo. (No momento certo que não foi escolhido por Eduardo, e do qual Eduardo, como se vê, não foi senão o pretexto que permitiu que ele acontecesse.) Quando a diretora disse que o achava simpático, respondeu com uma voz mais para neutra:

— Também a acho simpática.

— De verdade?

— De verdade.

— Ora! Uma velha como eu — replicou a diretora.

Eduardo só pôde responder: — Isso não é verdade.

— É, sim — disse a diretora.

Mais uma vez Eduardo só pôde responder, muito rapidamente: — Você não é nem um pouco velha. É bobagem dizer isso.

— Você acha?

— E além do mais, você me agrada muito.

— Não minta. Você sabe que não deve mentir.

— Não estou mentindo. Você é bonita.

— Bonita? — disse a diretora com um muxoxo incrédulo.

— Sim, bonita — repetiu Eduardo. E como temesse a flagrante mentira dessa afirmação, apressou-se em apoiá-la com argumentos: — As morenas como você me agradam.

— Você gosta de morenas? — perguntou a diretora.

— Loucamente — disse Eduardo.

— E como é que nunca veio me ver desde que chegou na escola? Tinha a impressão que você me evitava.

— Eu tinha receio. Todo mundo ia dizer que eu a estava bajulando. Ninguém ia acreditar que ia vê-la simplesmente porque você me agradava.

— Você não tem mais o que temer — disse a diretora. — Agora está *decretado* que devemos nos ver de vez em quando.

Ela o olhou nos olhos com suas grandes íris castanhas (reconheçamos que não eram destituídas de beleza), e, quando ele se despediu, acariciou-lhe ligeiramente a mão, de modo que o estabanado partiu com uma estimulante sensação de vitória.

7

Eduardo estava convencido de que levara vantagem nesse caso penoso, e no domingo seguinte foi à igreja em companhia de Alice com insolente desenvoltura; mais ainda, tinha recuperado toda a sua segurança, pois (mesmo que essa idéia só desperte em nós um sorriso de compaixão) o

episódio de sua visita à diretora fornecia-lhe, em retrospectiva, uma prova evidente de seu encanto viril.

Aliás, nesse domingo, ao chegar à igreja notou que Alice mudara: assim que se encontraram, ela tomou-lhe o braço e não o largou mais, mesmo na igreja; em geral, mostrava-se discreta e reservada, mas nesse dia virava-se para todos os lados, e acenou, sorridente, com a cabeça, para uma dezena de amigos e conhecidos.

Era estranho e Eduardo não entendeu nada.

Dois dias depois, quando passeavam pelas ruas escuras, Eduardo percebeu com estupor que os beijos de Alice, normalmente tão frios e sem vida, estavam de repente mais úmidos, mais quentes, mais ardentes. Quando pararam junto a um poste de luz, distinguiu dois olhos amorosos que o olhavam.

— Eu amo você, se quer saber — disse Alice à queima-roupa. E logo tapou-lhe a boca: — Não, não diga nada. Estou envergonhada. Não quero ouvir nada.

Deram mais alguns passos, depois pararam e Alice disse:

— Agora compreendo tudo; compreendo por que você censurava a minha falta de devoção.

Mas Eduardo não compreendia nada e preferiu calar-se; deram mais alguns passos e Alice continuou: — E você não me disse nada. Por que não disse nada?

— E o que queria que eu dissesse? — perguntou Eduardo.

— É bem você — disse ela com tranqüilo entusiasmo. — Se fosse outro, contaria vantagens, mas você, não, você se cala. É justamente por isso que eu o amo.

Eduardo começava a compreender de que se tratava, mas:

— De que você está falando? — perguntou.

— Do que aconteceu com você.

— E como é que você soube disso?

— Ora, todo mundo sabe! Eles o chamaram, o ameaçaram, e você zombou deles. Não negou nada. Está todo mundo admirando você.

— Mas eu não disse nada a ninguém.

— Não seja ingênuo. Essas coisas se espalham. Afinal de contas, não foi coisa de pouca importância. Você acha que hoje em dia ainda existe alguém que tenha um pouco de coragem?

Eduardo sabia que numa cidade pequena o menor acontecimento se transforma rapidamente em lenda, mas não podia imaginar que suas ridículas aventuras, às quais nunca dera demasiada importância, pudessem fazer brotar um mito; não compreendia muito bem até que ponto ele interessava a seus concidadãos, que, como todos sabem, adoram os mártires, pois estes confirmam e demonstram, em sua doce inatividade, que a vida oferece apenas uma alternativa: obedecer ou entregar-se ao carrasco. Ninguém duvidava que Eduardo seria entregue ao carrasco e todo mundo divulgava a notícia com admiração e satisfação, de maneira que Eduardo se encontrava agora, por intermédio de Alice, diante da esplêndida imagem de sua própria crucificação. Reagiu com sangue-frio e disse: — Claro, não neguei nada. Mas não há nada de extraordinário nisso. Qualquer pessoa teria feito o mesmo.

— Qualquer pessoa? — exclamou Alice. — Olhe em torno e veja como as pessoas se comportam! São covardes! Renegariam a própria mãe!

Eduardo se calou, e Alice também. Andavam de mãos dadas. Em seguida Alice disse em voz baixa: — Eu faria qualquer coisa por você.

Era uma frase que até então ninguém dissera a Eduardo; essa frase era um dom do céu. Certamente Eduardo não ignorava que era um presente imerecido, mas pensava que, já que a sorte lhe recusava os presentes que merecia, tinha o direito de aceitar aqueles que não merecia. Disse: — Ninguém pode fazer nada por mim.

— Como assim? — murmurou Alice.

— Vão me expulsar da escola, e esses que falam de mim como de um herói não vão mexer nem um dedo por mim. Existe apenas uma coisa de que estou certo: no final vou ficar completamente só.

— Não — disse Alice balançando a cabeça.

— Vou, sim — disse Eduardo.

— Não — repetiu Alice quase gritando.

— Todo mundo me abandonou.

— Eu não vou abandoná-lo nunca — disse Alice.

— Você acabará me abandonando, você também — disse Eduardo com tristeza.

— Nunca na vida — disse Alice.

— Não, Alice — disse Eduardo. — Você não me ama, você nunca me amou.

— Não é verdade — murmurou Alice, e Eduardo viu com satisfação que ela tinha os olhos úmidos.

— Não, Alice. Essas coisas a gente sente. Você sempre foi fria demais comigo. Uma mulher que ama não se comporta assim. Eu sei. E agora você está sentindo compaixão por mim, porque sabe que querem me destruir. Mas você não me ama, e não quero que ponha falsas idéias na cabeça.

Os dois se calaram e continuaram andando de mãos dadas. Alice chorava em silêncio, mas de repente parou e disse entre soluços: — Não, não é verdade. Você não tem o direito de dizer isso. Não é verdade.

— É, sim — disse Eduardo; e como Alice não parava de chorar, propôs que fossem ao campo no sábado seguinte. Num lindo vale, à beira do rio, seu irmão tinha um chalé onde poderiam ficar sozinhos.

Alice tinha o rosto banhado em lágrimas, e concordou em silêncio.

8

Isso se passou na terça-feira. Na quinta-feira seguinte, Eduardo foi novamente à casa da diretora, dirigindo-se para lá com uma segurança jovial, pois estava absolutamente convencido de que o encanto de sua pessoa faria esquecer definitivamente o problema da igreja, dispersando-o como uma nuvem de fumaça; mas é sempre o que acontece na vida: imaginamos representar um papel numa determinada peça e não percebemos que os cenários foram discretamente mudados, de modo que, sem saber, devemos atuar num outro espetáculo.

Estava sentado na mesma poltrona, em frente à diretora; entre eles, uma mesa baixa em que havia uma garrafa de conhaque com dois copos, um de cada lado. Essa garrafa de conhaque era justamente o novo acessório pelo qual um homem perspicaz e equilibrado teria compreendido imediatamente que o problema da igreja não estava mais em questão.

Mas o inocente Eduardo estava tão cheio de si que a princípio não se deu conta de nada. Participou com bom humor da conversa preliminar (sobre um tema vago e geral), esvaziou o copo que lhe foi oferecido e entediou-se da maneira mais honesta do mundo. No fim de meia hora ou de uma hora, a diretora desviou discretamente a conversa para assuntos mais pessoais; pôs-se a falar longamente de si mesma, e essas palavras tinham o intuito de colocar diante de Eduardo o personagem cujos traços ela queria ter: o personagem de uma mulher sensata, de idade madura, não muito feliz, mas digna e resignada com sua sorte, uma mulher que não lamentava nada e que até se felicitava por não ter se casado, pois do contrário não poderia saborear plenamente o gosto maduro de sua independência e as satisfações de sua vida particular no lindo apartamentinho onde se sentia feliz e onde esperava que Eduardo não se sentisse mal.

— Não — disse Eduardo. — Eu me sinto muito bem aqui. — E disse isso com a voz estrangulada, pois de repente se sentia pouco à vontade. A garrafa de conhaque (à qual aludira vagamente por ocasião de sua primeira visita e que aparecera sobre a mesa com uma rapidez ameaçadora), as quatro paredes do apartamento (que delimitavam um espaço cada vez mais apertado e cada vez mais fechado), o monólogo da diretora (que se concentrava em temas cada vez mais pessoais) e também seu olhar (perigosamente fixo nele), tudo isso o fez perceber pouco a pouco a *mudança de programa*; percebeu que se colocara numa situação cuja evolução era inevitável; e compreendeu claramente que o que colocava em perigo sua carreira não era a antipatia da diretora por ele, mas, ao contrário, a repugnância física que sentia por essa mulher magra, com penugem sob o nariz, que o encorajava a beber. Sentia a garganta apertada.

Obedeceu à diretora e esvaziou o copo, mas, agora, a angústia era tão forte que o álcool não fez nenhum efeito. Em compensação, a diretora, que já esvaziara vários copos, tinha abandonado definitivamente sua reserva habitual, e suas palavras estavam carregadas de uma exaltação quase ameaçadora: — Há uma coisa que invejo em você — disse ela. — É sua

juventude. Você ainda não pode saber o que é a decepção, a desilusão. Ainda vê o mundo com as cores da esperança e da beleza.

Inclinou o rosto na direção do rosto de Eduardo, por cima da mesa baixa e, num silêncio melancólico (com um sorriso crispado), fixou nele uns olhos terrivelmente grandes. Enquanto isso, ele pensava que, se não conseguisse se embriagar um pouco, a noite terminaria para ele em terrível fiasco. Derramou conhaque no copo e bebeu depressa, de um só gole.

E a diretora continuava: — Mas quero vê-lo com as mesmas cores, com as mesmas cores que você! — Em seguida levantou-se da poltrona, encheu o peito e disse: — Não é verdade que sou uma mulher antipática! Não é? — E deu a volta na mesa, segurando Eduardo pela manga: — Não é?

— Não — respondeu Eduardo.

— Venha, vamos dançar — disse ela. — Largou a mão de Eduardo e dirigiu-se para o botão do rádio, que girou até encontrar uma música de dança. Depois apresentou-se sorridente diante de Eduardo.

Ele levantou-se, segurou a diretora e a conduziu pela sala ao ritmo da música. A diretora encostava ternamente a cabeça em seu ombro ou a levantava de repente para olhar Eduardo nos olhos, ou então cantarolava a melodia em voz baixa.

Eduardo estava tão pouco à vontade que largou diversas vezes a diretora para beber. Seu mais vivo desejo era pôr fim ao horror daquele interminável prelúdio, e ao mesmo tempo temia esse fim, pois o horror que se seguiria ainda lhe parecia pior. Continuou então a guiar através da sala a mulher que cantarolava, aguardando (com impaciência angustiada) o desejado efeito do álcool. Quando afinal teve a impressão de que seus sentidos estavam suficientemente embaralhados pelos vapores do conhaque, apertou a diretora contra o próprio corpo com uma das mãos, e colocou a outra em seu seio.

Sim, acabara de fazer o gesto do qual só a idéia o apavorava desde o começo da noite. Não sei o que teria dado para não ter de fazê-lo, e se o fez assim mesmo, acreditem, é porque foi realmente *obrigado* a fazê-lo. A situação em que se metera desde o começo da noite não oferecia nenhuma escapatória; podia-se sem dúvida retardar o seu curso, mas era impossível detê-la, de maneira que, colocando a mão no seio da diretora, Eduardo não

fazia outra coisa senão obedecer às injunções de uma inelutável necessidade.

Mas as conseqüências de seu gesto ultrapassaram todas as previsões. Como num passe de mágica, a diretora começou a se torcer entre seus braços, depois pressionou contra a boca do rapaz seu peludo lábio superior. Em seguida empurrou-o para o divã e, com gestos convulsos e suspiros profundos, mordeu-lhe o lábio e a ponta da língua, machucando muito Eduardo. Depois desvencilhou-se de seus braços, disse: — Espere! — e correu para o banheiro.

Eduardo lambeu o dedo e constatou que sua língua sangrava ligeiramente. A dentada fora tão dolorosa que a embriaguez conseguida com dificuldade desapareceu, e ele sentiu de novo a garganta apertar ao pensar no que o esperava. Um grande barulho de água vinha do banheiro. Agarrou a garrafa de conhaque, levou-a aos lábios e bebeu um longo trago.

Mas a diretora já havia aparecido no umbral da porta, vestida com uma camisola transparente (ornada de rendas no peito), e avançava lentamente para Eduardo. Prendeu-o nos braços. Em seguida afastou-se e: — Por que você está vestido? — perguntou em tom de censura.

Eduardo tirou o paletó, sempre olhando a diretora (que fixava nele os grandes olhos), e só conseguia pensar numa coisa: que seu corpo ia muito provavelmente sabotar o esforço de sua vontade. Eis por que, unicamente preocupado em fustigar o desejo, disse com a voz trêmula: — Tire a roupa toda.

Com um movimento brusco, com fervor dócil, ela tirou a camisola, mostrando uma frágil silhueta branca onde os espessos pêlos negros se destacavam num triste abandono. Ela se aproximou lentamente de Eduardo e ele percebeu com pavor o que já sabia de antemão: seu corpo estava literalmente paralisado pela angústia.

Eu sei, senhores, que com os anos os senhores se habituaram às desobediências provisórias de seus corpos e que isso não os inquieta absolutamente. Mas compreendam! Eduardo era jovem naquela época! A sabotagem de seu corpo o precipitava cada vez mais num pânico terrível e ele considerava aquilo como um estigma irremediável, quer tivesse como testemunha um rosto bonito ou uma cara tão feia e cômica como a da diretora. E a diretora estava apenas a um passo de distância, e ele,

apavorado, não sabendo o que fazer, disse de repente, sem nem saber como (era mais o resultado de um impulso do que de uma manobra calculada):

— Não, não! Meu Deus, não! É um pecado, seria um pecado! — E afastou-se com um salto.

Mas a diretora se aproximou dele murmurando: — Que pecado? Não existe pecado!

Eduardo se refugiou atrás da mesa à qual haviam sentado alguns minutos antes e: — Não, não tenho o direito, não tenho o direito — disse.

A diretora afastou a poltrona que lhe barrava a passagem e continuou a se aproximar de Eduardo, sem tirar dele os grandes olhos negros: — Não existe pecado! Não existe pecado!

Eduardo contornou a mesa; não havia nada atrás dele, a não ser o divã. A diretora estava muito perto; não podia mais escapar, e foi sem dúvida o desespero supremo que, naquele segundo sem saída, fez com que ele lhe ordenasse:

— De joelhos!

Ela o olhou sem compreender, e quando, com voz desesperada, mas firme, ele repetiu: "De joelhos!", ela se ajoelhou diante dele com fervor e lhe abraçou as pernas.

— Largue-me — gritou ele. — Junte as mãos! De novo ela o olhou sem compreender.

— Junte as mãos! Ouviu o que eu disse? Ela juntou as mãos.

— Reze! — ordenou ele.

Ela estava de mãos postas e levantava para ele olhos fervorosos.

— Reze! Para que Deus nos perdoe! — gritou ele.

Ela estava de mãos postas e o olhava com seus grandes olhos, de modo que Eduardo, além de ganhar um tempo precioso, começou a perder, na posição em que estava, examinando-a do alto, a dolorosa sensação de ser apenas uma presa, e recuperou a segurança. Afastou-se para vê-la inteira, e repetiu a ordem: — Reze!

E como a diretora continuasse calada, gritou: — Em voz alta!

E de fato a mulher ajoelhada, magra e nua, pôs-se a recitar: — "Pai Nosso que estais no céu, santificado seja o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino..."

Ao pronunciar as palavras da oração, ela levantava os olhos para Eduardo como se ele fosse o próprio Deus. Ele a observava com um prazer crescente: tinha diante de si, de joelhos, a diretora humilhada por um subordinado; tinha diante de si a revolucionária humilhada pela oração, tinha diante de si uma mulher rezando, humilhada pela nudez.

Essa tríplice imagem da humilhação o embriagava e ocorreu uma coisa inesperada: seu corpo pôs fim à sua resistência passiva; Eduardo estava emocionado!

No momento em que a diretora disse: "Mas não nos deixeis cair em tentação", ele se livrou depressa de toda a roupa. Quando ela disse "Amém", levantou-a com violência e arrastou-a para o divã.

9

Isso foi na quinta-feira. No sábado, Eduardo levou Alice para o campo, para a casa de seu irmão. Este os acolheu amavelmente e emprestou-lhes a chave do chalé.

Os dois namorados passaram a tarde inteira passeando nos bosques e nos prados. Beijavam-se e Eduardo podia constatar, com as mãos satisfeitas, que a linha imaginária, traçada na altura do umbigo para separar a zona da inocência da zona do pecado, tinha perdido todo o valor. Seu primeiro movimento foi confirmar com palavras esse acontecimento tão longamente esperado, mas hesitou e compreendeu que era melhor se calar.

Era sem dúvida prudente de sua parte: a brusca mudança de Alice não tinha, realmente, nada a ver com o esforço que Eduardo fazia há semanas para convencê-la, nada tinha a ver com a argumentação racional de Eduardo. Ao contrário, estava fundada exclusivamente sobre a notícia do martírio de Eduardo, portanto sobre um *erro*, e entre esse erro e a conclusão que Alice tirara não havia nenhuma relação lógica, pois, refletamos um minuto: por que o fato de Eduardo ter permanecido fiel à fé até o martírio deveria incitar Alice a transgredir a lei divina? Deveria ela trair Deus diante

de Eduardo porque Eduardo tinha se recusado a traí-Lo diante da comissão de inquérito?

Nessas condições, a menor reflexão poderia revelar a Alice o caráter ilógico de sua atitude. Portanto, Eduardo fazia bem em se calar, e seu mutismo nem foi notado, pois a própria Alice falava bastante, estava alegre e nada indicava que a reviravolta que se tinha operado em sua alma tivesse sido dramática ou dolorosa.

Quando veio a noite, eles voltaram para o chalé, acenderam a luz, desfizeram a cama, beijaram-se e Alice pediu a Eduardo que apagasse a luz. Mas, como pela janela entrasse a penumbra da noite, Eduardo, a pedido de Alice, teve também de fechar as venezianas. Foi numa obscuridade completa que Alice se despiu e se entregou a ele.

Ele esperara por esse instante durante tantas semanas e, coisa estranha, agora que ele finalmente se realizava, sua importância não correspondia absolutamente ao tempo de espera. O ato do amor aparentava, ao contrário, ser tão fácil e tão natural que Eduardo quase não conseguia se concentrar nele, e em vão tentava afastar os pensamentos que lhe passavam pela cabeça: lembrava as longas e inúteis semanas em que Alice o atormentara com sua frieza; lembrava todos os aborrecimentos que ela lhe causara na escola, e, em vez de ficar reconhecido por ela se entregar a ele, sentiu uma espécie de rancor e de raiva. Indignava-se por ela ter traído, tão facilmente e sem remorsos, seu Deus Antifornicador ao qual dedicava antes um culto fanático; indignava-se ao ver que nada podia fazer com que ela perdesse seu belo equilíbrio, indignava-se por ela viver tudo isso sem sofrimento interior, segura de si, sem problemas. E, quando ficou sob o domínio dessa indignação, esforçou-se por amá-la com violência e com raiva, por arrancar dela um grito, um gemido, uma palavra, uma queixa, mas não conseguiu. A moça ficou muda, e apesar de todos os esforços de Eduardo, o corpo-a-corpo dos dois terminou sem grandes emoções e em silêncio.

Ela se aconchegou então contra seu peito e adormeceu rapidamente, mas Eduardo ficou muito tempo acordado e viu que não sentia nenhuma alegria. Tentava imaginar Alice (não sua aparência física, mas se possível seu ser em toda a plenitude) e disse a si mesmo que na realidade ela não era para ele senão uma visão *difusa*.

Vamos nos deter um instante nessa palavra: Alice, tal qual se mostrara a ele até o presente, era a seus olhos, apesar da ingenuidade, um ser sólido, de contornos bem delineados. A bela simplicidade de seu físico parecia corresponder à simplicidade elementar de sua fé, e a simplicidade de seu destino parecia ser a razão de sua atitude. Até então Eduardo a considerara um ser monolítico e coerente: apesar de caçoar dela, amaldiçoá-la, cercá-la com suas espertezas, não podia fazer outra coisa (contra sua própria vontade) senão respeitá-la.

Mas eis que a armadilha da falsa notícia (armadilha que ele não havia premeditado) quebrava a coerência desse personagem, e Eduardo dizia a si mesmo que as idéias de Alice eram na realidade apenas uma coisa que *revestia* seu destino, e que seu destino era apenas uma coisa que revestia seu corpo, e não via mais nela senão um conjunto fortuito formado por um corpo, idéias e uma biografia, conjunto inorgânico, arbitrário e transitório. Pensava em Alice (que respirava profundamente na curva de seu ombro) e via de um lado seu corpo e de outro suas idéias; o corpo lhe agradava, as idéias lhe pareciam ridículas, e corpo e idéias não formavam nenhuma unidade; ele a via como uma linha absorvida numa folha de mata-borrão: sem contornos, sem forma.

Sim, o corpo lhe agradava realmente. Quando Alice se levantou de manhã, ele a obrigou a continuar nua, e ela que, ainda na véspera, tinha insistido para que as venezianas fossem fechadas, pois a luz pálida das estrelas a incomodava, agora esquecia seu pudor. Eduardo a examinava (ela saltitava alegremente à procura de um pacote de chá e de biscoitos para o café da manhã), mas ela percebeu no fim de um instante que ele tinha um ar preocupado. Perguntou-lhe o que havia, e ele respondeu que tinha de ir ver seu irmão depois do café.

Quando o irmão lhe perguntou como iam as coisas na escola, Eduardo respondeu que não iam mal, e o irmão lhe disse: — Essa Cechackova é uma suja, mas já a perdoei há muito tempo. Perdoei-a porque ela não sabia o que estava fazendo. Ela queria me prejudicar, mas graças a ela sou feliz. Ganho melhor a vida como agricultor, e o contato com a natureza me salva do ceticismo ao qual sucumbem as pessoas nas cidades.

— A mim também essa boa mulher deu sorte — disse Eduardo com ar pensativo, e contou ao irmão que se apaixonara por Alice, que fingira acreditar em Deus, que fora obrigado a comparecer diante de uma

comissão, que a Srta. Cechackova quisera reeducá-lo e que Alice finalmente se entregara a ele, tomando-o por um mártir. Mas não contou até o fim como obrigara a diretora a recitar o *Pater Noster*, pois julgou perceber uma censura no olhar do irmão. Calou-se, e o irmão lhe disse:

— Tenho defeitos, sem dúvida, mas estou certo de uma coisa: nunca menti e sempre disse aos outros aquilo que pensava na cara deles.

Eduardo gostava muito do irmão, e sua desaprovação o magoava. Quis se justificar, e os dois começaram a discutir. Por fim, Eduardo lhe disse:

— Sei que você sempre foi um tipo correto e que se orgulha disso. Mas faça a si mesmo uma pergunta: *por que* dizer a verdade? O que nos obriga a isso? E por que devemos considerar a sinceridade uma virtude? Suponhamos que você encontre um louco que afirme que é um peixe e que todos nós somos peixes. Você vai brigar com ele? Vai tirar a roupa diante dele para mostrar que não tem nadadeiras? Vai lhe dizer na cara o que pensa? Vamos, responda!

O irmão calou-se, e Eduardo continuou: — Se você lhe dissesse apenas a verdade, o que realmente pensa dele, isso significa que estaria concordando em ter uma discussão séria com um louco e que você mesmo é louco. Pois bem, é exatamente a mesma coisa com o mundo que nos cerca. Se você teima em lhe dizer a verdade de frente, isso significa que você o leva a sério. E levar a sério algo tão pouco sério é perder, você mesmo, toda a seriedade. No meu caso, veja só, eu *tenho* que mentir para não levar os loucos a sério e para eu mesmo não ficar louco.

10

O domingo terminou e os dois namorados tomaram o caminho de volta: estavam sós no compartimento do vagão (a jovem novamente falava sem parar) e Eduardo se lembrava de como se alegrara, ainda recentemente, com a idéia de que poderia encontrar no personagem facultativo de Alice uma seriedade que suas obrigações não poderiam jamais lhe oferecer, e compreendeu com tristeza (as rodas do trem batiam suavemente nas juntas dos trilhos) que a aventura amorosa que acabara de viver com Alice era derrisória, feita de acasos e de erros, desprovida de seriedade e de sentido;

escutava as palavras de Alice, observava seus gestos (ela apertava-lhe a mão) e dizia a si mesmo que eram sinais sem significado, cheques sem fundo, pesos feitos de papel e que ele não lhes poderia atribuir valor maior do que o valor que Deus poderia atribuir à prece da diretora nua; e viu de repente que todas as pessoas com quem convivia nessa cidade eram, na realidade, apenas linhas absorvidas numa folha de mata-borrão, seres com atitudes intercambiáveis, criaturas sem substância sólida; mas o que era pior, bem pior (disse subitamente a si mesmo), é que ele próprio não era senão uma sombra de todos esses personagens fantasmagóricos, pois esgotava todos os recursos de sua inteligência com o único objetivo de se adaptar a eles e de imitá-los, e por mais que os imitasse com um riso secreto, sem levá-los a sério, por mais que se esforçasse desse modo para ridicularizá-los secretamente (justificando assim seu esforço de adaptação), isso não mudava nada, pois uma imitação, mesmo maldosa, é sempre uma imitação; mesmo uma sombra que debocha continua sendo uma sombra, uma coisa secundária, derivada, miserável.

Era humilhante, terrivelmente humilhante. As rodas batiam idilicamente nas juntas dos trilhos (a moça tagarelava) e Eduardo perguntou:

— Alice, você está feliz?

— Estou — respondeu Alice.

— Pois eu estou desesperado — disse Eduardo.

— Ficou maluco? — perguntou Alice.

— Não devíamos ter feito isso. Não devíamos.

— O que está acontecendo? Foi você quem quis!

— Foi — disse Eduardo. — Mas foi meu maior erro, e Deus não vai me perdoar. Foi um pecado, Alice.

— Mas o que é que está acontecendo com você? — disse calmamente a moça. — Você não fazia outra coisa senão repetir que Deus quer o amor, acima de tudo o amor!

Quando Eduardo percebeu com que tranqüilidade Alice se apropriara de seu sofisma teológico, que ainda recentemente lhe fora de tão pouca valia no seu difícil combate, ficou furioso: — Disse isso para pôr você à prova.

Agora estou vendo como você é fiel a Deus! Mas quem é capaz de trair a Deus, acha mil vezes mais fácil trair um homem!

Alice encontrava sempre novas respostas para dar, mas teria sido melhor que não as tivesse encontrado, pois essas respostas só faziam atiçar a cólera vingadora de Eduardo. Ele falou muito tempo, falou tanto e tão bem (usou as palavras *sujeira* e *repulsa física*) que acabou por arrancar daquele rosto pacífico e terno (enfim!) um soluço, lágrimas e um gemido.

— Adeus — disse ele na estação, e deixou-a em prantos. Só depois de várias horas, quando estava em casa e quando a estranha cólera enfim se acalmou, foi que compreendeu todas as conseqüências do que acabara de fazer: lembrou-se daquele corpo que ainda pela manhã saltitava inteiramente nu à sua frente, e quando percebeu que ele mesmo havia escorraçado aquele belo corpo, chamou-se de imbecil e teve vontade de se esbofetear.

Mas o que estava feito, estava feito, e não se podia mudar mais nada.

Devemos aliás acrescentar, para sermos fiéis à verdade, que, se a idéia do belo corpo que lhe escapava causava certa tristeza a Eduardo, foi uma perda da qual logo se refez. Pouco depois de sua chegada à pequena cidade, sofrera a falta de amor físico, mas foi uma carência inteiramente provisória. Eduardo não iria mais sofrer com essa carência. Uma vez por semana ia ver a diretora (o hábito livrara seu corpo das angústias do começo) e decidira que iria à casa delas com regularidade enquanto as coisas não estivessem de todo esclarecidas na escola. Além disso, tentava, com sucesso crescente, seduzir diversas mulheres e moças. O que fez com que apreciasse ainda mais os momentos em que ficava só, e passou a gostar dos passeios solitários, em que algumas vezes aproveitava (por favor, mais uma vez prestem atenção a este detalhe) para ir à igreja.

Não, não temam, Eduardo não encontrou a fé. Não tenho intenção de coroar meu relato com um paradoxo tão evidente. Mas, mesmo estando quase certo de que Deus não existe, Eduardo se preocupa habitualmente, de modo nostálgico, com a idéia de Deus.

Deus é a própria essência, enquanto Eduardo (passaram-se muitos anos desde as suas aventuras com Alice e com a diretora) jamais encontrou nada de essencial nem em seus amores, nem em seu trabalho, nem em suas

idéias. Ele é honesto demais para admitir que encontra o essencial no não-essencial, mas é fraco demais para não desejar secretamente o essencial.

Ah, senhoras e senhores, como é triste viver quando não se pode levar nada a sério, nada e ninguém!

É por isso que Eduardo sente necessidade de Deus, pois somente Deus está livre da obrigação de *parecer* e pode contentar-se em *ser*; pois só Ele constitui (Ele só, único e não-existente) a antítese essencial deste mundo tanto mais existente quanto menos essencial é.

Por isso, Eduardo vem de vez em quando sentar-se na igreja e levanta olhos sonhadores em direção à cúpula. É num desses momentos que nos despedimos dele: a tarde cai, a igreja está silenciosa e deserta, Eduardo está sentado num banco de madeira e sente-se triste com a idéia de que Deus não existe. Mas nesse instante sua tristeza é tão grande que ele vê emergir de repente, de suas profundezas, o rosto real e vivo de Deus. Vejam! É verdade! Eduardo sorri! Sorri e seu sorriso é feliz...

Guardem-no na lembrança, por favor, com esse sorriso.

FIM

Escrito na Tcheco-Eslováquia
entre 1960 e 1968

Informações técnicas

Título Original: Směšné Lásky

Título Original dos Contos:

Nikdo se nebude smát

Zlaté jablko

Autostop

Symposium

At ustoupi starí mrtví mladým mrtvým

Doktor Havel po deseti

Edouard a Buh

© Éditions Gallimard, 1970

Tradução de: Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca

Revisão da tradução: Paula Maria Rosas e Edison Darci Heldt

Capa e foto: Victor Burton

Editora Nova Fronteira, 1985

Categoria: Ficção, Contos tchecos

Digitalização: SCS